

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Daniel Cordeiro Martins

HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO:

A Confessionalidade a partir do discurso ético

BELO HORIZONTE
2012

Daniel Cordeiro Martins

**HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO:
A Confessionalidade a partir do discurso ético**

Dissertação apresentada ao Programa de pós Graduação do Mestrado em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Aguiar

BELO HORIZONTE

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M386h Martins, Daniel Cordeiro
Homossexualidade e religião: a confessionalidade a partir do discurso ético
/ Daniel Cordeiro Martins. Belo Horizonte, 2012.
157f.: il.

Orientador: José Carlos Aguiar
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

1. Homossexualismo. 2. Sexualidade – Aspectos religiosos. 3. Ética. 4. Fé. I.
Aguiar, José Carlos. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 176.4

Daniel Cordeiro Martins

HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO:

A Confessionalidade a partir do discurso ético

Dissertação apresentada ao Programa de pós Graduação do Mestrado em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Prof. Dr. José Carlos Aguiar (Orientador) – PUC Minas

Prof. Dr. Amauri Carlos Ferreira - PUC Minas

Prof. Dr. Paulo Ferreira Bonfatti – CES

Belo Horizonte, 13 de julho de 2012

Aos meus pais: Antônio de Paula Martins e Geni Augusta Martins.

Ao meu irmão, Marco Aurélio.

Às minhas irmãs, Ilma, Inês, Walmira, Vânia e Valdete.

Ao meu amigo e irmão Júlio Cesar Rodrigues.

Aos amigos: André Duarte, Lucas Braga, Rodrigo Marques e Wesley Cardoso.

A todos os homossexuais.

AGRADECIMENTOS

Aos professores do Programa de pós-graduação em Ciências da religião da PUC Minas, pela dedicação e atenção.

Ao professor José Carlos Aguiar, pela orientação, pela paciência e insistência, pelo apoio e dedicação para a realização desse trabalho.

Ao Professor Amauri pela partilha, empréstimos de bibliografias e por seus comentários que muito contribuíram para ampliar o meu conhecimento acadêmico.

Aos companheiros de turma pela convivência, troca de experiências e indicações bibliográficas.

À Professora e Pedagoga Adriana Silva Aquino Martins, pelas partilhas e troca de experiências que contribuíram para a realização desse trabalho.

Ao Padre José Januário Moreira pelo incentivo e credibilidade no meu trabalho.

Ao doutor Paulo Telles que muito me auxiliou dentro de suas possibilidades.

À Sociedade Mineira de cultura que proporcionou a realização desse mestrado através de bolsa.

Às pessoas homossexuais que se dispuseram dar entrevista partilhando suas experiências de fé em suas comunidades cristãs.

A todos que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para esta construção.

“O ideal de Cristo Jesus é a união na pluralidade, mas a realidade da Igreja na área moral é divisão entre uns que olham para trás e outros que olham para frente. Falta a mesa redonda para começar um movimento de convergência em que as autoridades escutem e entendam melhor o que vive no coração do povo cristão e quais são suas condições de vida cotidiana”. (Bernardino Leers, 2010, p. 16).

RESUMO

A nossa pesquisa busca investigar a problemática da confessionalidade homossexual a partir do discurso ético. Apresentamos a partir da reflexão ética uma perspectiva sociocultural, compreendendo a homossexualidade como uma práxis humana para além da ideia de normatividade. Assim capaz de projetar novos horizontes de reflexão, que acentuam a responsabilidade e a liberdade do indivíduo, dando liberdade, no caso específico dos homossexuais, para que eles mesmos possam descobrir o significado da afetividade e sexualidade em relações mútuas. O desafio se encontra em criar espaços de adequação e correspondências em igualdade de direitos, e de espaços para viverem a experiência de fé. O caminho a ser percorrido é o de um diálogo franco, transcendendo a dicotomia secular entre objetividade da verdade da norma e a subjetividade das consciências. Partindo da visão ética e a norma moral como expressão da verdade é mais do que um meio de organizar a sociedade e controlá-la, devendo se constituir como objeto de busca sincera de convivência na liberdade e na igualdade.

Palavras-chave: Sexualidade. Homossexualidade. Ética. Confessionalidade. Fé.

ABSTRACT

Our research investigates the problem of homosexual confessionality from ethical discourse. Here is the ethical reflection from a sociocultural perspective, understanding homosexuality as a human praxis beyond the idea of normativity. Thus able to design new horizons of reflection, stressing the responsibility and freedom of the individual, giving freedom, in the specific case of homosexuals, so that they themselves can discover the meaning of affectivity and sexuality in mutual relations. The challenge lies in creating spaces for fitness and correspondences with equal rights, and space to live the experience of faith. The way to go is to open dialogue, transcending the dichotomy between secular norm of objectivity of truth and subjectivity of consciousness. Starting from the standard moral and ethical vision as an expression of truth is more than a means of organizing society and control it, should be constituted as an object of sincere pursuit of coexistence in freedom and equality.

Keywords: Sexuality. Homosexuality. Ethics. Confessionality. Faith

LISTA DE SIGLAS

ABRACEH – Associação Brasileira de Apoio às Pessoas que Voluntariamente desejam Deixar a Homossexualidade.

ACAR – Associação de Créditos e assistência Rural

AT – Antigo Testamento

CEGAL – Comunidade Cristiana Ecuménica Gays e Lesbicas

CIC – Catecismo da Igreja Católica

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CPDF – Congregação para Doutrina da Fé

CPPC – Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos

CODAR – Conselho Divinapolitano de Assistência Rural

DCD – Diaconía Cristiana em La Diversidad

FAJE – Faculdade Jesuíta

IELB – Igreja Evangélica Luterana do Brasil

ISTA – Instituto Santo Tomás de Aquino

LGBTT – Gays, Lesbicas, Transexuais, Transgêneros e Bissexuais

ICA _ Igreja Católica Americana

ICM – Igreja da Comunidade Metropolitana

MOSES – Movimento pela Sexualidade Sadia

NT – Novo Testamento

OMS – Organização Mundial de Saúde

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SBTM – Sociedade Brasileira de Teólogos Moralistas

SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião

STF – Supremo Tribunal Federal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 BREVE HISTÓRICO DA HOMOSSEXUALIDADE.....	17
2.1 A homossexualidade na antiguidade.....	17
2.2 A homossexualidade na cultura bíblica.....	23
2.3 A homossexualidade no período Patrístico e na Idade Média.....	34
2.4 A homossexualidade no período da “modernidade”, séculos XVI ao XIX.....	41
2.5 A homossexualidade a partir dos séculos XIX e XX: novos olhares, novos termos e novos conceitos.....	44
2.6 O século XXI.....	50
3 ÉTICA, SEXUALIDADE, IDENTIDADE SEXUAL E A QUESTÃO DE GÊNERO.....	53
3.1 Ética: liberdade e reciprocidade na permanente busca da felicidade humana	53
3.1.1 <i>O princípio ético do amor como dever.....</i>	<i>57</i>
3.1.2 <i>O princípio ético da liberdade como caminho para a igualdade.....</i>	<i>50</i>
3.2 Sexualidade e ética Sexual.....	62
3.3 A homossexualidade: uma nuvem carregada de obscuridades.....	72
3.3.1 <i>A homossexualidade no discurso da sociologia.....</i>	<i>75</i>
3.3.2 <i>A homossexualidade na perspectiva antropológica.....</i>	<i>75</i>
3.3.3 <i>A visão da psicologia em relação à homossexualidade.....</i>	<i>76</i>
3.3.4 <i>A homossexualidade em movimentos.....</i>	<i>81</i>
4 HOMOSSEXUALIDADE E ÉTICA CRISTÃ DA LIBERTAÇÃO EM BERNARDINO LEERS.....	82
4.1 Frei Bernardino Leers: ironia socrática e ternura evangélica.....	86
4.2 A ética como agir multiforme da pessoa humana e crise da moral tradicional	87
4.3 Homossexual e confissão da fé Cristã.....	91
4.4 Ética da libertação: caminho para viver a liberdade.....	95
4.5 Pontos e contrapontos: a (im)possibilidade de diálogo entre homossexuais e estruturas eclesiais.....	105
4.6 Prática sexual entre homossexuais e a possibilidade de vivenciar a fé em comunhão.....	114
5 CONCLUSÃO.....	119
REFERÊNCIAS	124
ANEXOS.....	132

1 INTRODUÇÃO

O tema da homossexualidade tem ganhado destaque na mídia e na sociedade em geral. Trata-se de um tema complexo e que envolve uma discussão ampla entre diversas áreas do saber como a filosofia, psicologia, antropologia, teologia, sociologia e a biologia. A principal dificuldade para se chegar a uma definição satisfatória reside no fato da homossexualidade ser diversificada.

Dentre os desafios enfrentados, cotidianamente, por pessoas com orientação homoafetivas, com forte formação cristã, encontra-se o peso do discurso moral cristão, que muitas vezes contribui para um preconceito generalizado, além do complexo de culpa criado na própria pessoa homossexual.

O movimento homossexual tem ganhado espaço cada vez maior para se expressar e colocar suas reivindicações e se firmar na sociedade. Contudo, no que se refere às Igrejas cristãs, que já tem seus discursos morais estabelecidos, em sua maioria condenam a homossexualidade como algo abominável, e desagradável aos olhos de Deus.

Há, porém, pessoas homossexuais que querem levar adiante a sua espiritualidade e profissão de fé, sem abrir mão de sua sexualidade. Isso se torna possível porque os movimentos homossexuais vêm ganhando cada vez mais relevância e, com isso, os homossexuais se sentem mais livres para se expressarem. Ao mesmo tempo, começam a surgir, sem preconceito, esse público. Existe ainda um grande número de homossexuais que por tradição familiar ou por identificação permanecem nas igrejas, mesmo sabendo que o discurso delas vai contra as práticas homossexuais, algumas até muito agressivas.

A nossa dissertação, trabalha a temática da homossexualidade dentro do contexto da libertação e emancipação dos gays a partir do princípio ético de Bernardino Leers do respeito mais do que da simples tolerância. Bernardino Leers, como teólogo moralista católico fez uma série de reflexões do princípio ético cristão em relação às pessoas homossexuais e da relação destas com a confissão de fé e o discurso moralista cristão.

Segundo Moser, “a configuração homossexual é tão misteriosa que simplesmente ninguém chega a qualquer conclusão convincente sobre seus genes, sua imagem e seu sentido” (MOSER, 2001, p. 94). Os numerosos estudos e debates ainda deixam muitas dúvidas, talvez, até mais dúvidas do que certezas, sendo assim, saber dizer o que é, de fato, a homossexualidade não é uma tarefa fácil. A primeira definição

que podemos atribuir à homossexualidade é a do campo da psicologia: “aquele que em sua vida adulta se sente motivado por uma atração erótica definida e preferencialmente por pessoas do mesmo sexo e que, de modo habitual embora não necessariamente, tem relação sexual com ele”. (DENNISTON, 1967, p.12).

A segunda definição caminha mais para o lado da antropologia filosófica da questão, talvez a que favorece melhor o estudo voltado para a ética sexual: “por homossexualidade entendemos a condição humana de um ser pessoal que, ao nível da sexualidade, caracteriza-se pela peculiaridade de sentir-se constitutivamente instalado na forma de expressão exclusiva com um parceiro do mesmo sexo” (VIDAL, 1998, p. 8).

A partir desse segundo conceito percebemos que na homossexualidade está incluído não apenas um fenômeno sexual, mas trata-se fundamentalmente de um ser humano em seu sentido global, a condição antropológica de um ser pessoal, ou seja, não pode ser compreendida de uma maneira reducionista, assim “a condição homossexual não sustenta per si nenhum traço de patologia somática ou psíquica, embora deixe aberta a condição de sua maior carga traumática, seja em sua origem ou em sua dificuldade para ser vivida”. (VIDAL, 1998, p. 9).

Uma vez que a homossexualidade deixa esse aspecto apenas sexual e passa a ser vista de maneira mais ampla, é necessário compreender se o fato de ser homossexual fere a moral e a ética, ou ainda, como podemos lidar de maneira não excludente com as pessoas constituídas homossexuais, sobretudo do ponto de vista da formação cristã.

Marilena Chauí em sua obra **“Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida”**, afirma que:

Um fenômeno curioso, qual seja, o de que algo suposto ser meramente biológico e meramente natural (sexo) sofre modificações quanto o sentido, à sua função e à sua regulação ao ser deslocado do plano da natureza para o da sociedade, da cultura e da história. (CHAUÍ, 1984, p. 10)

A cultura Ocidental tomou a homossexualidade como substantivo abstrato de modo que a orientação saiu do plano da realização da pessoa e ganhou uma classificação de algo contrário à moral vigente. Segundo Marilena Chauí:

Encarados pelo ângulo da moral, as práticas e ideais sexuais que não se conformam aos padrões morais vigentes são considerados vícios, pois os seus contrários, os padrões são tratados como virtudes. O vício possui três sentidos principais. Em primeiro lugar, é disposição habitual para o mal (aproximando-se neste caso, do pecado); em segundo lugar é uma tendência ou impulso reprovado incontável decorrente de uma perfeição que torna alguém incapaz de seguir sua distinção natural; é defeito (e neste caso se

aproxima da doença). Mas, em terceiro lugar significa depravação e, neste terceiro sentido, vício é diretamente sinônimo de gosto ou prática sexual reprovada pela moral e pela sociedade. (CHAUI, 1984, p. 118).

No campo ético religioso se faz necessário construir uma identidade homossexual, e ainda como aprender a lidar com essas orientações uma vez que até o momento as ações cristãs diante desse fenômeno têm sido basicamente proibitivas e no máximo que conseguiu chegar foi à tolerância. Assim são propostas, segundo Bernardino Leers, dois projetos de vida, sendo o primeiro um programa pessoal de vida ligada à convivência social e profissional, onde se exige uma marca disciplinar que vai além da imaginação e desejo homossexuais e, com isso cultivar o serviço do amor e a pureza do coração. O segundo projeto assume o mesmo programa de vida para o amadurecimento cristão, mas ultrapassa o primeiro num ponto, visa firmar um relacionamento estável de amizade em trocas eróticas e sexuais. (LEERS; TRAFERETTI, 2002 p. 81). Mas mesmo assim:

Atrás desse programa de vida estão a tradição proibitiva e o ensinamento normativo da igreja católica e de outras denominações cristã, posto num contexto mais largo. Em sua pregação do Reino de Deus, Jesus relativizou o texto, o matrimônio e a família, mas fez do amor o âmago da missão terrestre dos cristãos. Afinal de contas, a vida humana é precária e passageira em sua mortabilidade. Porque o cristão leva a sua salvação em vaso de barro, há de crescer na confiança em Deus, garantia do amor e perdão. Qualquer cristão precisa viver cada vez mais intensamente com seu Pai comum de todos. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p.82)

Dentro desse contexto, parece aumentar a necessidade de movimentos homossexuais mais especificamente humano cristão a buscarem força para se firmar na sociedade, procurando respostas para vencer a ideia do celibato como única proposta para vivência da sua condição homossexual, daí, por não encontrarem respostas nas denominações já existentes, vê como possibilidade a criação das igrejas chamadas inclusivas, diferente de igreja para homossexuais, pois inclusiva designa que é uma igreja aberta para a família, mas que inclui nela esse novo modelo familiar constituído por pessoas homossexuais.

Mas essa libertação dos homossexuais ainda enfrenta muitos obstáculos no que diz respeito à sua presença nas denominações cristãs. Para Bernardino Leers: “a libertação dos homossexuais será ainda uma história longa, por causa da pertinácia das forças socioculturais dominantes que a impede”. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 91). Assim, ao surgirem igrejas inclusivas o diálogo se torna mais exigente e difícil,

pois não se trata de um diálogo do indivíduo com a respectiva igreja, mas passa a ser um diálogo também institucional, envolvendo o diálogo ecumênico com as demais igrejas cristãs que não aceitam a prática homossexual.

Com o surgimento dos movimentos que difundem a emancipação homossexual e o seu acelerado crescimento levam-nos a perguntar: seria esse o momento de libertação também do discurso moral das igrejas como resposta para um novo esquema normativo eclesial determinando um novo paradigma ético-teológico que envolve fé e sexualidade, mais especificamente a orientação homossexual? E ainda é possível perceber a presença de homossexuais em igrejas pentecostais e batistas que apesar do discurso moral dessas comunidades condenarem a homossexualidade, estes não abrem mão de vivenciarem a sua fé, o que nos faz interrogar como esses sujeitos convivem a orientação sexual dentro do discurso dessas comunidades que vai de contramão a suas experiências?

Percebemos na atualidade uma virada conjuntural envolvendo valor sociocultural que nos leva a ver uma revolução profunda, verdadeira e global no que diz respeito às crenças, sobretudo, no aspecto cultural. O princípio da convivência na modernidade segundo Bernardino Leers, “se pauta pela autonomia, liberdade e pluralidade”, elementos que muitas vezes não são respeitados quando se fala da homossexualidade no discurso moral cristão. Esse fenômeno traz uma nova discussão moral-teológico entorno da homossexualidade, e vem ganhando novas formas de vivenciar a fé, alicerçada pela compreensão da homossexualidade, como realidade irreversível, transpondo a idéia fundamentalista e minimalista que traz o conceito redutível de homossexualidade centrado apenas ao genital.

Segundo Mott, cerca de 10% da população brasileira tem uma orientação afetivo-sexual diferente de heterossexual (MOTT, 2003, p. 12), e dentro desses, grande parte tem sua formação religiosa cristã, e muitos vivem sua orientação sexual de maneira camuflada dentro das diversas correntes cristãs “tradicionais”, devida a não aceitação dessa orientação e/ou prática da sexualidade. Por isso, o tema tem uma relevância, uma vez em que o crescimento de movimentos gays vem ganhando espaço e levando a sociedade a suas demandas de orientação, implicando não só os aspectos sociais e políticos, mas também o religioso.

Em decorrência dessa demanda sócio religiosa, se faz necessário escutar, perceber e entender esses novos grupos que buscam vivenciar suas espiritualidades e fé sem perder sua identidade homossexual nem que para isso seja necessário criar sua

própria forma religiosa para se firmarem na sociedade, além de levar a sua rediscussão da teologia e da moral sexual.

O trabalho que se segue vem analisar a questão de homossexuais nas igrejas e sua relação com a fé e a relação destas igrejas com os homossexuais, partindo da ética da libertação no discurso de Bernardino Leers.

A partir de pesquisa bibliográfica propusemos perceber historicamente a homossexualidade dentro do discurso social, cultural e religioso ao longo da história ocidental, e como a ética de Bernardino Leers abre a reflexão das normas e razões que constituiu ou pelo menos legitimou a repulsa e o preconceito contra homossexuais. E partindo daí procuramos compreender a busca da liberdade homossexual dentro do campo da fé cristã apesar da culpabilização que esta discursa em relação a eles.

No primeiro capítulo consideramos a homossexualidade através da história numa tentativa de compreender como as diversas culturas ocidentais foram se posicionando diante da questão homossexual, e quais as influências essas visões exerceram e ainda exercem em relação ao preconceito estabelecido em relação à homossexualidade.

No capítulo seguinte apresentamos os principais conceitos de ética e de homossexualidade em diferentes campos do conhecimento e dos movimentos de emancipação homossexual e a sua contribuição para compreender a ética sexual cristã voltada para pessoas homossexuais, apresentamos ainda fragmentos das entrevistas realizadas para esta pesquisa.

O terceiro e último capítulo apresenta a visão de Bernardino Leers frente à ética sexual cristã e como essa pode ser libertadora para a questão homossexual, despertando possibilidades para pesquisas mais aprofundadas da confessionalidade homossexual, aponta para a necessidade de se fazer um estudo fenomenológico da confessionalidade homossexual.

Em anexo apresentamos os relatos na íntegra de experiências religiosas vividas por pessoas homossexuais. Para a pesquisa de campo foram realizadas apenas entrevistas com narrativas de experiências religiosas, sem ser empregado qualquer tipo de análise dos dados colhidos.

2 BREVE HISTÓRICO DA HOMOSSEXUALIDADE

A homossexualidade não é algo novo no comportamento humano, não se trata de uma forma moderna de viver a sexualidade. Neste capítulo não iremos conceituar a homossexualidade, isso será realizado no capítulo posterior, faremos aqui apenas um breve histórico das práticas homossexuais ao longo da história e em diferentes culturas, por tanto é possível que apareça termos que já estão em desuso como sodomia, safismo, efeminado, pederastia dentre outros.

Procuraremos neste capítulo compreender como a homossexualidade fez parte da vida das pessoas ao longo dos tempos para poder compreender melhor os conceitos atuais, ao mesmo tempo em que podemos constatar que o fenômeno da homossexualidade foi vivido de diferentes formas no decorrer da história e das culturas, prevalecendo um juízo moral que se dá no interior de cada cultura a qual estava inserida, seja na sua aceitação seja na sua recusa.

2.1 A homossexualidade na antiguidade

O registro mais antigo que se tem conhecimento sobre relação entre duas pessoas do mesmo sexo é o caso de Khnumhotep e Mankhkhnun que viveu por volta de 2.400 anos a.c o par é retratado durante um beijo, a mais íntima pose na arte egípcia, rodeado pelo que parecem ser seus herdeiros, eles foram serventes reais egípcios. Ambos compartilhavam o título de “supervisores dos manicuros” do palácio do rei Niuserré durante a V dinastia. São registrados como confidentes reais em suas tumbas conjuntas. Especula-se que eles representam o primeiro registro de união homossexual da história. A tumba deles foi descoberta pelo arqueólogo Ahmed Moussa em 1964 na necrópoles de Sacará no Egito e é a única naquele sítio onde são mostrados homens se abraçando e de mãos dadas. (DOWSON, 2006, p. 89).

No mundo mediterrâneo eram muito comuns às culturas ou povos que tinha deusas como figuras dominantes em suas religiões e que facilitava a aceitação da homossexualidade, é possível também encontrar textos que mostram a homossexualidade sendo praticada por árabes. (LASSO, 1998, p. 35).

Era comum na cultura japonesa antes da dinastia Meiji, através de certa exaltação de uma sociedade de homens, onde a coragem militar e as virtudes viris desembocavam de forma espontânea, na homossexualidade. (LASSO, 1998, p. 35).

Também é possível constatar na Sibéria, os Chukchees, que considerava o travestido como um xamã (sacerdote, feiticeiro dotado de grande poder mágico), eles se casavam com outros homens normais e nesses matrimônios os xamãs comportava-se como mulheres com a cópula anal. (LASSO, 1998, p. 37).

Há na cultura chinesa uma rica presença de histórias homossexuais na sua mitologia, mitos estes influenciados por crenças religiosas, em especial o Taoísmo e o Confucionismo e posteriormente incorporou elementos do budismo. Tur Er Shen é uma deidade no folclore chinês que administra o amor e o sexo entre homossexuais. Seu nome significa literalmente “Divindade coelho”, Tur Er Shen era originalmente um homem chamado Hu Tianbao, que certa vez se apaixonou por um belo jovem inspetor imperial da província de Fujian; um dia, Hu Tianbao foi pego espiando o inspetor nu, e teve de confessar seus afetos relutantes em relação ao outro; por conta disso, o inspetor imperial o condenou a morte por espancamento e pelo fato de seu crime ter sido derivada por amor, os funcionários do submundo decidiram reparar as injustiças delegando Hu Tianbao como um deus que harmoniza os afetos homossexuais. (XEAOMINGXIONG, 2002, p. 42).

Outra cultura que chama a atenção é constituída pelos Koniag, que desde a mais tenra infância educam alguns meninos especialmente para desempenharem papéis de mulher. Eles são vestidos como meninas e logo como mulheres, quando adultos se casam com os homens mais importantes da sociedade e também nesse caso como os chukchees da Sibéria, desempenham papéis relevantes do ponto de vista mágico, tem poderes especiais e os demais membros tem respeito e medo. (LASSO, 1998, p. 37)

Também os Langos e Tanalas, de Madagascar eram polígamos e são até hoje, e é comum entre eles, homens vestidos de mulheres, exercendo o papel na casa e na relação sexual, no meio de suas esposas. (LASSO, 1998, p. 37).

Outro tipo de sexualidade diferente se deu entre os Siwanos, da África, onde os homens e rapazes têm relações sexuais anais e eram considerados como raros e diferentes os que não exerciam esse tipo de prática sexual. (LASSO, 1998, p. 37).

Das civilizações antigas que mais se tem relatos de relações homossexuais é a greco-romana, a qual nos deteremos a seguir.

Quanto à Grécia, os autores divergem muito, alguns dizem que eram bem aceitas a homossexualidade como é o caso de André, que afirma:

Na Grécia Clássica e em Roma, a homossexualidade masculina era não apenas difundida de maneira inteiramente comum, como também, mas ainda, era tida como a imagem ideal do erotismo e como o próprio modelo da educação dos jovens. Platão, Aristófanes, Aristóteles, Xenofontes, Plutarco, para citar apenas os nomes mais ilustres, estavam todos de acordo em declarar natural a atração homossexual e em incentivar os adolescentes a cultivarem essas relações. (ANDRÉ, 1995. p. 117).

Porém, outros grandes autores afirmam que, não era a homossexualidade em si que era aceita na Grécia antiga, mas muito pelo contrário, as normas a respeito das experiências sexuais com pessoas do mesmo sexo eram bem restritivas e tinham um caráter educativo, ou seja, sua dimensão era pedagógica e não propriamente sexual.

Em relação a homossexualidade na Grécia o maior expoente que conhecemos é K. J. Dover em sua obra: “**A Homossexualidade na Grécia Antiga**”. Ele inicia a sua obra especificando o que ele considera homossexualidade, uma vez que esse termo só aparece no século XIX, assim ele defende: “A homossexualidade foi definida como a disposição para busca de prazer sensorial através do contato corporal com pessoas do mesmo sexo preferindo-o ao contato com o outro sexo”. (DOVER, 1994, p. 13).

Em relação à homossexualidade na cultura grega ele afirma:

Essa cultura nos apresenta claramente uma massa de fenômenos, de maneira que, ao analisar a obra de qualquer escritor, artista ou filósofo grego dificilmente poderia argumentar por um diagnóstico de homossexualidade latente ou reprimida. (DOVER, 1994, p. 13).

Não há um registro seguro de onde e como teve início a homossexualidade na Grécia, certo é que, ela não aconteceu de maneira uniforme na Grécia, uma vez que as cidades gregas tinham autonomia de estados independentes, o que se pode afirmar com mais segurança, porém sem certezas, é que ela teve início nos estados dóricos, compostos pelos estados de Esparta, Argos, Corinto e as cidades de Creta. Dover, diz que não é possível fazer generalização em relação à homossexualidade grega, apenas os dóricos apresentavam uma forma mais homogênea em relação aos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, segundo ele:

A generalização mais amplamente aceita a respeito da homossexualidade grega atualmente é de que tenha se originado na organização militar dos estados dóricos (de maneira que a sua difusão pelo mundo grego é atribuída à influência dórica) e que, durante o período clássico, comportamento abertamente homossexual era mais aceitável em certas regiões dóricas (particularmente Esparta e Creta) do que em qualquer outro lugar. (DOVER, 1994, p. 265).

Dover descreve ainda quatro tipos de relações permitidas aos espartanos:

Em primeiro lugar, lealdade aos homens de seu próprio grupo etário, com os quais eles competiam pelo conhecimento de suas virtudes masculinas e com ele podia (pelo que sabemos) ter relações homossexuais frequentes e casuais; em segundo lugar, a relação muito mais intensa entre erastes e eromenos, como em outras partes do mundo grego; em terceiro lugar o casamento; e em quarto lugar se houver algum valor nas informações transmitidas através de Hagnon, nas relações erastes-eromené com uma jovem solteira que era consumada de forma anal. O reconhecimento aberto deste quarto tipo de relação constitui um elemento pelo qual Esparta se diferenciava de outros estados. (DOVER, 1994, p. 265).

Atitude parecida com as de Esparta acontecia também em Tebas. No ano de 378 a.c, foi criado um exército de 150 “casais” de soldados amantes, conhecido como exército sagrado de Tebas. Em Tebas era comum quando um homem obtinha a idade para o alistamento militar, e este já tinha um amante no exército, era o seu próprio amante que o presenteava com o equipamento militar, o treinamento militar implicava a relação homossexual. (RODRIGUES, 2004, p. 39).

Mas não era em toda a Grécia que estes relacionamentos eram encarados com muita naturalidade, como é o caso de Atenas, onde as relações homossexuais entre homens da mesma idade eram considerados antinaturais, pelo fato de significarem que um dos homens envolvidos na relação se submetia à passividade, colocando em risco a masculinidade, o que era tolerado e bem aceito em Atenas era o relacionamento entre um homem mais velho e por jovem com a idade entre 12 e 18 anos.

Esses relacionamentos eram chamados de ‘paiderastia’(amor a meninos), ou como pode ser melhor compreendido homoerotismo, e tinha como finalidade a transmissão de conhecimento dos erastes aos eromenos. O que para nós pode parecer amor mal, para os gregos era o paradigma da educação masculina. (CORINO, 2008, p. 22).

É preciso esclarecer dois termos usados pelos atenienses para compreendermos a relação homossexual aí estabelecida, são eles “erastes” e “eromenos”. O primeiro termo refere-se ao parceiro mais velho que quer dizer “amante”, é usado tanto para a homossexualidade como para a heterossexualidade, e “eromenos” é usado para designar

o homem mais jovem que corresponde ao “amado”, esses termos são derivados do verbo *erân* que se traduz por amar ou apaixonar-se. (DOVER, 1994, p. 34).

Estes termos além de definirem a diferença etária, servem ainda para designar a passividade e atividade na relação homossexual, uma vez que nessas relações somente o *erastes* buscava a satisfação e o *eromenos* nunca podia demonstrar qualquer tipo de prazer, deveria demonstrar-se sempre passivo e jamais podia ser obrigado a tal prática, ele devia ser cortejado pelo *erastes*, através de presentes até aceitar a relação.

Essa prática só não era bem aceita para meninos com a idade inferior a 12 anos. Após essa idade, quando o menino concordava e com a aprovação da família, transformava-se em um parceiro passivo até a idade de 18 anos (RODRIGUES, 2004, p. 38).

Os presentes oferecidos pelos *erastes* ao *eromenos* tinham um caráter profundamente simbólico e o seu papel era muito mais do que um capricho de *erastes* para com o *eromenos*, ele tinha uma função pedagógica. Alguns presentes eram mais convencionais, especialmente um galo e uma lebre, sendo que aparece também uma raposa, uma guirlanda e ainda cavalos e cães (DOVER, 1994, P. 133).

O galo e a lebre na cultura grega tinham um significado de virilidade, uma vez que a função social dessas relações é a de ensinar ao jovem a tornar-se um cidadão, conseqüentemente um ativo, ou seja, era uma passagem determinada pela idade, uma vez que o jovem deixa de ser um *eromenos* ao atingir os 18 anos, demarcados pelos sinais corporais como o crescimento da barba e pelos, concluindo com isso que esse tipo de relação, sobretudo, em Atenas é um rito de passagem para a iniciação na vida adulta do cidadão.

Percebemos com isso que, a homossexualidade na Grécia estava estreitamente ligada ao serviço da honra e da virilidade do cidadão, pensar a homossexualidade na Grécia antiga com os conceitos que temos hoje é um risco, pois o que nos transparece não é uma relação entre pessoas do mesmo sexo onde se vê uma definição das escolhas livres de papéis dicotômicos de ativo ou passivo, desejo sexual, amor e respeito mútuo entre os parceiros. Enfim, conclui-se que essas relações estavam profundamente relacionadas com a masculinidade, em momento algum o homem grego poderia perder sua posição de dominador ou dominante para não se rebaixar em sua representação

social, uma vez que a mulher, o escravo e o estrangeiro representavam nessa sociedade uma relação de submissão.

Outra cultura tida como aberta a homossexualidade é a romana, que tem aspectos bem diferentes da posição grega como afirma Tranferetti e Leers:

Embora o costume da pederastia como forma de iniciação sexual não se tenha divulgado tanto entre os romanos, a disponibilidade sexual dos escravos para com seus senhores era conhecida e tolerada e tais 'amores' davam ao máximo material para as bisbilhotices sociais. (TRANSFERETTI; LEERS, 2002, p. 80).

O que normalmente era condenado em Roma era a posição da passividade do homem livre para com outro cidadão, ao passo que o escravo por não ter um status, a ele cabia o papel da passividade para servir aos desejos de seus donos. Segundo Paul Veyne, historiador especialista em história romana:

Ser ativo era ser macho, qualquer que fosse o sexo do parceiro passivo; havia, pois, duas infâmias supremas: o macho que leva a fraqueza servil a ponto de colocar a boca a serviço do prazer de uma mulher e os homens livres que não respeita e leva a passividade (impudicitia) ao ponto de se deixar possuir. (VEYNE, 1989, p. 197).

A pederastia, sabemos, constituía um pecado menor, desde que fosse a relação ativa de um homem livre com um escravo ou um homem de baixa condição; as pessoas divertiam-se com isso nos teatros e vangloriavam-se disso na alta sociedade: como qualquer outro indivíduo pode ter prazer sensual com o próprio sexo, a tolerância antiga levou a pederastia a difundir-se porque muitos homens tinham assim um prazer epidérmico com os meninos; também se repetia proverbialmente que os meninos proporcionavam um prazer tranquilo que não agita a alma enquanto a paixão por uma mulher mergulha o homem livre em dolorosa escravidão (VEYNE, 1989, p. 197-198).

Por tanto, fica evidente que não havia uma reprovação ao homoerotismo na Roma antiga, mas o que era rejeitado e vergonhoso para os cidadãos romanos era a efeminação e o papel passivo, uma vez que a virilidade era muito valorizada numa sociedade que não distinguia o comportamento homossexual do heterossexual, mas que prestava certa vigilância no que se referia a virilidade. Segundo André,

As leis sociais e sexuais do mundo antigo traduzem o fato de que, para os antigos, a diferença sexual era concebida segundo o modelo da dualidade senhor escravo. O que era afetado pela interpelação, considerando monstruoso ou contrário a natureza, não era o fato de alguém ter relações sexuais com um parceiro do mesmo sexo, mas o de aceitar uma posição

passiva quando era um homem livre. Era o ataque ao ideal viril do cidadão e à liberdade do senhor que era condenável. (ANDRÉ, 1995, p. 117-118).

Apesar das evidências da afirmação da virilidade, é necessário levar em consideração dois aspectos em relação à homossexualidade, o primeiro é que essas relações não foram vista igualmente em todo o território e nem em todas as épocas do império romano, há variantes no decorrer dos séculos, o segundo aspecto a se considerar é o dos imperadores que eram normalmente bissexuais ou homossexuais assumidos, com isso podemos perceber que não é possível fazer uma generalização das relações homossexuais na Roma Antiga, como afirma Boswell:

No início do Império, o estereótipo de “amante” e “amado” não parece ser o único modelo de amantes homossexuais, inclusive os imperadores abandonavam os papéis sexuais tradicionais em favor de relações eróticas que implicam maior reciprocidade. Muitas relações homossexuais eram permanentes e exclusivas. Entre as classes baixas podiam predominar as uniões informais como as de Gitón e Encolpio, mas, nas classes altas eram legais e comum os matrimônios entre homens e entre mulheres. Inclusive durante a República, como se pode observar, Cícero considerou como matrimônio a relação do jovem Curio com outro homem, e durante os primeiros anos do império e muito comum fazer referência a matrimônios gays. (BOSWELL, 1998, p. 47).¹

No século IV d.c o cristianismo começa a ganhar força no império romano, pois com a conversão de Constantino o paganismo foi se fundindo à religião do imperador e assim as relações homossexuais passa a ser considerada crime, e às vezes brutalmente punidas e já no século seguinte com a doutrina da indissolubilidade do matrimônio a homossexualidade passa a existir na clandestinidade, os homossexuais passaram a ser perseguidos, inclusive condenados à fogueira. (RODRIGUES, 2004, p. 52).

2.2 A homossexualidade na cultura bíblica

A primeira coisa a se considerar em relação a bíblia é que ela tem um valor profundamente religioso, tida como palavra de Deus transmitida à humanidade, mas nos

¹ En los primeros tiempos del imperio, los papeles estereotípicos de ‘amante’, y ‘amado’ ya no parecen ser el único modelo de amantes homosexuales, e incluso los emperadores abandonaban los papeles sexuales tradicionales en favor de relaciones eróticas que implican mayor reciprocidad. Muchas relaciones homosexuales eran permanentes y exclusivas. Entre las clases bajas podían haber predominado las uniones informales como las de Gitón y Encolpio, pero, en las clases altas eran legales y comunes los matrimonios entre hombres e entre mujeres. Incluso durante la República, como se ha observado, Cicerón consideró como matrimonio la relación del joven Curio con otro hombre, y durante los primeros años del imperio es muy común hacer referencia a matrimonio gays. (BOSWELL, 1998, p. 47).

chama atenção pelo forte caráter socialmente político originalmente do povo de Israel e que mais tarde passou a ser também elementos constitutivo da tradição cristã. Devido a esse problema, de não sabermos o que é estritamente humano na bíblia, constitui uma dificuldade, mas certo é que a primeira entre as limitações textuais dos dados bíblicos é a notável ausência de referências textual explícita a relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo no primeiro testamento, ou seja, os textos são dúbios e não deixam clara a ilegitimidade de um relacionamento homossexual nos moldes a que conhecemos hoje. (VITO, 2005, p. 140)

Outro aspecto a ser levado em conta é a aplicação da bíblia à discussão da homossexualidade é a falta de terminologia que possa corresponder à descrição do relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. Segundo Helminiak:

Mais especificamente, na época bíblica não havia uma compreensão mais elaborada da homossexualidade como orientação sexual, havia apenas uma consciência genérica de atos ou contatos entre pessoas do mesmo sexo, o que poderia ser chamado de homogenitalidade ou atos homogenitais. A questão atualmente gira em torno das pessoas e seus relacionamentos, e não simplesmente de seus atos sexuais. (HELMINIAK, 1998, p. 35).

A bíblia neste sentido, fala da homossexualidade no contexto cultural da antiguidade, isto é, ela não teve a preocupação de precisões a respeito desse fenômeno humano enquanto relação estabelecida entre pessoas, nem mesmo teve o interesse de se questionar porque existiam relações entre pessoas do mesmo sexo, isso se torna claro pela falta de evidências, sobretudo pelas poucas referências diretas que ela faz às relações entre pessoas do mesmo sexo.

Citaremos a seguir algumas passagens mais comuns designadas à condenação ou reprovação dos atos homossexuais feitas por grupos religiosos na atualidade. A primeira e talvez a mais desgastada pelo uso constante, é o episódio de Sodoma e Gomorra relatado em Gênesis 19, 1-29, passagem utilizada exaustivamente, sobretudo pela tradição cristã. Essa influência é tão forte que mais tarde deu origem às palavras sodomia e sodomita para designar a relação homossexual e o autor dessa relação, ou melhor, o pecado dessa forma de sexualidade. È a partir de Idade Média que este relato ganhou força como condenação da homossexualidade, ou seja, a partir do século XII. (HELMINIAK, 1998, p. 40).

Porém, o uso dessa passagem deve passar por uma análise criteriosa a partir do seu significado objetivo. Segundo Marciano Vidal, há três fatores que influenciou a condenação da homossexualidade a partir desse contexto bíblico,

1) O uso do verbo ‘yeda’ (faze-os sair para que o conheçamos, Gn 19,5b) que em hebraico, como se sabe, refere-se ao conhecimento integral e experiencial e inclui, portanto, o ato sexual. 2) o que significa ‘os homens da cidade, desde os mais velhos (v. 4): aqueles que pedem, indicando que se tratava de uma ação homossexual. 3) o que Lot propõe como contrapartida, oferecendo suas filhas, ‘para que façais com elas como bem lhe pareça’ (v.8), revelaria que a ação a que queria se opor era também de caráter sexual. (VIDAL, 2008, p. 127).

No entanto, todas as referências posteriores não acentuou esse caráter sexual em relação a Sodoma e Gomorra. Qual seria então o pecado dessas cidades? As referências bíblicas que citam Sodoma e Gomorra a citam nos seguintes contextos: primeiro por falta de hospitalidade; segundo por indolência e ociosidade; terceiro por falta de Justiça e opressão e em quarto lugar por adultério.

Como podemos observar, nas diversas citações ou alusões feitas pelas passagens posteriores, apenas o pecado do adultério tem um caráter sexual, mesmo assim no Antigo Testamento (AT) o adultério está ligado à injustiça, pois o adultério é a utilização indevida da propriedade de outro homem.

Qual seria o caminho que esta condenação tomou e que conseguiu chegar até os dias de hoje com a interpretação de uma condenação homossexual a partir de Sodoma e Gomorra? A resposta vem com Vidal:

Através dos escritos intertestamentários, como o Testamento de Benjamim 9, e o II Henoc 34,2 e 10, 4. A estes apócrifos devem ser acrescentado os escritos de Filón e de Flávio Josefo. Em contato com o mundo helenista, estes escritos judaicos interpretaram a passagem de Sodoma em clara referência ao comportamento homossexual. (VIDAL, 2008, p. 128).

Boswell tenta eliminar a relevância de Gênesis 19 para a discussão descartando a questão do verbo “yada”, enquanto um conhecer como expressão sexual, pois para ele o conhecer que aparece no texto bíblico expressa apenas o conhecer em termos de ter um primeiro contato:

Quando os homens de Sodoma se reuniram para pedir que levassem os forasteiros a sua presença, pois “eles queriam conhece-los”, não queria dizer outra coisa senão saber quem eram, e em consequência, a cidade não foi

destruída pela imoralidade sexual, e sim pelo pecado da falta de hospitalidade com os forasteiros. (BOSWELL, 1998, p. 63).²

Porém, Robert Di Vito (2005), discorda afirmando que há sim uma tentativa de estupro grupal como recurso último de ataque à honra masculina da vítima, privando-a de sua dignidade. O que no tocante a isso, não tem nada haver com a condição de homossexualidade nem com a legitimidade de relacionamento entre pessoas do mesmo sexo.

Resta-nos então o texto de Levítico 18, 22 e 20,13:

Não te deitarás com um homem como se fosse mulher. É uma abominação. (Lv 18,22)

Se alguém se deitar com um homem como se fosse mulher, ambos cometem uma abominação. Serão réus de morte. Que seu sangue cai sobre eles. (Lv 20,13)

Apesar de estas passagens tocarem diretamente em atos homossexuais, temos apenas dois versículos, isto é, há uma escassez de material bíblico vinculado ao tópico, outra limitação da aplicabilidade bíblica à discussão contemporânea da homossexualidade é a falta de terminologia correspondente para descrever relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Não havia homossexualidade, mas apenas inversão sexual. “Embora ‘inversão’, se referisse a uma ampla gama de patologias em que a pessoa tinha ‘invertido’ seu papel sexual adequado, o termo ‘homossexualidade’ implicava toda uma nova conceitualização da sexualidade humana”. (VITO, 2006, p. 143).

Mesmo com esta explicitação das relações sexuais entre dois homens, é preciso levar em consideração alguns aspectos como aponta Vidal:

No Grande número de todo tipo de leis que os quatros últimos livros do Pentateuco contem, só se encontram duas relativas a homossexualidade. O castigo de pena de morte era previsto também para o adultério, para a bestialidade e para relação com uma mulher no período de menstruação (Lv 20,10.15.18). a ausência de argumentações na legislação não nos permite conhecer as razões do Antigo Testamento para tal proibição. Talvez tenha de se considerar o contexto idólatrico (prostituição sagrada), a “degradação” que supõe o comportamento homossexual para o homem (sentido “passivo”, certa

² Cuando los hombres de Sodoma se reunieron para pedir que llevara los forasteros a su presencia, pues “ellos querían conocerlos”, no querían decir otra cosa que saber quién eran, y en consecuencia, la ciudad no fue destruida por inmoralidad sexual, sino por el pecado de falta de hospitalidad con los forasteros. (BOSWELL, 1998, p. 63).

assimilação com a mulher: “feminilização”) e a eliminação da finalidade procriadora. (VIDAL: 2008, p.129).

A partir daí podemos afirmar que na cultura do AT, não há uma clara ou nenhuma distinção entre a homossexualidade e a heterossexualidade, categorias que só é possível entender a partir da modernidade.

Outro aspecto relevante é o fato de que na modernidade há uma convicção de que cada indivíduo tem uma “profundeza interior” que o assinala como sem igual e cabe a cada um descobrir esse domínio, uma vez que é ele o centro para a descoberta do verdadeiro eu e a verdadeira função da pessoa, o que nos difere do AT bíblico onde o que caracteriza o indivíduo é o seu papel social, ou seja, “o eu real da pessoa” é o seu eu público dado como papel e a posição social dela. (VITO, 2005, p. 145).

Assim, sem haver uma linguagem como a da modernidade de interioridade e de autonomia é quase impossível pensar que no AT fossem dadas prioridades às ações da pessoa em detrimento de sua intenção ou motivações, Vito afirma que:

A antropologia distintiva do AT poderia afetar a aplicação das proibições levíticas à discussão da homossexualidade na teologia moral de hoje. As diferenças entre as concepções da identidade pessoal no AT e na modernidade são de fato profundas, tanto que se poderia defender – sem que isso implique qualquer convicção acerca do ensinamento tradicional da igreja – a total retirada do AT da discussão dado que sua importância para o cristão contemporâneo é tão pouca quanto às das leis alimentares (VITO, 2005, p. 145)

Tudo isso tem uma repercussão também na atividade sexual ou pelo menos na concepção que tem o AT, é possível afirmar que se fizermos uma análise de Lv 18,22 perceberemos que a proibição dos atos homogenitais masculinos está ligado a sua aplicação social, culturais e religiosas, sem fazer uma menção direta do ato homossexual como tal, pois a organização do povo judeu segundo Bernardino Leers se dava em quatro polos:

O monoteísmo da aliança, o clã familiar, o sacerdócio e, depois, o reinado, unidas por uma única legislação, codificadas sob o nome épico de Moisés. Amadurecida em muitas turbulências histórica, guerras, separações e exílios e revitalizada cada vez de novo pelos profetas, esta citação criou um sistema cultural relativamente autônomo de percepções, significados e símbolos, ritos fixos, normas e costumes próprios. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 109).

No universo sociocultural no AT o indivíduo era dependente do Grupo em conformidade e integração sob a pressão social e religiosa. Na vida das pessoas é o clã que vai instituir as normas e exigências, era o grupo que levava o indivíduo a agir ou

deixar de agir, não é a pessoa com suas autonomias e iniciativas, sua responsabilidade, que centrava a atenção, mas o sistema estabelecido era o grupo e seu comportamento que dominavam; Segundo Leers e Trasferetti:

Nos tempos modernos, este cenário tradicional bíblico mudou pelo processo de individualização ocidental. Mas enquanto a dominação heterossexual ditava as regras no povo bíblico não se podia esperar maior interesse pelo fenômeno interno da homossexualidade. Atos homossexuais eram condenados, por que lesavam o esquema de condutas que o in-group exigia para sua consistência e colocavam os autores de tais atos para fora, como se pertencessem a outras etnias pagãs com seus cultos e idolatrias. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 111)

Neste contexto aparece a superioridade masculina que vai colocar qualquer identificação com o feminino uma verdadeira humilhação, pois numa cultura onde o masculino predomina e as relações familiares e heterossexuais, procriativas estão no centro, automaticamente as relações homossexuais ferem, perturbam profundamente a ordem e a segurança do grupo. Colocando em risco o papel social estabelecido pela hierarquia do gênero. Segundo Vito:

Não parece demasiado arriscado supor que o que em última análise, está em jogo é uma violação das expectativas com relação aos papéis e nessa medida, uma violação da fronteira entre os sexos, aparentemente a assunção voluntária ou involuntária da receptividade vaginal por um homem. Em outras palavras, não é a qualidade nem o tipo de conduta sexual que está em questão, mas a violação dos papéis em si. (VITO, 2005, p. 149).

O sexo no contexto judaico está relacionado aos papéis sociais, e esses papéis são determinados pelo lugar que se ocupa, que em Israel se baseia em boa parte primordialmente de base fisiológica do macho e da fêmea, assim, o papel do homem e da mulher são claros e distintos.

Essas proibições eliminam a possibilidade de um deslizamento resultante da assunção por um homem do papel de uma mulher ou de sua submissão a esse papel, as leis proibitivas nesse caso põem em vigor um relacionamento isomórfico entre a identidade da pessoa como homem ou mulher e papéis de gênero sem espaço para a sexualidade específica de um indivíduo competir com, ou completar a construção resultante, isso trás a realização sexual essencialmente para a esfera pública em vez de confiná-las ao mundo pessoal e privado do indivíduo. (VITO, 2005, p. 158).

Não resta dúvida de que o evidente esforço de fazer prevalecer uma distinção dos papéis de gênero caminha em favor de uma compreensão, ao menos na medida em que esses papéis trazem consigo alegações com respeito ao status social.

Por outro lado, além do conjunto de proibições que aparecem no AT, é possível perceber indício, pelo menos segundo alguns autores, de uniões homoafetivas, isto levou alguns estudiosos apontarem alguns relatos indo para o lado oposto da questão, ou seja, mostrando a presença de uniões homoafetivas na bíblia. O exemplo mais utilizado é o envolvimento de Davi e Jonatas presente em 1Sm 20 e 2Sm 1, que culmina no pranto de Davi: “Quanto sofro por ti Jonatas, meu irmão. Eu te amava tanto! Tua amizade era para mim maravilhosa, é mais bela que o amor das mulheres” (2Sm 1,26).

O livro de Samuel sugere assim, um profundo relacionamento emocional entre dois heróis, demonstrando uma profunda afeição por parte do príncipe, Jonatas, para com o menino ruivo e bonito, Davi, recém-chegado à corte: “A alma de Jonatas apegou-se a alma de Davi, e Jonatas começou a amá-lo como a si mesmo... Jonatas fez um pacto com Davi, que ele amava como a si mesmo. Tirou a sua armadura, sua espada, seu arco e seu cinto (1Sm 18-1-4).

Segundo Helminiak a raiva do rei Saul contra Jonatas também é reveladora, pois o rei insulta Jonatas de duas maneiras: “primeiro, ao acusar sua mãe de ser prostituta, o ultrajado e enraivecido Saul chama seu próprio filho Jonatas de bastardo. E em segundo lugar, Saul ridiculariza o relacionamento de Jonatas e Davi”. (HELMINIAC, 1998, p. 116-117).

Voltemos ao texto bíblico para entendermos o que Helminiak quis dizer em relação a esses insultos: “Então Saul Encolerizou-se contra Jonatas, e lhe disse: - Filho de mãe transviada! Eu sabia que estava de conchavo com o filho de Jessé para vergonha tua e de tua mãe! (1Sm 20, 30).

Para o autor em questão a versão em hebraico desse versículo bíblico é ambígua e, segundo a tradição grega dos setenta, também poderia significar “então não sei que você é um companheiro íntimo do filho de Isai”? Por tanto, dado que as palavras “vergonha” e “nudez” são formas bíblicas comuns de se referir ao sexo, seguramente a insinuação aqui é de caráter sexual. (HELMINIAC, 1998, p. 117).

É instigante também a passagem da separação de Jonatas e Davi:

Deixou Davi seu esconderijo e curvou-se a terra, prostrando-se três vezes, beijaram-se naturalmente chocando, e David estava ainda mais comovido que seu amigo. Jonatas disse-lhes: ‘vai em paz, agora nos demos um ao outro com esse juramento. O Senhor seja para sempre testemunha entre ti e mim, entre a tua posteridade e a minha. Davi partiu e Jonatas voltou para a cidade. (1Sm 20, 41-43).

Também, quando Davi soube da morte de Jonatas ele faz uma declaração meio dúbia, com um lamento de muita intensidade e conclui assim: “Jonatas, meu irmão, por tua causa meu coração me comprime! Tu me eras tão querido! Tua amizade me era mais preciosa do que o amor das mulheres” (2Sm 1,26).

Outro caso emblemático é o de Rute e Noemí como nos diz John Boswell:

Na realidade o Antigo Testamento apresenta de modo preeminente intensas relações de amor entre pessoas do mesmo sexo – a exemplo Saul e Davi, Davi e Jonathas, Ruth e Noemi – relações que durante toda a Idade Média celebram, na leitura eclesiástica e popular, como exemplos de devoção extraordinária, às vezes com tons acrescentado de inequívoco erotismo. (BOSWELL, 1998, p. 75).³

Sabemos muito pouco sobre o universo feminino na bíblia, sobretudo em relação ao lesbianismo e que no caso de Rute e Noemi as evidências são poucas, por isso não é possível afirmar uma intimidade sexual entre elas, mas pode ser uma possibilidade de relacionamento lésbico devido à intensidade do relacionamento entre elas expresso na seguinte passagem:

Não insista para que eu a deixe e volte. Aonde viveres, eu viverei; teu povo é o meu povo, seu Deus o meu Deus; onde morreres, aí eu morrerei, e aí me enterrarão. Somente a morte poderá separar-nos, e se não que o Senhor me castigue. Vendo que estava decidida a ir com ela, Noemi não insistiu mais. E as duas continuaram caminhando para Belém. (Rt 1, 16-18).

Este texto ainda hoje é lido em cerimônias de casamento expressando a fidelidade e intensidade do relacionamento entre duas pessoas.

Com isso é possível afirmar a existência de relações homossexuais na bíblia? Talvez possa ser, mas não podemos garantir devido a escassez de detalhes, o que

³ En realidad el Antiguo Testamento presenta ya, y de modo preeminente intensas relaciones de amor entre personas del mismo sexo – ejemplo Saúl y David, David y Jonatán, Ruth e Noemí – relaciones que durante toda la Edad Media se celebraron, en la literatura eclesiástica y en la popular, como ejemplo de devoción extraordinaria, a veces con tonos añadidos de inequívoco erotismo. (BOSWELL: 1998, p. 75).

exigiria um aprofundamento maior, um profundo estudo exegético bíblico, mas certo é que a história de Davi e Jonas se assemelha muito ao modelo dos nobres amantes militares muito comum nas sociedades do antigo Oriente.

Em relação ao Novo Testamento (NT), não é muito diferente do AT, os textos são curtos e não apresenta um parecer aprofundado por estarem ligados a uma série de condutas onde a homossexualidade aparece no conjunto dessas normas mais ligadas a costumes religiosos do que condutas morais.

No âmbito cristão, a bíblia se concentra na pessoa de Jesus, ou seja, a vida é pautada ao redor de sua conduta, dos seus atos, dos seus gestos e palavras, assim os evangelhos tornam-se a chave da vida cristã. E em relação à homossexualidade há uma ausência total nos Evangelhos o que não significa que esta possa ser justificada pela ausência nas palavras de Jesus segundo Leers e Trasferetti:

O silêncio sobre a homossexualidade, no entanto, não abre caminho à aplicação do princípio: quem cala consente. A fidelidade de Jesus à sua proveniência judaica e sua insistência na observância da lei e dos profetas, apesar das convenções, levam a supor que a condenação de atos homossexuais, firme na tradição do povo de Israel, também pertencesse à sua bagagem cultural. Mas o silêncio realça na mensagem de Jesus algo mais precioso para a discussão do problema dos homossexuais... Na consciência missionária de Jesus vive um núcleo de comunicações que supera os problemas sexuais específicos e põe-nos num segundo lugar. Para ele a presença atuante do Pai no centro, com seu Reino, em que todos os seres humanos se tornam irmãos da mesma família, interligados pela prática do amor mútuo e fraterno. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 115).

Dentre os textos utilizados pra condenar a homossexualidade, alguns podem ser descartados logo de início, por não fazerem alusões diretas a homossexualidade como é o caso do texto de Apocalipse 21, 8: “Ao contrário, os covardes e infiéis, os depravados e assassinos, os fornicadores e feiticeiros, os idólatras e mentirosos de toda espécie terão sua parte no fosso do fogo e enxofre”. Como podemos perceber o texto faz uma alusão genérica de todo tipo de perversão e fornicção, não há como especificar a questão da homossexualidade. Outro texto utilizado é o de Apocalipse 22,15: “Ficarão fora os sodomitas, feiticeiros, fornicadores, assassinos, idólatras, os que amam e praticam a mentira”. Esses textos são genéricos e não fazem alusões diretas à conduta homossexual.

Restam-nos alguns textos que apesar de serem exaustivamente utilizado na condenação aos homossexuais, mas que também não oferece uma consistência

necessária para afirmação contundente. O primeiro é o versículo sete da carta de Judas: “de modo semelhante, Sodoma e Gomorra e as cidades vizinhas fornicaram, deram-se a vícios contra a natureza, e agora sofrem de um fogo eterno para exemplo de outros.” (Jd 1,7).

Pelo o que tudo indica, este texto deixa entender que o pecado de Sodoma e Gomorra é um pecado sexual, e uma margem para a questão da homossexualidade é o fato de Judas afirmar o pecado contra a natureza, o que exigiria um estudo mais exegético para entender o que é para ele Natureza, que pode ser tanto uma alusão às praticas homossexuais, como também a relação com seres celestiais, uma vez que os hóspedes de Lot eram anjos.

Temos ainda outra passagem irrelevante, o da segunda carta de Pedro: “Se condenou Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinzas e deixando-as como advertência de futuro malvado” (2Pd 2,6). O trecho bíblico não faz nenhuma referência direta à homossexualidade, mas pelo simples fato de citar Sodoma e Gomorra ele acaba sendo utilizado para referir-se a questão homossexual.

Sobra-nos os textos paulinos, que no NT são os únicos que fazem referência direta, pelo menos ao ato sexual entre pessoas do mesmo sexo. São três os textos paulinos:

Por isso Deus mesmo os entregou a paixões vergonhosas. Suas mulheres substituíram as relações naturais por outras antinaturais. O mesmo aconteceu com os homens deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo mútuo, cometendo infâmias homens com homens recebendo em sua pessoa a recompensa merecida por extravio (Romanos 1, 26-27).

Não sabeis que os justos herdarão o reino de Deus? Não vos iludais, nem os impuros, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os devassos nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os difamadores, nem os assaltantes hão de possuir o reino de Deus. (Coríntios 6, 9-10).

Reconhecendo que a lei não se destina aos honrados, mas aos rebeldes e insubmissos, ímpios e pecadores, irreligiosos e profanadores, parricidas e matricidas, assassinos, fornicadores e pederastas, traficantes de escravos, fraudadores, perjuros e tudo o que opõe a um sadio ensinamento, em harmonia com a boa notícia do Deus glorioso e bem aventurado que me foi confiado. (1Timóteo 1, 9-11).

Para considerar esses textos é preciso ter em mente uma série de fatores, primeiro o que se entende por natural e antinatural, seria esse apenas uma alusão orgânica? Em segundo lugar, a natureza tinha como base o status social e em terceiro

lugar a questão homem e mulher difere em relação a termos de gênero como a compreendemos hoje, sem contar que a interpretação desses relatos, sobretudo da carta aos romanos, necessariamente deve considerar a razão dessas acusações em um contexto muito próprio (WHITE, 2005, p 341).

Não é fácil chegarmos a uma conclusão satisfatória a esse respeito, mas o que podemos é tentar entender o contexto em que Paulo está inserido e o contexto da comunidade cristã que está em Roma, que já tinha um costume estabelecido segundo Leers e Trasferetti:

As práticas homossexuais que São Paulo encontrou nas cidades da Grécia e em Roma e impressionaram o apóstolo que antes era um fariseu exemplar de vida irrepreensível, eram bastante diferentes dos que os antigos judeus conheciam. Apesar de toda generalização arriscar a desfiguração da realidade histórica, pode-se dizer que na cultura helenística as relações homossexuais eram mais frequentes, publicamente aceitas e socialmente toleradas, mas eram sobretudo diferentes. A prostituição masculina era bem conhecida, cultivada em bordéis explorada como tema nos teatros populares, embora tal práxis possa ser até hoje trabalho de heterossexuais ou bissexuais. (LEERS, 2010, P. 341).

Este é o contexto que Paulo teve contato com as práticas homossexuais, e ao entrar em contato direto com essas práticas e costumes as vinculou diretamente ao código de proibições do AT advindo da cultura judaica, com isso é possível que o problema central não seja tanto a questão dos homossexuais, mas as práticas desordenadas e pagãs do povo grego, a partir disso podemos questionar; qual é para Paulo o significado e a interpretação cultural, religiosa e ética que estas práticas lhes deu.

Além dos textos canônicos temos ainda os apócrifos que apresentam relatos de relações homossexuais, como o evangelho secreto de Marcos, que narra relações de cunho homossexual entre Jesus e um de seus discípulos, possivelmente o Jovem nu que foge, Lázaro ou o jovem rico, mencionados no evangelho canônico de Marcos. Esses relatos datam o ano de 150 ou até mesmo 58 se levarmos em consideração o Evangelho de Marcos. (FARIA, 2009, p. 81). Faria, apresenta uma diversificação do cristianismo nos primeiros séculos, e aponta para um grupo gnóstico, conhecido como fibionitas, que, segundo ele nesse grupo:

Os homens iniciavam o rito trocando apertos de mão com as mulheres e, secretamente, coçando ou acariciando suas palmas por baixo. Gesto que pode ser considerado erótico ou para identificar estranhos no grupo. Depois passava-se ao banquete. Em seguida, iniciava-se a relação sexual com

parceiros diferentes. A relação não era consumada. O homem a encerrava antes do clímax. Os parceiros recolhiam o sêmem e os comiam juntos, dizendo: “Este é o corpo de Cristo”. Caso a mulher engravidasse, o feto era retirado e comido com mel e temperos em uma refeição eucarística especial. O sangue menstrual era também consumido com os dizeres: “Este é o sangue de Cristo”. Quem atingisse a perfeição não precisaria mais de mulheres para as festividades. Esses, então, se entregavam a relações homossexuais ou em masturbações místicas. (FARIA, 2009, p. 100-101).⁴

O aspecto bíblico é um tema longo e complexo, exigiria um grande trabalho exegético ou ainda um bom trabalho hermenêutico. Fica claro, porém, que o conceito de homossexualidade que temos está muito longe daquele compreendido no contexto paulino e ao longo de toda a bíblia. Ao que nos parece, a bíblia não é o melhor caminho para compreender a homossexualidade, seja no aspecto condenatório, seja no que supostamente insinuam um relacionamento afetivo. O que vimos até aqui em relação à cultura bíblica já nos dá um horizonte que o caminho para compreender a homossexualidade e a fé de homossexuais, não pode ser pautado por esses princípios escriturísticos.

2.3 A homossexualidade no período Patrístico e na Idade Média.

Há uma crença que se propaga de que o cristianismo desde o princípio é o responsável pela discriminação homossexual e a homofobia, mas tal referência não procede. As primeiras proibições e perseguições aos homossexuais tem sua origem no Império Romano bem antes do cristianismo se tornar a religião oficial de Roma. Só tardiamente, na Idade Média que a identificou com o pecado de sodomia com a homossexualidade.

É preciso entender que neste período o cristianismo buscava a sua identidade, sobretudo, pelo fato de afastamento da era apostólica, não se tinha uma clareza do seu papel na sociedade e sua ligação com a cultura, a identidade do cristianismo já estava diferente daquela igreja primitiva. Segundo Markus:

Com que rigor o cristianismo se ligava a formas culturais particulares? A pergunta com frequência agitou os cristãos, o clero, os missionários e as metas que se propunham; forneceu rico temas aos romancistas e dramaturgos. O que era essencial ao cristianismo e o que lhe era indiferente apenas ligado a forma peculiar da sociedade em que se incorporava? (MARKUS, 1997, p. 13)

⁴ A justificativa para este ato era a passagem bíblica de Efésios 4, 28: “Antes trabalhe fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com quem tiver necessidade”.

Nesse período a maior preocupação da comunidade cristã era a construção de seus dogmas, sua liturgia, o exercício da autoridade e a continuidade à obra de Jesus e dos Apóstolos, ou seja, a preocupação da igreja é interna, a sua organização:

Podemos examinar agora, um pouco mais detalhadamente como neste período (ou seja, entre os anos 70 e 100 d.c), as comunidades cristãs se organizaram: quanto aos mistérios e ao exercício da autoridade, quanto a liturgia e a doutrina, quanto a relação com as classes sociais e a cultura, quanto a relação com os Estados e a religião oficial. (MATOS, 1997, p 50)

No século seguinte a Igreja enfrenta a perseguição do Império romano e o sangue dos mártires, e essa passa então ser a preocupação dos cristãos, uma vez que a perseguição além de ser violenta, havia o combate intelectual com argumentos que deveriam convencer às pessoas cultas, com isso a comunidade cristã se ocupa em defender a fé. “Do lado cristão, houve também uma intensa atividade literária e intelectual para defender a fé diante dos pagãos, com argumentos que esses pudessem entender” (MATOS, 1997, p, 50)

Não queremos com essas afirmações isentar a influência do cristianismo, mas apenas demonstrar que contrariamente ao que se poderia pensar, parece que não foi a religião cristã como tal que esteve na origem da condenação radical da homossexualidade. (ANDRÉ, 1995, p, 120).

Bem antes do cristianismo se tornar a religião oficial de Roma, já havia uma série de leis romanas condenando a homossexualidade. No Século III d.c o imperador Filipo condena a prostituição homossexual feita pelos “*exoleti*” (homens prostitutos) por Filipo ainda com importância maior a ampliação da “*lex lulia de Coercendis adulterilis*” realizada pelos juristas romanos, e deste substrato da legislação que mais tarde vai se articular a nova legislação promulgada pelos imperadores cristãos depois que o cristianismo se converte em religião de estado. Segundo Gafo:

A lei do imperador Constâncio e Constante (342) não apenas condena a pederastia, mas também aos homossexuais passivos, que se oferecem à maneira de uma mulher (provavelmente se referem à prostituição homossexual). A lei de Valeriano II, Teodósio e Arcádio (390) castigam com a pena de serem queimados vivos os que se dedicam à prostituição homossexual e os que procuram homens e rapazes com fim de prostituição. (GAFO, 1998, p. 97)

A primeira condenação, que tem como base o uso antinatural da sexualidade por frustrar ou não permitir a procriação, aparece no concílio de Elvira (305-306), cujo

Cânon 71 nega o sacramento da penitência aos violadores de crianças e depois o Concílio de Ancyra (314), condena a prática homossexual e a bestialidade. (VIDAL, 2008, p, 138-139).

Os editos aplicados por Justiniano são os mais radicais e de maior influência sobre a atitude dos cristãos em relação a homossexualidade. Segundo Gafo:

No edito ou novela 77 (ano 538), condena aos homens que atuam “contra natura” deve-se, primeiro admoestá-los, mais deve-se aplicar-lhes as máximas penas se persistirem em seu vício. A condenação alude ao castigo de Sodoma e Gomorra e as calamidades públicas que os homossexuais podem acarretar, como consequência do seu comportamento, sobre o estado. (GAFO, 1998, p. 97)

É bom ressaltar que os editos de Justiniano foram dados num período conturbado do Império em que era atingido por pragas e terremotos, sobretudo Constantinopla. Outro aspecto a se considerar é que os editos anteriores aos de Justiniano centrava-se na condição às prostituições homossexuais e o abuso a jovens e adolescentes, já estes últimos condenava indiscriminadamente a todo homossexual (GAFO, 1998,p, 97).

Apesar dos editos imperiais e de alguns bispos através dos concílios, havia uma certa tolerância e também movimentos contra as posições do Império:

Além disso, não temos que imaginar que a transição para um clima mais tolerante teve lugar sem oposição. Em resposta à crescente onda de intolerância dos gays começaram a defender suas preferências e a criticar a seus oponentes em diversos gêneros literários. (BOSWELL, 1998, p. 86).⁵

A partir do século IV o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano e é de se considerar que esta foi à única força organizada que sobreviveu a toda a desintegração das instituições romanas depois da invasão bárbara do século V. Assim com a dissolução da sociedade urbana de Roma e a ascensão de lideranças pouco tolerantes, tanto do aspecto político como o ético, deram lugar a uma restrição permanente da liberdade sexual que ultrapassava os limites da crença.

⁵ Además, no hay que imaginar que la transición a um clima social menos tolerante tuviera lugar sin oposición. En respuesta a la creciente ola de intolerância, dos gays comenzaron a defender sus preferencias y a criticar a sus oponentes em diversos géneros literários. (BOSWELL, 1998, p. 86)

Com isso não podemos afirmar que durante esse período não houve por parte dos cristãos aprovação das sanções contra as relações homossexuais, mas seria um engano também em afirmar que o cristianismo era o responsável pela onda anti-homossexuais, pois este período todas as tradições filosóficas organizadas se voltaram contra o prazer sexual, o que torna difícil separar os preceitos éticos cristãos dos preceitos éticos da filosofia vigente.

As tradições filosóficas que o cristianismo se apoiou, não negou necessariamente a conduta homossexual como opção para os cristãos. Além da bíblia, são três tradições morais que vão influenciar os primeiros cristãos: “as escolas judeu platônicas de Alexandria, a aversão dualista pelo corpo e os prazeres e os conceitos estoicos de sexualidade natural”. (BOSWEL, 1998, p, 88)

O dualismo exerceu grande influência na igreja primitiva, tendo como principal expoente Agostinho de Hipona, que antes de sua conversão ao cristianismo foi membro do maniqueísmo e muitos moralistas cristãos sofreram fortes influências dessa corrente filosófica, ou seja, de que toda forma de sexualidade era uma força do mal contra o bem, pois o prazer distraía a alma dos fins espirituais e para alguns maniqueístas o prazer homossexual eram piores por fugir do desígnio do criador.

Segundo Boswel outros, porém acreditavam que o prazer homossexual era menos graves que o heterossexuais, isso por que: “a) Não participam da falsa aura de santidade conjugal para seduzir aos encantos e conduzi-los a vida auto permissiva; b) não se apegam a alma. Como o coito heterossexual quando tem filhos como consequência”. (BOSWELL, 1998, p. 89).

Percebe-se assim, que o dualismo foi ambivalente em relação à homossexualidade, e isso pode ter direcionado em uma ou outra direção os cristãos que a sofreram. O que se pode afirmar é que o estoicismo influenciou a moral sexual no cristianismo com a ideia de que o único emprego natural da sexualidade era a procriação.

Por fim, é preciso compreender que o cristianismo dos primeiros séculos após a era apostólica procurou suas inspirações e ideia sobre o sexo num contexto pagão greco-romano, tendo como base fundamental a cultura judaica que considerava a procriação como razão suprema para a realização do sexo.

Foi a partir do século VI que o cristianismo passou a coexistir com o paganismo no que diz respeito às ideias sobre o sexo, o corpo e a natureza inspirando a moldura do pensamento cristão na Idade Média, e que em muitos aspectos duram até os dias de hoje. A partir do que refletimos anteriormente, é possível perceber que nos primeiros séculos de cristianismo a homossexualidade ainda subsistia em grandes escalões sociais, políticos e religiosos.

A sexualidade nos primórdios do cristianismo estava centrada na procriação, com isso a homossexualidade não ocupava o primeiro lugar na lista de pecados sexuais, mas ao contrário era apenas mais um dentre tantos outros contrários a geração de filhos.

A mudança radical frente às relações homossexuais surgiu a partir do século XI, sobretudo no III e IV concílio de Latrão em que foram tomadas decisões mais severas contra homossexuais, especialmente quanto aos clérigos. Segundo Vaifas:

Mas a vigilância a perseguição dos homossexuais não se limitou à moralização dos sacerdotes, esforço precursor da cruzada tridentina na Época Moderna. Os estatutos sinodais da Baixa Idade Média, a seguir o rigorismo dos concílios gregorianos, tenderam em sua maioria a reservar aos bispos a absolvição dos culpados do nefando, esvaziando-se o poder dos curas nesses casos e neutralizando a relativa indulgência dos penitenciais a esse respeito. (VAINFAS, 1989, p. 151-152).

Na Idade Média, a união heterossexual com fins de procriação, foi exaltada, e o matrimônio elevado à categoria de sacramento, com isso somente as uniões sacramentadas tinham validade, sendo inclusive indissolúveis. A partir daí todo ato sexual passa a ser considerado fonte de pecado e, portanto deveria ser evitado, exceto no matrimônio devidamente celebrado e abençoado pela igreja. (DIAS, 2006, p. 28).

Nesse período, a virgindade também ganha destaque, ela passa a ser enaltecida e até mesmo cultuada como um estado de vida mais santo do que o próprio sacramento do matrimônio, e o sexo por prazer ficou marcado como pecado grave mesmo dentro do matrimônio. (DIAS, 2006, p. 28).

Com essa sacralização do sexo com o único objetivo de procriação, qualquer outra forma de viver a sexualidade era tida como perversa e pecaminosa, e os homossexuais passam a ser brutalmente perseguidos e torturados, chegando às vezes a condenação à fogueira. Segundo Vaifas:

Em França, a compilação de Tournaine-Ajou dispôs, em 1246, que todos os suspeitos de sodomia deveriam ser presos, julgados pelo bispo e condenados à fogueira, à semelhança dos heréticos, uma vez comprovadas as acusações. Os livros de '*Jostice et plet*', datados de 1260-1270, também chamados de 'código de Orléans', fixavam para os homens culpados de sodomia a castração, mutilações de outros membros e, no caso de terceiro lapso, a morte na fogueira. (VAINFAS, 1989, p. 152)

Para Serge André, é a partir do século XIII que a intolerância frente a homossexualidade realmente ganha força e forma nas práticas e nos textos, chegando inclusive, pela primeira vez, a um código civil prescrevendo a morte de sodomitas. (ANDRÉ, 1995, p. 123).

O nosso autor acrescenta que a sodomia não vinha sozinha nas condenações, ele era uma dentre outras categorias, tais como os Judeus, os mulçumanos e os hereges. Portanto, foi realmente na esteira de um movimento de racismo, que visava estabelecer as diferenças e rechaçar o gozo para o outro, que a homossexualidade masculina transformou-se num crime. (ANDRÉS, 1995, p. 123).

É importante destacar nos séculos XII e XIII em relação á moral sexual e o direito propagados, sobretudo pela Igreja foram marcados pelo conceito de natureza, acarretando numa teoria da sexualidade fundamentada na união natural do macho e da fêmea. (ANDRÉS, 1995, p. 123).

Esta ideia se evidencia, sobretudo com os santos Tomás de Aquino que faz a distinção entre o pecado secundo e contra natureza, o que qualificaria a homossexualidade como o mais grave que o adultério por ser contra natureza. (GAFO, 1998 p. 104).

Com isso, podemos perceber que o comportamento homossexual é reduzido ao ato sexual e, portanto contrária a ordem natural do criador, já que segundo a ideia do sexo como natural, visava exclusivamente a procriação, resultando assim numa simplificação no que se diz respeito a homossexualidade, a isso leva-se em conta a escassez de conhecimento científico tanto sobre a sexualidade como a homossexualidade.

Desta forma, o pecado contra natureza supera em gravidade os pecados segundo a natureza porque consistem numa violação da ordem natural fixada por Deus. (VIDAL, 2008 p. 140). Esta teologia de Tomás de Aquino vai influenciar fortemente nos séculos

posteriores, e com um agravante, Tomás de Aquino se servia de outros conhecimentos para falar do que seria natural ou antinatural como aponta Spijker:

Nem os contemporâneos do aquinismo nem os subsequentes teólogos, como podemos ver nos escritos de Pedro Canísio e de Afonso de Ligório, especialmente, nos manuais moral teológico dos últimos cem anos oferecem este ponto de vista diferenciado de Santo Tomás de Aquino. Se os manuais tivessem compreendido melhor a distinção tomista entre natureza metafísica e real do homem, tentando integrar esta com os resultados apresentados por sua consideração a luz da biologia e da sócio psicologia e da antropologia filosófica e cristã, a valorização moral teológica da inclinação homossexual teria sido mais justa com o ser e mais de acordo com a norma do amor cristão, do qual, só pode nascer a consciência da pecaminosidade de todo ser humano. (SPIJKER, 1971, p. 107).⁶

O autor em questão destaca ainda que Tomás de Aquino ao falar dos pecados contra natureza não faz de outra demonstração de amor homossexual, como o toque, a carícia e o beijo, estas expressões são tratadas de maneira geral, ainda que tais atos não sejam por si mesmos luxuriosos, nem representam pecado algum, no entanto tornam-se dependendo das motivações que saindo da ordem natural, seja na heterossexualidade ou na homossexualidade. (SPIJKER, 1971 p. 108).

Isto reafirma a ideia tomista de distinção entre pecado contra natureza e secundo natureza que ao longo da tradição cristã atribuída uma importância demasiada aos aspectos físicos da sexualidade.

É bom salientar que se de um lado constatamos essas reflexões teológicas dentro do sistema moral de maneira especulativa e de certa forma científica, do outro lado tinham os manuais de confissão e os manuais penitenciais que sem aprofundarem teologicamente o tema, reuniam uma série de proibições e mandamentos pragmáticos, estabelecidos por sínodos e concílios, que dedicam atenção ao homem concreto e sua realidade vital. Tanto é que estes sínodos e concílios em sua maioria eram locais:

Algumas vezes são sínodos e concílios preventivos, pelo que sua legislação se referia e outros punitivos. Mas, o caso é que dão testemunho de que a

⁶ Ni los contemporáneos del aquiniano ni los subsiguientes teólogos, como hemos podido ver en los escritos de Pedro Canísio y de Afonso de Liguori, especialmente, en los manuales moralteológicos de los últimos cien años, han podido ofrecer este punto de vista diferenciado de T. Aquino. Si los manuales hubieran comprendido mejor la distinción tomista entre la naturaleza metafísica y real del hombre, intentando integrar ésta con los resultados que arroja su consideración a luz de la biología y de la sociopsicología y de la antropología filosófica y cristiana, la valoración moralteológica de la inclinación homosexual había sido más justa con el ser y más acorde con la norma del amor cristiano, el cual, al fin y al cabo, solo nace de la conciencia de la pecaminosidad de todo ser humano. (SPIJKER, 1971, p. 107).

Igreja cristã havia negado tanto na época dos padres como na Idade Média toda atividade homossexual apesar do fato de que a maioria dos concílios e sínodos só tiveram uma importância puramente local. (SPIJKER, 1971, p. 110).⁷

Amores e manifestações homoeróticas não eram objetivos de indiferença na antiga sociedade ocidental, como vimos no início desse capítulo, apesar dos julgamentos dos pederastas, mas o que temos nas manifestações populares da Idade Média é algo distinto, o que causava mais espanto era a inversão social dos papéis sexuais, mais do que o estilo da cópula, isso é o que parecia inquietar as moralidades populares. (VAIFAS, 1989 p. 149).

Por fim, é interessante ressaltar que a perseguição aos homossexuais muitas vezes está ligada também a discriminação por classe social.

Glorificada e descortinada no meio aristocrático, a prática da sodomia era violentamente reprimida entre as classes populares. Na corte era o belo vício, consagrado pelo espírito, pelo nascimento ou pela fortuna. Nas ruas de Paris era motivo de perseguições e espetáculos que, na praça de Gréver mostraram os nefandos queimados para regozijo da multidão. (VAIFAS, 1989 p. 155 – 156).

Essa atitude popular levou os homossexuais a se refugiarem em guetos criando uma subcultura homossexual que ora rompia barreiras sociais, ora reproduzia a cruel exploração do antigo regime, incluindo muitas vezes o tráfico de meninos para orgias de burgueses, nobres e clero. (VAIFAS, 1989 p. 156).

2.4 A homossexualidade no período da “modernidade”, séculos XVI ao XIX

Este período é marcado pelo desenvolvimento da teologia moral e tem como um dos principais expoentes Afonso Maria de Ligório, que mantém o clássico esquema tomista de pecado secundo e contra natureza. (GAFO, 1998 p. 102).

Nesse período acontecem também dois grandes eventos, a Reforma Protestante e Contra Reforma culminando no Concílio de Trento. No campo intelectual temos o desenvolvimento do humanismo renascentista no século XVI e o iluminismo no século XVIII. (MARQUES, 2008 p. 25).

⁷ Unas veces son sínodos y concilios preventivos, por lo que su legislación se refiere, y otras punitivos. Pero, el caso es que dan testimonio de que la iglesia cristiana ha rechazado tanto en la época de los padres como en la Edad Media toda actividad homosexual pese al hecho de que la mayoría de los concilios e sínodos solo han tenido una importancia puramente local. (SPIJKER, 1971 p. 110).

A antiguidade clássica, sobretudo a grega, é retomada seja nas artes celebrando a figura masculina, seja nas grandes obras literárias em que os poetas resgatavam o amor entre homens e as sensibilidades dos antigos, incluindo o gosto pela forma masculina e por jovens adolescentes, permanecendo estável e ainda muito fundamentada na ideia tomista do natural e do antinatural, permanecendo uma atitude negativa contra as atividades sexuais entre os homens e rapazes, mas é importante ressaltar que:

Mais do que o resultado das proibições eclesiásticas e pregações do clero, parecem funcionar aqui a estranheza, existência a aversão originais de uma sociedade predominante heterossexual, em que tanto as expectativas quanto às condutas certas e erradas, lícitas ou imorais vinculavam em redor do relacionamento entre homem e mulher, mulher e homem. O anormal causa medo e insegurança. (TRANSFERETTI; LEERS, 2002 p. 87).

O catecismo da Igreja Católica, fruto do Concílio de Trento não menciona explicitamente a Sodomia e limita-se apenas em apresentar de modo genérico sobre os pecados de luxúria e seus horrores. Segundo Trasferetti e Leers esta descrição se apresentou também nos manuais seguintes:

O manual de Busembaum de 1661. Muitas vezes reeditado. Gasta apenas umas linhas com esta forma de prazer no estilo seco dos livros penitenciais. Petrus de Soto chama-a entre todos os pecados de luxúria o mais grave e perigoso. Sem comentários. Não convém explicá-la em público, mas o confessor há de saber a verdade para entender seus penitentes e resolver-lhes as dúvidas. (TRANSFERETTI; LEERS, 2002, p. 88).

Percebemos assim que, após o concílio de Trento, os manuais de Teologia moral no vida cotidiana dos cristãos, nesse caso os manuais não refletia apenas uma teologia acerca da sexualidade, mas absorve as experiências existenciais e esquemas culturais e códigos de conduta social.

Embora o catecismo romano apresente uma leve mudança na orientação acerca dos comportamentos homossexuais, ele não amenizou a visão da sexualidade exercida por pessoas do mesmo sexo, esta continuou gravemente proibida e apresenta como crime e pecado, cercada de denominações e termos pesados.

Na teologia moral, o termo é sodomia e a qualificação é crime infando, danadíssimo, horrendo, pecado execrável ou vício contra a natureza, contra o debitum sexus; se mencionados os argumentos sucintos se repetem de geração em geração, uma edição após a outra. (TRANSFERETTI; LEERS, 2002 p. 89).

Os reformadores do século XVI e XVII, não divergiram substancialmente da ética católica, isto é, o casamento heterossexual continuou sendo quase o único lugar

onde a sexualidade humana era valorizada, pelo menos como ideal, em termo das relações sexuais, a pequena diferença entre as Igrejas da Reforma e o Catolicismo está no fato da centralidade da procriação insistida na ética católica enquanto os protestante já avançam um pouco, ou seja, a procriação não é vista com o único objetivo da vida sexual de um casal. (FARIES, 2011 p. 6).

Quanto ao sexo entre pessoas do mesmo sexo, o surgimento das igrejas protestantes em nada diminuíram a perseguição aos sodomitas, mas pelo contrário, elas terão posturas ainda mais radicais em relação aos pervertidos, envolvidos no vício nefando e no pecado contra a natureza (CAPELLANO, 2009).

Uma ligeira transformação vai acontecer nos séculos XVII e XVIII quando o discurso religioso vai sendo substituído pelo discurso científico e médico, quando a religião cedeu o seu posto às ciências.

Neste período, o mundo e particularmente a Europa, é surpreendida por uma onda de ideais que propunha a luta pelos direitos dos cidadãos e pregavam a necessidade das pessoas enxergarem melhor a realidade, porque elas estavam mergulhadas nas trevas da ignorância, da superstição, do fanatismo, da irracionalidade e do preconceito, e para acabar com essas trevas era necessárias luzes, daí o nome dessa corrente ser iluminismo. (SCHMIDT, 2009 p. 246).

O movimento Iluminista tinha como valor supremo a razão e é por falta dela que vinha as desgraças humana fruto da ignorância, obscurantismo, preconceito, fanatismo e dogmatismo, com isso eles afirmavam que os homens são produtos da educação e da sociedade em que vivem, é fato de lhes faltarem à razão, invocavam sempre as tradições ancestrais, sobretudo as igrejas, como se a sociedade humana e as instituições fossem eternas (SCHMIDT, 2009 p. 249).

Renê Descartes (1596 – 1650), discípulo de jesuítas colocou a dúvida radical como princípio do conhecimento e autoconhecimento: “*Cogito ergo sum*” (penso, logo sou), ou seja, existo como pessoa e como ser humano; sou capaz de refletir sobre minha origem, meu presente e meu futuro; não necessito que a teologia, doutrinas cristãs e a igreja expliquem o que sou de alguma maneira: eu penso sobre mim. (DASILIO, 2012).

As ideias iluministas até podem parecer que aliviou a situações dos homossexuais, mas na verdade essas ideias apenas contribuíram para a mudança de foco, isto é, passou a ser visto como um doente que precisava ser tratado (CAPPELLANO, 2009).

É possível afirmar, que com as ideias dos iluministas fecha-se um ciclo em relação à homossexualidade e se abre novas perspectivas para os séculos XIX e XX, isto é, nasce a necessidade de entender o que o fenômeno homossexual a partir da ciências, o que veremos a seguir.

2.5 A homossexualidade a partir dos séculos XIX e XX: novos olhares, novos termos e novos conceitos

Até a primeira metade do século XIX ainda vigorou os manuais morais prosseguindo as tradições dos séculos anteriores dentro de um mesmo esquema racional. Mais tarde porem, na segunda metade ou talvez um pouco antes os primeiros sinais de mudança começa a despontar no contexto cultural do ocidente. De certa maneira a história da homossexualidade no ocidente aconteceu cheia de mudança e contrastes.

Antes do século XVIII, os homossexuais eram descritos como sodomitas, nefando e outras categorias, e sua pratica durante um longo período como vimos, era proibida por motivos religiosos e incluída na lista de pecados graves ou vícios abomináveis, com isso, a categoria era definida pelos seus atos e não pela pessoa que as praticavam, ou seja, os sodomitas não tinha uma fisiologia ou identidade particular. A mudança de concepção veio a partir do final do século XIX com sua laicização. Segundo Nunan:

No século XVIII a homossexualidade se laiciza, perdendo sua referência bíblica, e passa a ser chamada de pederastia ou infâmia. Torna-se agora pecado contra o Estado, a ordem e a natureza. No entanto continua a ser uma aberração temporária, uma confusão da natureza, nunca descrita como uma identidade específica. (NUNAN, 2003 p 33)

Em suma, a homossexualidade, que no período antigo foi considerada uma forma suprema de amor, passou a ser vista como vício diabólico e pecado gravíssimo pelo cristianismo, e agora é classificada como perversão.

No início do século XIX temos certa barafunda e passa a caminhar juntos ideias eclesiásticas, preocupadas em indicar a fronteira entre o natural visando a reprodução e o antinatural punindo os que transgrediam a vontade de Deus, e com o advento do iluminismo o discurso científico tentando discernir o normal do anormal ou patológico e com isso retiram qualquer possibilidade de escolha responsável por parte do sujeito.

Em 1869, um médico húngaro, Karoly Maria Benkert, lançou na Inglaterra o termo homossexual para designar todas as formas de relação entre pessoas do mesmo sexo (MARQUES, 2008 p. 33). Antes porém do termo homossexualidade um jurista alemão de nome Karl Heirinch Ulrichs, havia criado a palavra Uranismo em 1862, termo derivado de Afrodite Urânia a musa que aparece no discurso de Pausânias, no banquete de Platão e representava o amor entre homens. (NUNAN, 2003 p. 34).

Tanto Ulrichs quanto Benkert acreditavam que a homossexualidade era uma condição inata que se manifestava através de impulsos e desejos. Apesar do termo homossexual ter sido mais positivo para a época, ele ainda estava carregado de preconceitos, mas mesmo assim o uso do novo termo altera a ideia que se faz desses indivíduos. (NUNAN, 2003 p. 34).

Dentro do novo processo de secularização, a terminologia Sodomia e sua classificação como crime e pecado é agora substituída pelo termo homossexualidade e classificado como doença e patologia, substitui assim o castigo e a penitência pelo tratamento psiquiátrico e a cura médica, ficando presa a esfera interpretativa de perversão. (TRANSFERETTI; LEERS, 2002, p. 89).

Como podemos perceber até aqui, o que restava para os homossexuais era uma abstinência forçada baseada na concepção de que o homossexual buscava exclusivamente o prazer sexual, já mais se levava em conta sua vida amorosa como um todo.

Segundo Nunan, nesse período algumas técnicas foram utilizadas, numa tentativa de normalizar o desejo heterossexual em pessoas que tinham desejos pelo mesmo sexo, a principal delas era a hipnose, ela afirma ainda que em alguns discursos médicos fosse possível encontrar a proposta de intervenção cirúrgica e tentativas hormonais visando à transformação dos homossexuais em heterossexuais. (NUNAN, 2003 p. 35).

Apesar das repercussões negativas do termo homossexual, e da persistência a sua caça, para Michael de Foucault, estes foram elevados a uma categoria e espécie, coisa até então desconhecida:

Esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e nova especificação dos indivíduos. A Sodomia – a dos antigos direito civil ou canônico – era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e talvez, uma fisiologia misteriosa. (FOUCAULT, 1999, p. 43).

O autor afirma que a homossexualidade se constituiu a partir da categoria psicológica e psiquiátrica quando ultrapassa sua redução de relação sexual e é vista com certa qualidade da sensibilidade sexual, que o faz interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. Foucault conclui assim sua ideia:

A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 1999 p. 43-44).

Apesar do século XIX ter criado a espécie homossexual, como afirmou Foucault, o século XX iniciou sua reflexão acerca do tema em questão, com uma série de mal entendidos e muitas teorias continuaram com o discurso de desvio e ainda preso a ideia de normal e anormal, natural e antinatural, e o discurso de cura continuou acentuado, inclusive com muitas tentativas arriscadas.

A tríade: Ciência, religião e polícia, na primeira metade do século XX se aliaram perseguindo os homossexuais numa tentativa de coibir suas atividades. A polícia através da repressão, a ciências a partir de técnicas que iam desde a hipnose até a castração e terapias aversivas e reparativas e a religião confirmando a ideia de doença e pregando a cura, além de usarem a bíblia para justificar a homossexualidade como abominação e pecado gravíssimo. (MARQUES, 2008, p. 36).

Esta estigmatização patológica proporcionou repercussões negativas confirmando o tabu social. Em torno dessa nova terminologia aparece um amplo conjunto de definições e teorias, agora não mais no campo da moral, mas também da psiquiatria, psicanálise e psicologia, que enquadram a homossexualidade no campo da anormalidade. (TRANSFERETTI; LEERS, 2002, p. 94).

Nem mesmo o pai da psicanálise escapou de rotular a homossexualidade, apesar de tirá-la da categoria de degeneração e de doença, ele a classificou como uma variável da função sexual, porém ela é uma consequência de uma parada ou estagnação prematura na evolução da libido que precisa de tratamento, isso é possível constatar numa carta que Freud escreveu a uma mãe:

Presumo pela sua carta que seu filho é homossexual. Impressiona-me o fato de que você não menciona este termo em sua informação sobre ele. Posso perguntar-lhe por que o evita? A homossexualidade não é do que se envergonhar, não é vício, nem degradação, nem podemos classificá-la como enfermidade; nós a consideramos uma variação da função sexual produzida por certa detenção do desenvolvimento sexual. Muitos indivíduos respeitáveis dos tempos antigos e modernos foram homossexuais, e vários deles muito importantes, entre eles (Platão, Michael Ângelo, Leonardo da Vinci, etc.) é uma grande injustiça perseguir os homossexuais como se fosse um crime, e é também crueldade. Se você não acreditar em mim, leia os livros de Havelock Ellis. Ao perguntar-me se eu posso ajudar você quer dizer, suponho, se eu posso abolir a homossexualidade e fazer com que a heterossexualidade normal ocupe o seu lugar. A resposta, em linhas gerais é que não podemos prometer muda-lo. Em alguns casos temos êxito em desenvolver os benditos germes de tendências heterossexual que estão presente em todo homossexual na maioria dos casos não é possível. É uma questão que depende da qualidade e da idade do indivíduo. É impossível pressentir um resultado do tratamento. O que a análise pode fazer pelo seu filho é um assunto diferente. Se seu filho é infeliz, neurótico, atormentado por conflitos, se sente inibido em sua vida social, a análise poderia trazer-lhe harmonia, plena eficiência, sendo que permaneceria homossexual ou mude. Se você o fará! Terá que vir até Viena. Não tenho intenção de sair daqui. De todo modo não deixe de responder. (FREUD, 1965, p. 17-18).⁸

É possível notar através desta carta, que Freud demonstra uma preocupação com o sofrimento tanto do sujeito homossexual quanto das pessoas envolvidas, tentando

⁸ Colijo de su carta que su hijo es homosexual. Me ha impresionado hondamente el hecho de que Ud. no mencione este término en su información sobre él. Puedo preguntarle, por qué lo evita? La homosexualidad no es nada de que haya que avergonzarse, no es vicio, ni degradación, ni se la puede clasificar como enfermedad; nosotros la consideramos una variación de la función sexual producida por cierta detención del desarrollo sexual. Muchos individuos respetables de los tiempos antiguos y modernos han sido homosexual, y varios de los más grandes, entre ellos (Platón, Miguel Ángel, Leonardo da Vinci, etc.). Es una gran injusticia perseguir la homosexualidad como se fuese un crimen, y es también crueldad. Se Ud. no me cree a mí, lea los libros de Havelock Ellis. Al preguntarme si yo puedo ayudar, Ud. quiere decir, supongo, si yo puedo abolir la homosexualidad y hacer que la heterosexualidad normal ocupe su sitio. La respuesta, en línea generales es que no podemos prometer lograrlo. En cierto número de casos tenemos éxito en desarrollar los benditos germines de tendencias heterosexual que están presente en todo homosexual en la mayoría de los casos ellos ya no es posible. Es una cuestión que depende de la cualidad y la edad del individuo. Es imposible presidir los resultados del tratamiento. Lo que el análisis puede hacer por su hijo es asunto diferente. Si su hijo es desdichado, neurótico, atormentado por conflictos, si siente inhibido en su vida social, el análisis podría traerlo armonía, paz mental, plena eficiencia, sea que permanezca homosexual o cambie. Se usted lo hará! Tendrá que viajar hasta Viena. No tengo intención de moverme de aquí. De todo modo no deje de contestar ésta mía. (FREUD, 1965, p. 17-18).

apagar as marcas deixadas pelas teorias científicas e médicas na sociedade de sua época⁹.

Com o intuito de alterar as preferências e os desejos de indivíduos homossexuais, para que se adequassem às normas culturalmente estabelecidas pela sociedade, foram utilizadas no século XX, diversos métodos e dentre eles destacamos a lobotomia. Segundo Marques:

Na Alemanha, as lobotomias de homossexuais só terminaram em 1979. Na Noruega, as vítimas de lobotomia – duas mil e quinhentas pessoas – acabaram por receber indenização, mas dezoito das primeiras 35 operações foram fatais. Na Suécia mais de três mil pessoas foram lobotomizadas e na Dinamarca o número ascendeu às três mil e quinhentas, sendo a última em 1981. Por fim, nos Estados Unidos o número de indivíduos lobotomizados – homens e mulheres – por definição sexuais de várias ordens ultrapassou as dezenas de milhares. (MARQUES, 2008, p. 36)

A homossexualidade ao longo da história está cheia de altos e baixos num emaranhado de definições, em algumas épocas exaltada, em outras condenadas inclusive com a morte dos indivíduos, em determinados períodos uma intolerância, em outros enaltecidos, sobretudo pela literatura, mas na maior parte foi perseguida pela religião (sobretudo cristã), poder civil e por fim pela medicina.

A partir da segunda metade do século XX com o episódio de Stonewall, acontece uma reviravolta com relação a homossexualidade, pois este manifesto provocou o que podemos chamar de uma verdadeira revolução, pois neste episódio os homossexuais foram convocados a se libertarem e “saírem do armário”.¹⁰ Rodrigues nos relata o que foi essa revolta:

No dia 28 de junho de 1969, no Greenwich Village, em Nova York, ocorreu uma rebelião de travestis denominada de Motim de Stonewall, por ser o nome de um bar, Stonewall Inn, localizado na Christopher Street, a rua mais movimentada da área conhecida como o gueto homossexual de Nova York. A polícia “estourou” o bar, frequentado na sua maioria por homossexuais, alegando infração pela venda de bebidas alcoólicas, o que ensejou uma rebelião que durou uma semana, com protesto e brigas entre homossexuais e a polícia. (RODRIGUES, 2004, p. 175).

A notícia dos motins desse dia 28 de junho de 1969 inspirou um movimento de protesto homossexual, não só nos Estados Unidos, mas também em todo o mundo,

⁹ Nosso objetivo aqui não é discutir a homossexualidade segundo Freud, mas apenas demonstrar a visão dele num contexto histórico.

¹⁰ A expressão “Sair do Armário”, é utilizada pelos movimentos homossexuais para designar o fato de uma pessoa assumir publicamente sua homossexualidade.

tornando assim um marco na constituição da identidade homossexual bem como a sua emancipação. (SANTOS, 2005, p. 40).

No campo religioso, contemporaneamente ao episódio de Stonewall, surge nos Estados Unidos a Igreja da Comunidade Metropolitana, fundada pelo Reverendo Troy Perry, e hoje está presente em mais de 30 países do mundo, inclusive no Brasil desde 2003. Iniciou como uma igreja pentecostal que abertamente acolhia os gays e lésbicas. (MUSSKOPF, 2008. p. 149).

Observando esses dois acontecimentos históricos, tanto a fundação da Igreja da Comunidade Metropolitana (chamada de igreja inclusiva) quanto o motim de Stonewall, marca a busca de independência dos homossexuais e sua afirmação na sociedade de maneira organizada, pois a partir daí começou a surgir em todo o mundo grupos e movimentos gays, civil e religioso.

O dia 28 de junho ficou tão marcado para a comunidade gay dos Estados Unidos, que esta data se tornou o dia do orgulho gay, culminando inclusive no ano seguinte a criação da Frente de Libertação Gay em Londres (RODRIGUES, 2004 p. 176). E a partir daí não parou mais, foram criadas várias frentes LGBT em todo o mundo, invertendo o pensamento de que a homossexualidade é um problema e afirmando que a intolerância e o preconceito é que são.

A partir daí uma série de acontecimentos vai reafirmando a identidade gay no mundo afora e várias conquistas vão sendo realizadas com a força desses movimentos.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estabeleceu em 1971 que a Homossexualidade não é uma patologia nem desvio de conduta, no Brasil o Conselho de Psicologia promulgou em maio de 1999 a restrição à discriminação em uma resolução (FISCHER, 2008 p. 183). Em 1981 o Conselho Europeu descriminaliza a homossexualidade e proíbe a discriminação baseada na preferência ou orientação sexual. (MARQUES, 2008 p. 38).

Em 1974 a homossexualidade passa a ser vista como uma dentre tantas outras formas de sexualidade, não configurando mais no catálogo de perversões do “Terceiro Manual Diagnóstico e Estatísticos dos Distúrbios Mentais”, editado em 1987 pela American Psychiatric Association. (ROUDINESCO; PLON, 1998 p. 89).

A década de 90 ficou marcada pelo surgimento da teoria *queer* representando um movimento político radical que diferenciava da visão assumida na sociedade dos Estados Unidos, questionando os binômios da identidade e as ideias liberais referentes à autonomia do indivíduo e o conceito de comunidade com base no princípio da uniformidade (MARQUES, 2008 p. 38).

Os movimentos surgidos no final do século XX, buscaram mais do que uma libertação, vieram para desfazer as imagens distorcidas e estereotipadas que se identificavam os homossexuais, isto é, o efeminado, pederasta, indolente e fraco, promíscuo etc.

Para Leers e Trasferetti, na perspectiva histórica as teorias produzidas no passado ainda estão no mercado, mas não tem mais o mesmo valor, porque pela evolução das ideias há uma sucessão de interpretações no tempo, com isso a segunda metade do século XX a homossexualidade sai da clandestinidade:

Na realidade presente está acontecendo algo mais do que discursos variados sobre a homossexualidade ou homossexualismo. Uma nova consciência e novos comportamentos se apresentam de pessoas que assumem sua homossexualidade e não a escondem mais, que se organizam e juntas lutam por um lugar justo na sociedade. (TRANSFERETTI; LEERS 2002 p. 94).

Percebemos assim, que com a efervescência dos movimentos, grupos e organizações gays, e olhando a história ocidental, hoje não são mais os heterossexuais os primeiros a falarem e justificarem códigos de condutas que marginalizam os homossexuais, mas são os próprios homossexuais que se definem e se apresentam à sociedade.

2.6 O século XXI

O início do século XXI, em relação à homossexualidade, é evidenciado por três fatores: a presença de homossexuais na mídia, seja nas teledramaturgias, porém sem aqueles estereótipos, o crescente número de paradas gays em todo o mundo, chegando inclusive a várias cidades do interior e, sobretudo pela busca de direitos iguais, destacando a união civil entre pessoas do mesmo sexo e a adoção de filhos por casais homossexuais.

O primeiro país no mundo a legalizar a união estável de homossexuais foi a Holanda, após ter criado em 1998, uma união civil aberta aos homossexuais, em abril de

2001 autoriza o casamento civil de pessoas do mesmo sexo. Os direitos e deveres dos cônjuges são idênticos aos dos membros de casamentos heterossexuais, entre eles o da adoção.¹¹

Dáí veio uma sequencia apresentada pelo sitio Terra Notícia:

Portugal: uma lei, que entrou em vigor em junho de 2010, modifica a definição de casamento, ao suprir a referência “de sexo diferente”. Exclui o direito à adoção. A adoção da lei fez de Portugal o sexto país Europeu a permitir a união entre homossexuais.

Espanha: O governo de José Luiz Rodrigues Zapatero legalizou, em junho de 2005, o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Estes casais, casados ou não, também têm a possibilidade de adotar. Na época da aprovação da lei, enquanto ativistas choravam e mandavam beijos para os legisladores, integrantes do partido conservador classificavam a decisão como uma desgraça.

Bélgica: os casamentos entre Homossexuais são autorizados desde junho de 2003. Os casais gays têm os mesmos direitos que os casais heterossexuais. Em 2006, conquistaram o direito a adotar.

Noruega: uma lei de Janeiro de 2009 põe em pé de igualdade os casais homossexuais, tanto para o casamento quanto para a adoção de crianças quanto a possibilidade de beneficiar-se de fertilização assistida. Desde 1993, contavam com a possibilidade de celebrar união civil.

Suécia: pioneira no direito de adoção, desde maio de 2009 a Suécia permite a casais homossexuais se casarem no civil e no religioso. Desde 1995 eram autorizadas a se unir por “união civil”. Na Suécia, onde cerca de três quartos da população são membros da Igreja Luterana, apesar de um número de praticante ser relativamente baixo qualquer um dos pastores pode celebrar casamentos entre gays.

Islândia: A primeira ministra islandesa, Johanna Sigurdardottir, casou-se com sua companheira em 27 de junho, dia da entrada em vigor da lei que legalizou os casamentos homossexuais. Até então, os homossexuais podiam unir-se legalmente, mas a união não era casamento real.

Canadá: Desde 2005 gays podem casar e adotar crianças. Na época da aprovação da lei, pesquisa mostrava que a maioria dos canadenses era a favor da união gay. Houve resistência da Igreja Católica. A instituição afirmou na época que o grupo menos considerado no debate era as crianças.

África do Sul: Em novembro de 2006, se tornou o primeiro país do Continente africano a legalizar a união entre duas pessoas do mesmo sexo através do casamento ou da união estável. A lei foi assinada pelo presidente em exercício na época, Phumzile Mlambo-Ngcuka. A África do Sul é o único no continente africano a permitir a união homossexual.

Ainda outros países adotaram legislações referentes à união civil, que dão direito mais ou menos ampliados aos homossexuais (adoção e filiação), em particular a Dinamarca, que abriu em 1989 a via para criar uma união registrada, a França ao instaurar o PACS (Pacto civil de solidariedade) em

¹¹ Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias>.

1999, Alemanha em 2001, a Finlândia em 2002, Nova Zelândia em 2004, Reino Unido em 2005, República Tcheca em 2006, Suíça em 2001.¹²

Na América latina, o primeiro país a possibilitar a união matrimonial homossexual foi a Argentina. Segundo o site G1 a discussão virou polêmica depois que a Igreja Católica mobilizou seus fiéis em repúdio ao tema, o qual definiu como projeto do demônio. Em resposta, o governo respondeu com uma manifestação chamada de barulho pela igualdade.

No Brasil o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu, por unanimidade, a união Estável entre pessoas do mesmo sexo como entidade Familiar. Na prática, as regras que valem para relações estáveis entre homem e mulher serão aplicadas aos casais gays. Com a mudança o Supremo cria um procedimento que pode ser seguido pelas outras instâncias da Justiça e pela administração pública.¹³

¹² Disponível em <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI4566988-EI8140,00-Saiba+quais+sao+os+paises+que+legalizaram+o+casamento+gay.html#info>, acessado em 12 de novembro de 2011.

¹³ <http://g1.com.br>, acesso dia 12 de novembro de 2011.

3 ÉTICA, SEXUALIDADE , IDENTIDADE SEXUAL E A QUESTÃO DE GÊNERO

O presente capítulo pretende trazer conceitos básicos de ética, sexualidade e a problemática da identidade sexual dentro do discurso de gênero. Ao fazermos a trajetória histórica da homossexualidade percebemos o quanto foi perturbada, complexa e ambígua a questão da prática homossexual. Ela variou muito no curso da história, por vezes exaltada e por vezes perseguida e condenada, e por trás de tudo estava em jogo o princípio ético e valores morais estabelecido pela cultura em cada contexto histórico. Para situar a homossexualidade devemos levar em conta os complexos e ambivalentes princípios: éticos, sexuais e religiosos.

3.1. Ética: liberdade e reciprocidade na permanente busca da felicidade humana

Falar de ética não é uma tarefa fácil, uma vez que ela reflete as infinitas atividades humanas de ordem valorativas e moral, não só do indivíduo, mas também de todo o grupo social a qual cada indivíduo está inserido. Faremos nossa reflexão a partir de uma perspectiva histórica tendo como referencia a tradição ocidental. Desde os tempos mais antigos a ética foi apresentada como a arte do bom, do contentamento e do bem estar, contrapondo o sofrimento humano, seja no nível pessoal e individual como também no campo social, sofrimento frutos das ações humanas causadas por eventos funestos e ações más. (MARCHIONNI, 2010, p. 17).

A ética segundo o pensamento de Aristóteles é a arte da busca de um bem, ou seja, o bem apresentado como aquilo para o qual as coisas tendem: “Toda arte e toda investigação, bem como toda ação e toda escolha, visam a um bem qualquer; e por isso foi dito, não sem razão, que o bem é aquilo a que as coisas tendem”. (ARISTÓTELES, 2001, p. 17).

Na ética aristotélica esse bem para o qual as coisas tendem é a felicidade buscada acima de qualquer outra coisa, é o absoluto e auto-suficientes sendo aquilo que em si mesmo torna a vida desejável, é a finalidade de toda ação humana, que não implica em um curto espaço da existência, mas é um esforço da vida interior que fará o homem feliz e venturoso. (ARISTÓTELES, 2001, p. 26-27).

Assim a ética é apresentada como a escola que trilhamos para alcançar a vida feliz. Eis aí o princípio da ética, o que há de mais valioso e importante viver para o bem ou viver para o mal, o que há de satisfação para o ser humano, seja para o indivíduo, seja para os povos, alcançar a felicidade, entendendo felicidade não como uma simples dádiva, mas como fruto do esforço humano orientado para o bem. (COMPARATO, 2006, p. 17).

Daí, a importância da investigação sobre o que é o bem e o mal, o certo e o errado, quais ações são melhores ou piores, a ética então vai tratar de refletir sobre o agir, sobre o prático, preocupada em perguntar como deve agir o ser, qual é a ação mais adequada, ela está preocupada em dizer qual é o caminho para o qual o homem deve dirigir-se para alcançar o bem, mais do que especular o que é o ser, ou o que são as coisas, essa tarefa cabe a outras áreas do conhecimento humano. (COMPARATO, 2006, p. 17-18).

A ética se apresenta como um saber normativo que pretende orientar o agir humano remontando à reflexão sobre as diferenças morais, de modo que sua maneira de orientar a ação se dá de forma indireta, indicando qual concepção moral é mais razoável e a partir dela orientar o comportamento humano. (MARTINEZ; CORTINA, 2005, p. 9).

Partindo da ideia de que o homem é um ser aberto e de responsabilidade¹⁴ e deste modo, é o ser de decisões inevitáveis, toda a sua vida é uma sequência de decisões, em que ele se põe diante de alternativas diversas em relação a suas ações, obrigando-o a assumirem posições, orientações e tarefas para a construção de si mesmo. Tarefa nada fácil, uma vez que ele está inserido em um conjunto maior, a convivência, a vida comunitária. (OLIVEIRA, 1995, p. 30).

O homem enquanto ser de relações, só se conquista através da convivência no “Ethos”, que nos remete para a casa comum, a moradia e a identidade, ou seja, o “Ethos” tem o vigor que efetiva a identidade essencial e profunda de um povo, e num

¹⁴ Diferentemente do animal que é o seu mundo, o ser humano possui o seu mundo; ao contrário do animal que é o ser o ser humano possui o seu ser. Em outras palavras o ser humano não está circunscrito pelo código inexorável do instinto. Por isso mesmo ele constitui como ser simbólico caracterizado por uma abertura que o condena, no dizer de Sartre a liberdade. Isto significa que o animal é um-si enquanto que o ser humano é um para-si.

segundo momento pode ser entendido também como identidade da pessoa humana. (LEERS; MOSER, 1996, p. 24).

A ética é definida então como a ciência do “Ethos”, como podemos confirmar em Henrique de Lima Vaz, que ao ser a ciência do “Ethos”, implica dizer que é a ciência do real que o elege como objeto de estudo partindo para a práxis, para a experiência real.

Como ciência do real, a ética tem por objeto o ethos, que se apresenta como fenômeno histórico e cultural dotado de evidência imediata e impondo-se à experiência do indivíduo tão logo este alcance a primeira idade da razão. A própria possibilidade da metaética e das ciências empíricas do ethos implica justamente a universalidade dessa experiência, traduzindo-se em forma paradigmática de linguagem e conduta e revelando um dado antropológico incontestável. (VAZ, 1999, p. 37).

Notadamente, para a existência da ética, se faz necessário a autonomia, pois é com ela que o indivíduo age, o sentido ético traz a tona o que é, e só depois poderá emitir um juízo de valor, em outras palavras, com pré-conceitos o indivíduos não é capaz de entrar no mundo do outro, é através da observação de fenômenos éticos que o ser passa a agir com sua autonomia. Sendo assim

A intenção da vida no bem (eu zen) e, conseqüentemente, o agir segundo o bem (euprattein), do qual deriva a vida melhor ou mais feliz (eudaimonia) para o agente ético e a excelência ou virtude (areté) de seu agir e de seu ser. Como consequência, o bem deve ser realizado (agathon = deon), embora não pela coação, mas pela persuasão. (VAZ, 1999, p. 38).

A experiência do ethos se revela numa estrutura dual, isto é, o ethos é inseparavelmente social e individual, é uma realidade sócio histórica que acontece na prática do próprio indivíduo, mas que tem sua implicação no ethos social, o que vai exigir do homem responsabilidade, pois o ethos é visto como o lugar da habitação, sobretudo do homem animal, mas num sentido simbólico ele ganha a dimensão e uma significação propriamente humana que o das relações interpessoais, afetivas e éticas. (VAZ, 1999, p. 40).

As relações humanas se configuram através de um sistema de instituições, que se constitui de assembleias, magistraturas e tribunais que devem tornar possível à vida em comum como convivência de iguais e livres. O homem é o ser que só vem a si mesmo nas comunidades, significa dizer que a ética parte de um ethos, de uma forma de vida

que foi configurada historicamente a partir das ações dos próprios homens e que os diferentes indivíduos se apropriaram. (OLIVEIRA, 1995, p. 32).

Quando dizemos que a ética parte do ethos, estamos afirmando que ela é fruto da conexão, que foi articulada na história através dos costumes, hábitos, leis, instituições, estruturas construídos pelo agir humano de diferentes sujeitos.

É verdade que todo fenômeno especificamente humano, isto é, não redutível a simples processos biofísicos, sendo um fenômeno de cultura, é constitutivamente social. No caso do ethos, porém, a relação do social e do individual mostra-se dotada de características que deverão ser reconhecidas como próprias da esfera ética. (VAZ, 1999, p. 39).

A dimensão ética é, ao mesmo tempo, subjetiva e objetiva, olhando a partir de sua objetividade, ela indica construção normativa da realidade, por outro lado, sua polaridade subjetiva, exprime o grau de coerência do sujeito humano responsável, a síntese dialética dessas polaridades é que constitui a totalidade da dimensão ética.

Entre os dois polos do ethos e da práxis ética traçam-se as fronteiras do campo ético, que em outro lugar propusemos representar por uma elipse como lugar geométrico dos pontos de intercessão dos dois vetores traçados a partir do polo objetivo do ethos e do polo subjetivos da práxis. Esta representação geométrica pode ajudar-nos a compreender a estrutura fenomenológica elementar do fenômeno ético, circunscrito pela inter-relação mediatizada pelo espaço da intersubjetividade, ou seja, pela dimensão constitutivamente social da vida ética. (VAZ, 1999, p. 43).

A partir dessas polaridades percebemos a constituição ética com uma dupla vertente, isto é, a interrogação sobre o que é bom e o que deve fazer para realizar a bondade objetiva.

Quando prevalece a ética no polo subjetivo da práxis, surge um discurso individualista, medindo, sobretudo a responsabilidade dos sujeitos individuais, sem ter em conta o caráter coletivo das decisões responsáveis e ainda o discurso voluntarista fixando-se na dimensão ética dos atos ou da vontade dos sujeitos sem ter em conta as implicações éticas das instituições e das estruturas.

Por outro lado, quando a ética tende para o polo objetivo do ethos, aparece o discurso coletivista em que a responsabilidade moral descarrega-se no coletivo, enquanto sujeito de decisão, desaparecendo assim a responsabilidade individual, em consequência o discurso ético se dá a partir do estrutural e institucional, fazendo-se

basear nas ações pessoais, mas nas instituições e estruturas que conformam a realidade humana.

É na integração da responsabilidade individual e coletiva, e da moralidade das ações e das instituições e estruturas de poder, que se encontram os pontos básicos do paradigma específico da ética. Este era o ideal ético para Hegel, uma vida livre dentro de um Estado livre, um Estado de direito, que preservasse os direitos dos homens e lhes cobrasse seus deveres, onde a consciência moral e as leis do direito não estivessem nem separadas e nem em contradições. (VALLS, 1994, p. 45). Segundo Comparato:

A norma ética, por mais excelente que seja não tem real vigor ou vigência, se não estiver viva na consciência dos homens, ou seja, se não corresponder a uma disposição individual e coletiva de viver eticamente. E, bem ao contrário do que vieram a sustentar os modernos, a começar por Maquiavel, a ética da vida pública não define a ética privada. Os talentos ou aptidões individuais são evidentemente diversos, como diversas são as qualidades técnicas requeridas para o exercício de uma profissão privada, ou de uma função de governo no Estado. (COMPARATO, 2006, p. 497).

Os princípios éticos são normas objetivas, sempre correlacionadas a virtudes subjetivas. São normas teleológicas, que procuram apontar para um objetivo final do comportamento humano, são normas de conteúdos axiológicos, cujo sentido é sempre dado pelos grandes valores éticos.

Assim, o respeito a dignidade humana deve abrangê-la em todas as suas dimensões, isto é, em cada indivíduo e em cada grupo social, em cada povo estabelecido, enfim, em toda humanidade. É igualmente em todas as dimensões da pessoa humana que atuam os princípios da verdade, da justiça e do amor, que por sua vez são desdobrados e especificam-se nos princípios de liberdade, igualdade, segurança e solidariedade.

A seguir desenvolveremos dois destes princípios importantes para reflexão que faremos depois sobre a relação da homossexualidade com os aspectos da religião cristã, que são o princípio do amor e o princípio da liberdade.

3.1.1 O princípio ético do amor como dever

Não é muito fácil falar de amor, por se tratar de uma palavra utilizada para uma gama de realidades diferenciadas. Desde os pré-socráticos, o pensamento grego procurou entender o amor como uma força que une os seres, animados ou inanimados.

Hesíodo e Parmênides, segundo informou Aristóteles, foram os primeiros a sugerirem que o amor é a força primária que move os seres e os mantém unidos. (COMPARATO, 2006, p. 530).

Na ética a Nicômaco, Aristóteles alerta para não confundirmos amor com amizade, o filósofo sustenta que a amizade (*philia*) não consiste num bem querer em relação a outrem, mas que se reduzem a fazer o bem reciprocamente, quando muito se limitam a fazer o bem uns aos outros e são julgadas boas e prestativas e com isso lhes são atribuídas esse sentimento:

Há três espécies de amizade, em números iguais às coisas que merecem ser amadas, uma vez que a afeição mútua, conhecida pelas duas partes, pode-se basear em cada uma das três qualidades, e os que amam desejam bem um ao outro com referência à qualidade que fundamenta sua amizade. Aqueles que fundamentam sua amizade no interesse amam-se por sua utilidade, por causa de algum bem que recebem um do outro, mas não amam um ao outro por si mesmo. O mesmo se pode dizer a respeito dos que se amam por causa do prazer; não é por causa do caráter que os homens amam as pessoas espirituosas, mas porque as consideram agradáveis. Desse modo, os que amam os outros por interesse, amam pelo que é bom a eles mesmos, e os que amam em razão do prazer, amam em virtude do que é agradável a eles, e não porque o outro é a pessoa amada, mas porque ela é útil ou agradável. (ARISTÓTELES, 2001, p. 174-175).

Percebemos então que a amizade, enquanto afeição e sentimento não se confunde com o respeito à observância dos deveres para com o outro, mas o verdadeiro amor, enquanto princípio ético e àquele na qual a consciência do dever para o bem do outro, despida de sentimento, dever amar geral e indiscriminadamente, ele diz respeito a todos os companheiros, e a todos os outros seres humanos sem exceção, mesmo os inimigos, e assim o é por não se tratar de um sentimento particular, mas de um dever geral.

Por outro lado não podemos negar a reciprocidade da amizade, pois o seu sentimento é necessariamente bilateral e pode ser entendido como forma permanente do amor benevolência, designando a qualidade do amor benevolência mais as qualidades de reciprocidade e de comunhão . (JOSAPHAT, 2010, p. 209).

O amor por ser um princípio ético, é como tal, uma norma superior, ele por buscar o bem do outro se torna um princípio que evidencia a responsabilidade e alteridade, mas para a reciprocidade do amor ele exige a criação de deveres objetivos gerais de comportamento na vida social, por ser doação completa e sem reservas, ou

seja, aquele que ama é despossuído de si mesmo, nada retém para si, mas tudo oferece para o outro.

A grande função do amor é estar fundamentado na verdade, e deve atuar como fator de permanente aperfeiçoamento da justiça. É o impulso constante no sentido de uma não acomodação com as formas de justiça já existente, a procura de uma ampliação ilimitada de dar a todos e a cada um o que a consciência ética sente como devido. (COMPARATO, 2006, p. 534).

É importante colocar em destaque que o amor enquanto um imperativo ético tem suas raízes mais profundas no discurso religioso, particularmente nas religiões monoteístas ou abrahâmicas, isto é, nada é tão tranquilo para o homem de fé do que aceitar que o amor a Deus e ao próximo constitui o mandamento máximo, anunciado na torá, no evangelho e no corão. (LEERS; MOSER, 1996, p. 132).

Na cultura judaica cristã este mandamento está prescrito no Antigo Testamento: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19,18) e é retomado por Jesus no Novo Testamento : “Amarás o Senhor teu Deus de todo o seu coração e de toda a tua alma, com toda a sua mente, com toda sua força. O segundo é amarás o próximo como a ti mesmo. Não há mandamento maior que este”. (Mc 12, 30-31).

O amor num contexto ético a partir do mandamento, seja no AT, seja no NT é o amor que liberta o homem, e como isso acontece? Moser e Leers apresentam três distinções que mostram as várias faces do amor concreto que liberta: o amor nas relações curtas; amor nas relações longas e o amor nas relações ou contextos das tensões sociopolíticas. (LEERS; MOSER, 1996, p. 132).

O que eles chamam de amor nas relações curtas é a relação direta “eu-tu”, que buscam precisar o serviço, a doação, o perdão. Amar nesse sentido significa sempre acolher e reconhecer a alteridade e o amor atinge a sua plenitude na medida em que estiver numa linha libertadora em todos os sentidos. (LEERS; MOSER, 1996, p. 132).

As relações longas apontam para o plano político-social, que vai além da soma de indivíduos ou pessoas, mas é apresentado como uma exigência de viver compromisso no espírito de comunhão, uns a serviço dos outros. (LEERS; MOSER, 1996, p. 132).

Por fim as relações conflitivas, ou as tensões sociopolíticas, em que nas origens dos conflitos existem inúmeras causas que vão determinar uma série de conflitos e que exigirá o amor como imperativo, tais causas são: econômico-social, raciais, ideológicos, de gerações, de gênero, familiares, dentre outros, que vai exigir o princípio ético do amor para que possa haver possibilidade de convivência e comunhão humana. (LEERS; MOSER, 1996, p. 132).

3.1.2 O princípio ético da Liberdade como caminho para a igualdade

Quanto à liberdade, há uma série de conceitos, sempre se tratando de especificações dos princípios da verdade, da justiça e do amor, ouvimos falar de liberdade de expressão, liberdade de escolha, liberdade de imprensa, liberdade religiosa, liberdade política, etc.

Bernardino Leers em um vídeo que apresenta a sinopse do seu livro “**Em Plena Liberdade**” nos chama atenção para a dificuldade de se falar em liberdade num sentido pleno:

Em primeiro lugar eu não saberia dizer em que consiste, se não um teólogo que pensa que nós estamos dentro das limitações da criação dessa terra e nossa criação aqui nesse mundo e, mais ainda que temos que incluir como teólogo e cristão que esta vida vai terminar, para finalmente nos mostrar, pela morte, o verdadeiro significado da palavra Deus e receber dele com sua misericórdia a felicidade eterna, que é de fato a plena liberdade, mas na hora que eu tenho que responder o que quer dizer plena liberdade, o que eu posso responder é: passe pela morte para ver o que será. (LEERS, 2010).

O princípio da liberdade mantém uma profunda reciprocidade com a igualdade, a segurança e a solidariedade, há uma espécie de complementariedade neles, o que torna quase impossível que a humanidade um dia alcance a plena liberdade ou a perfeição de todos eles.

Na Grécia e em Roma, o pressuposto de igualdade entre os cidadãos era a liberdade, já na Idade moderna, as pessoas eram consideradas livres quando gozavam de um estatuto de igualdade, nesses dois períodos históricos os valores de igualdade e liberdade não eram independentes. (COMPARATO, 2006, p. 537).

Não resta dúvida de que a existência da liberdade é um valor ético em si mesmo, é um atributo essencial do ser humano, distinguindo-o por isso, de todos os demais seres

vivos. Mas quando falamos em liberdade nos deparamos com a pergunta: de que liberdade?

Segundo Comparato, a verdadeira Liberdade não é uma situação isolada, mas, bem ao contrário, ela acontece no inter-relacionamento de pessoas e povos, que se reconhecem reciprocamente dependentes de direitos e deveres. (COMPARATO, 2006, p. 537).

Por outro lado não podemos negar que se faz necessária a liberdade individual, pois o processo de emancipação de se fazer livre é mais visível no indivíduo, tornando-o a carta magna para o surgimento e a evolução dos povos na medida em que realiza sua plena emancipação, sendo assim, para cada indivíduo, para cada grupo, para toda sociedade, a liberdade é um dom, uma conquista para todos e cada um. Sendo germinalmente a capacidade de se fazer livre. (JOSAPHAT, 2010, p. 140-141).

A liberdade é um valor em si, pois se afirma e define como a primeira qualidade do agir humano (JOSAPHAT, 2010, p. 2010). Assim, falar de ética significa falar de liberdade, em primeira instância, a ética nos lembra das normas e as responsabilidades, e não tem sentido falar do homem responsável se este não é realmente livre. (VALLS, 1994, p. 48).

Tratando-se da liberdade enquanto agir humano, enquanto paradigma da ação, da relação e da autoconstrução da pessoa e da sociedade, ela assume a forma da responsabilidade, e assim sendo, a liberdade vence uma dupla forma de alienação, seja de coerção seja de permissividade. (JOSAPHAT, 2010, p. 142-143). Contudo, não tem sentido falar de responsabilidade, se o condicionamento ou determinismo aparece com respostas mecânicas e automáticas de forma total, neste caso não há ética, pois se a ética se refere ao agir humano e se este é determinado sempre de fora para dentro, não há espaço para a liberdade. (VALLS, 1994, p. 49).

A responsabilidade se torna vitoriosa se ela resultar da conjunção constante da liberdade continuamente conquistada e de uma inteligência sempre em marcha. A responsabilidade realista crê na liberdade, parte da liberdade, consolida e amplia a liberdade. (JOSAPHAT, 2010, p. 143).

A liberdade faz o homem autônomo, elevado acima de si mesmo, enquanto parte do mundo sensível, segundo Oliveira:

A liberdade é determinação do sujeito transcendental e neste sentido moralidade é autodeterminação da vontade enquanto independência das injunções do mundo sensível. Portanto, independência absoluta do mundo, espontaneidade pura, autonomia pura da vontade, que é lei e fim de si mesma. Ora, para Kant, quando está em jogo a humanização do homem - abre-se espaço para a saída da esfera da fenomenalidade, enquanto esfera da heteronomia, na direção da autodeterminação da vontade. (OLIVEIRA, 1995, p. 120-121).

Percebemos então que a ética é o lugar da emancipação e libertação do homem, e por isso mesmo é sua gestação enquanto ser que se funda a si mesmo na medida em que se autodetermina, buscando integrar a sua liberdade em sua realização plena que é a responsabilidade.

É necessário reconhecer que o homem se manifesta na história como o ser de caráter personalizante, o que implica a sua permanente abertura a tudo e a todos, onde cada indivíduo, grupo e a sociedade se valorizam, pelo desenvolvimento contínuo de suas potencialidades, na medida em que se abre a todos os outros, neles reconhecendo o complemento necessário de si.

A verdadeira liberdade que imortaliza o homem está na dignidade da pessoa humana, que é imperecível. É ela que nos indica o caminho da plenitude da vida, na verdade, na justiça e no amor. (COMPARATO, 2006, p. 699).

3.2 Sexualidade e ética sexual

A sexualidade é algo que vai muito além do sexo, ou seja, falar de sexualidade não é falar só de sexo, e muito menos devemos ter a ideia de que são coisas da ordem do instinto natural do homem e da mulher, isto é, a sexualidade é uma construção e desenvolvimento humano que sofre influências culturais.

Depois de Freud, com o surgimento da ideia de pulsão, que a sexualidade não se prende a ideia de que sexualidade é apenas um instinto associado à reprodução, mas é também uma pulsão psíquica que é fundamentalmente a ideia matriz da psicanálise, que tem uma forte influência no desenvolvimento da pessoa humana, com forte influência do ambiente familiar e sócio-cultural. (ARAN, 2010).

A ciência começa a querer explicar a sexualidade e não só as ciências naturais e biológicas, mas também as ciências sociais e antropológicas. Com isso, percebemos que a manifestação da sexualidade se faz além de fatores biológicos, ela é também construída através de códigos sociais, culturais, de códigos de regras nem sempre de forma consciente dos sujeitos que as seguem, por isso a ideia de tabus sexuais que dizem respeito a determinadas regras que modelam o comportamento das pessoas, pode não o ser tabu para outras. (HEILBORN, 2009).

Na verdade a sexualidade é algo natural e cultural, isto é, tem suas leis internas somadas a uma construção histórica e cultural.

A sexualidade é um processo histórico, mas ainda está envolvida, condicionada e mesmo determinada por todo um feixe de processos históricos. Ela é um processo histórico em cada ser humano. Esse processo histórico está submetido a um jogo de influências do processo histórico da família, da sociedade, da cultura, da religião, da moral e das mentalidades coletivas. (JOSAPHAT, 2010, p. 264-265).

O termo sexualidade é relativamente novo, data do início do século XIX, o que não seria o motivo para um desprezo e desdenho, mas também não é para ser superinterpretado como o boom do século. Esse termo traz algo diferente, mas não é a marca essencial para desvendar o sexo, o desejo e fantasias, que são anteriores ao termo, ou pelo menos aquilo que este pretende se referir. Segundo Foucault:

O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimento diversos (que cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e normas, em parte tradicionais e em parte novos, e que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos. (FOUCAULT, 1998, p. 9).

Qualquer manifestação da sexualidade se faz através de um código cultural, códigos de regras nem sempre de forma consciente do sujeito que as segue, não é da ordem do consciente para as pessoas e que modelam seus comportamentos, e que tem haver com outras concepções como beleza, contatos corporais permitidos, sensações corporais, etc.

Este conjunto enorme de cenários sociais e culturais, cerca por todos os lados a sexualidade, isto é, estamos profundamente condicionados pela maneira que a sexualidade é exercida, sendo maleável e condicionada por cenários sociais, por

determinadas pressões históricas, por modelos e eventos que vão ditando o modo das pessoas viverem e experimentarem a vivência sexual.

Foucault com a “história da sexualidade” chama atenção de que é a sociedade ocidental que cria, no sentido de acreditar, uma repressão sexual profunda para domar os corpos e evitar que a sexualidade fosse rude e insolente, o sexo deve ser mencionado sem prudência tudo deve ser dito, mas por outro lado deve-se controlar as paixões e suas correlações com os desejos. (FOUCAULT, 1999, p. 23).

Ao contrário do que se acreditava, a pulsão sexual era uma espécie de dispositivo para falarmos de sexo permanentemente através da sua negação, um discurso excessivamente marcado pelo pudor que acabou por provocar um “contra efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso incidente”. (FOUCAULT, 1999, p. 22).

O discurso da sexualidade então, na sociedade ocidental ganha uma evidência com novas características, e isso quer dizer que. Segundo Foucault:

Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função de demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostra-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. (FOUCAULT, 1999, p. 27).

Percebemos então uma sinalização de que havia uma necessidade e uma incitação ao falar de sexo através de uma ideia de conter os excessos, trazer o trato dos pudores, tratar das contenções dos corpos, e curiosamente todo o discurso feito para conter, controlar e censurar a conduta sexual, na verdade acabava paradoxalmente colocando em evidência a sexualidade como um tema fundamental da construção humana.

A partir de Foucault o saber sobre a sexualidade nos desperta para o valor que ela tem na nossa construção ao ponto do ser humano sempre elegê-la como um lugar quase que sagrado da constituição da pessoa na contemporaneidade, de lugar que se define a sua identidade pessoal e a partir da maneira de administrar a sua própria sexualidade. (HEILBORN, 2004, p. 44). Assim o homem se constitui enquanto sujeito sexual. Segundo Foucault:

Para compreender de que maneira o indivíduo moderno podia fazer a experiência dele mesmo enquanto sujeito de uma sexualidade, seria indispensável distinguir previamente a maneira pela qual, durante séculos, o homem ocidental fora levado a se reconhecer como sujeito de desejo. (FOUCAULT, 1998, p. 11)

A identidade sexual é uma questão fundamental e a compreensão disso levou a desencadear uma série de movimentos de emancipação, como o movimento feminista, o movimento de libertação homossexual e por último o movimento de transexuais, que vai colocar em pauta que a identidade do sujeito de alguma maneira, tem uma parte fundamental dela na sua identidade social no modo como ele exerce sua sexualidade, a identidade sexual passa a ser então um elemento chave na composição dos elementos que constitui sua identidade social.

Na contemporaneidade a identidade sexual se soma a um complexo processo de socialização e que em determinada cultura, ela tem uma identidade social, uma identidade de práxis em função de sua família de origem, uma identidade nacional da sociedade do país onde ela nasceu ela tem aspecto da sua identidade de formação religiosa, bem como a própria profissionalização é um elemento da sua identidade. (HEILBORN, 2004, p. 41).

Assim, soma-se a esse conjunto de identidade, a ideia de uma identidade sexual como relevante para a pessoa, isto é, particularmente não opera ao que chamamos de heterossexual e homossexual. Para Foucault, foi à psiquiatria do século XIX a criadora dessas duas categorias de pessoas, aquelas que eram orientadas através do desejo e também ações sexuais que mantinham com pessoas do outro sexo e até os homossexuais que mantinham atração pelo mesmo sexo, criando assim uma espécie de taxomania sexual dos indivíduos que se polarizou em heterossexuais e homossexuais. (FOUCAULT, 1999, p. 45). Foucault procurou demonstrar que o sujeito não tem uma identidade própria, ele é um ser constituído dentro de um processo histórico social que vai definir os seus parâmetros, sejam estes éticos, estéticos e eróticos e aí vai definindo sua identidade.

Com o surgimento, sobretudo a partir da segunda metade do século XX com a chamada revolução sexual através do movimento feminista, da ideia de uma pluralidade sexual na contemporaneidade, a sociedade passou a se organizar para definir uma identidade sexual, sobretudo a partir dos movimentos feministas, homossexual e

transexual. Quanto ao movimento feminista, não resta dúvida da sua importância para aquilo que chamando de revolução sexual, que rompeu com a família nuclear, criou novas formas não só de família, mas também de conjugalidade. O movimento que veio na esteira do movimento feminista foi o movimento homossexual, que aparece como forma de legitimação da libertação homossexual, que luta pelo direito à igualdade, sobretudo o direito da conjugalidade. O terceiro e mais recente movimento, que podemos dizer que é o mais radical tanto em relação ao feminismo quanto à libertação homossexual, que é o movimento de transexuais, por ser mais ousado, na medida em que esse movimento coloca certo imperativo de que nós podemos transformar radicalmente nossa identidade. (ARAN, 2009)

Há na perspectiva do movimento transexual uma ideia de liberdade que nós podemos transformar não só a ideia psicológica do gênero como também a nossa constituição corporal, o que vai questionar a categoria que marcou a tradição ocidental que somos portadores de identidade sexual fixa, essa subversão transexual não está na mudança de sexo, o que está colocado é uma mudança de ser, que é mais radical do que uma simples mudança de sexo, assim esse movimento se apresenta com uma radicalidade maior. (ARAN, 2009)

Há uma desconstrução da normatividade de gêneros, o que não significa uma dissolução de valores ou traços indenitários, e nem mesmo ameaça as instituições familiares. Essa revolução e radicalidade trouxe uma nova fase da reflexão referente ao papel ético e moral da vida sexual muito bem estabelecido na sociedade, isto é segundo Leers:

Sob o desabrochar da linguagem sexual entre homem e mulher nos tempos modernos, esconde-se uma mudança profunda na interpretação dos papéis dos dois no convívio conjugal. No passado a relação sexual era tradicionalmente vista conforme a relação entre a semente e a terra mãe. (LEERS, 1992, p. 84).

Daí a necessidade de um debruçar mais refinado da posição de estudiosos, e, sobretudo dos teólogos moralistas, a urgência de se fazer uma moral sexual que seja compatível com as transformações do século XX e XXI levando em conta que, segundo Bernardino Leers:

Em termos de valores éticos e religiosos a modernidade é como um turbilhão de ventos e as águas rodam com tanta rapidez que o discernimento entre

pureza e sujeira se torna uma tarefa difícil, às vezes, de resultados até contraditórios. (LEERS, 1991, p. 114)

A contemporaneidade criou uma gama de novos valores culturais que inspiraram uma nova compreensão da ética sexual que vão determinar automaticamente novas vivências da sexualidade, traduzindo-se em mudanças radicais nos padrões morais, do modo de viver a sexualidade. (JUNGES, 1995, p. 65).

Não resta dúvida a importância que tiveram os movimentos feminista, homossexual e transexual para forçar não só as ciências, mas também o próprio discurso religioso a rever posições frente a sexualidade humana. Com este impacto as confissões religiosas, a partir da psicologia procuram fazer uma revisão das concepções da ética sexual, sejam para fortalecer as ideias já determinadas, seja para tentar compreender as novas ideias. Marciano Vidal apresenta três momentos para uma reflexão:

Um momento de renovação decidida e sem travas históricas. Outro momento de freio ou de reorientação. Um terceiro momento no qual se tenta uma conciliação entre a renovação e as pautas da reorientação oficial. (VIDAL, 2008, p. 61).

O discurso ético religioso não tem a pretensão de refundar os conceitos, mas também não se vê fora da cultura a qual está inserido e precisa de certa forma dialogar sem perder seu referencial moral teológico constituído até o momento presente, e essa renovação do tratado ético sexual se sustem em três pilares: a epistemologia; o modelo moral e as normas morais. (VIDAL, 2008, p. 62).

A teologia moral utiliza-se da antropologia sexual como caminho para encontrar a normatividade moral, contanto que o fenômeno seja submetido a uma interpretação integral e integradora da pessoa humana. A ética cristã busca suporte na antropologia ao mesmo tempo em que ela pode ajudá-la no funcionamento de seus mecanismos de autocorreção, isto é, a integração da sexualidade na ética cristã é realizada a partir da aceitação da normatividade proveniente da compreensão antropológica como conteúdo concreto da ética sexual e da normatividade da revelação como cosmovisão que redimensiona as concepções morais. (VIDAL, 2008, p. 64-65).

O modelo moral do comportamento sexual na tradição cristã está ligado a duas dimensões ética da sexualidade, um positivo e outro negativo, o primeiro vê a sexualidade como força para a edificação da pessoa, em que se faz necessário converter o “É” (ser) em “Dever Ser” tarefa, e deste modo aparecerá uma ética sexual centrada na

pessoa se o dever ser da sexualidade (dimensão positiva) consiste em que ela seja como ascensão da maturação da pessoa enquanto estrutura existencial, uma falha nesse dever ser, falha moral entendida como negação ou não realização dessa exigência de personalização que tem a sexualidade vai gerar segunda dimensão, isto é a dimensão negativa. (VIDAL, 2008, p. 67).

Por fim um terceiro pilar do sistema normativo, foi constatado a não aceitação e a falta de credibilidade da normativa da moral oficial, em concreto, o que se criticava era o modo autoritário na apresentação e justificação das normas; o caráter fechado, não considerando a nova situação da sociedade aberta e pluralista; a metodologia abstrata da dedução das normas a partir de alguns princípios aceitos previamente e não questionados; a validade absoluta na fixação de normas com caráter imutável e com validade universal; a forma preferencial proibitiva na apresentação das exigências da sexualidade. (VIDAL, 2008, p. 69-70).

Para solucionar a crise que se instalou na ética sexual cristã, obrigou-se uma reformulação das normas sexuais e assim reafirmar a primazia do respeito ao homem, denunciar os enganos do moralismo, promover éticas inteligentes, favorecer soluções de compromisso, firmemente assentados nos princípios humanistas, mas adaptados às circunstâncias, com interesse a exigências de eficácia. (JUNGES, 1995, p. 70)

A sexualidade humana só pode ser refletida e compreendida como integradora de todo ser, e à ética cabe explicitar os valores que emanam de uma reflexão antropológica e no caso da moral cristã, também teológica, sobre a sexualidade para daí dirigir algumas normas fundamentais de conduta.

Para que haja uma integração maior da sexualidade, é necessário partir da educação do homem para torná-lo sensível aos valores que lhes são próprios. Essa sensibilidade valorativa se vê impossível se não houver o mínimo de cultura, meio e educação para o amadurecimento do indivíduo. (AZPITARTE, 1985, p. 323).

A sexualidade é uma linguagem de amor e por isso não se pode imaginar o humano sem a sexualidade, sem o Eros, a Philia e o Ágape, o homem sem essas dimensões do ser é tão impensável quanto um homem sem sentimento ou sem inteligência:

A sexualidade tem realmente a ver com a capacidade e necessidade inata e cultural que o ser humano tem de reciprocidade (de ser com). Como tendência inata esta capacidade já está presente em espécies inferiores, mas, em nossa espécie a relação eu-tu pode assumir e assume uma maneira própria à nossa espécie: a forma do amor. (VALLE, 2006, p. 71).

A educação do indivíduo somada à reciprocidade inata e cultural que fala Valle, conclui-se que a sexualidade não pode ser definida apenas de um ponto de vista, por mais importante que seja é necessário uma série de fatores, para que haja uma visão humana completa da sexualidade, sobretudo com a sua integração à religião, que fala da sensibilidade do amor e da ciência que completa a compreensão do homem em todo seu conjunto.

A sexualidade é concebida hoje pelas ciências e pela teologia desde duas matrizes básicas e complementares. De um lado, em função da sua finalidade própria e mais potente, ela está profundamente radicada no corpo. Não pode ser descrita e compreendida sem o recurso a estes seus condicionamentos e reações neurofisiológicas e bioquímicas. Ela tem uma base genética (sexo cromossômico, gonádico e hormonal) que ao longo da maturação biológica do corpo estrutura o que alguns autores chamam de “cérebro sexual” (masculino e feminino) estes dispositivos biológicos datam de uma evolução de milhares e milhares de anos, fazendo parte de um patrimônio genético herdado que no *homo sapiens sapiens* dá origem a um modo peculiar de viver e moldar a sua vida sexual. (VALLE, 2006, p. 73).

O peculiar desenvolvido do modo de viver a sexualidade a partir do *homo sapiens sapiens* segundo o autor é que na nossa espécie ela começa a se desenvolver para além do biológico, ao se desenvolver ela busca valores enquanto grupos sociais, vinculando-se assim a normas estabelecidas para a socialização de cada indivíduo, com isso a sexualidade passa a ser também uma construção histórico-cultural. (VALLE, 2006, p. 73).

A sexualidade assim compreendida, isto é, com os aspectos biológicos e psicológicos herdados, não está retida ao objetivo procriador, ela tem também a importância mais ampla para o agir humano na busca da realização plena de sua sexualidade tomada em um sentido global. E desse modo firma-se a dimensão dos gêneros masculino e feminino criando uma personalidade pessoal e sua implicação no papel desenvolvido na cultura. No campo da sexualidade fica impossível falar de sexualidade sem falar da identidade de gênero.

Após a revolução sexual surge a busca de afirmação social de novas identidades sexuais e com isso as opções morais se diversificaram na hora de transmitir o significado antropológico e teológico da sexualidade humana em sua formulação

complexa de ética sexual cristã, que na contemporaneidade é confrontada com uma notável crise de credibilidade.

A crise pela qual atravessa a chamada moral sexual cristã é tão ampla em setores (de ideias, cultura, de estado: solteirismo, celibato, matrimônio, etc.) e tão profunda em significado (comportamentos individuais, relações interpessoais, convivências afetivas, vinculações jurídicas, cosmovisões religiosas, etc.), que está pedindo uma profunda reformulação. Sobre a complexa formulação da ética sexual cristã para uma notável crise de credibilidade. Pode-se pensar que em nenhum terreno da vida humana exista tanta discrepância (pelo menos teórica) entre magistério eclesiástico e crenças (não dizemos nada dos não crentes). (VIDAL, 2008, p. 93).

A visão cristã da sexualidade católica e evangélicas não se diferenciam em muitos aspectos, o que podemos destacar como leve diferença é a participação da mulher, fruto, sobretudo da força do movimento feminista e a visão do sexo para além de sua finalidade de procriação, embora as igrejas históricas não apresentem diferença nesse aspecto. (FILHO, 2011, p. 93).

Estabelecer a visão de sexualidade no mundo evangélico em geral não é uma tarefa fácil devida à diversidade e pluralidade de doutrinas, os pentecostais clássicos enfocam o sexo sempre em sua negatividade, ou ameaça para a sua salvação, está submetida a normas morais, e dogmas rígidos, ascéticos e repressivos, a esfera sexual constitui um poderoso terreno de tentação, provação e privações. (MARIANO, 1999, p. 192).

Quanto às denominações mais recentes, sobretudo as de fundações depois da década de 60, período de surgimento do movimento feminista, mostram-se menos repressoras e mais permissivas, como é o caso da igreja Renascer em Cristo, que vincula o sexo com prazer, como sinal prazeroso da criação de Deus e que não pode ser reduzido à sua dimensão procriadora, essa vinculação demonstra uma mudança significativa, sobretudo por se tratar de uma afirmação feita pela Bispa Sônia¹⁵, líder dessa igreja, demonstrando um forte indício de mudança em relação à sexualidade. (MARIANO, 1999, p. 192)

Alem dessas igrejas pentecostais contamos ainda com as chamadas igrejas inclusivas, que ganham cada vez mais relevância, que trazem uma radicalização em

¹⁵ Perguntada se o sexo seria apenas para a procriação, a bispa Sônia Hernandes da Igreja Renascer, respondeu: “Pelo amor de Deus! É superprazeroso! É uma coisa boa que Deus inventou pra gente” (MARIANO, 1999, p. 192).

relação às outras igrejas, por aceitarem o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, algumas dessa igreja aceitam inclusive travestis e transexuais. Vemos assim que a sexualidade a partir dessas novas denominações ganham novos significados.

Enfim, com a pluralidade de igrejas evangélicas presentes no mundo, bem como a diversidade de dogmas e doutrinas que estas oferecem, fica difícil nos posicionarmos em relação à visão da sexualidade em todas elas, mas creio que não são tão divergentes, as mudanças são poucas com exceção dessa última categoria que apresentamos no parágrafo anterior que trazem novos elementos ampliando a possibilidade de relações sexuais diferentes daquela proposta pela heteronormatividade.

Quanto à sexualidade no discurso oficial da igreja católica esta é bem estabelecida com dupla finalidade: o bem dos cônjuges e a transmissão da vida, e esses dois valores são inseparáveis, atendendo a exigência do matrimônio de fidelidade e da fecundidade.

Pela união dos esposos realiza-se o duplo fim do matrimônio: o bem dos cônjuges e a transmissão da vida. Estes dois significados ou valores do casamento não podem ser separados em alterar a vida espiritual do casal nem comprometer os bens matrimoniais e o futuro da família. Assim o amor conjugal entre o homem e a mulher atende a dupla exigência da fidelidade e da fecundidade. (CIC, 1993, P. 612).

Porém o discurso do posicionamento da Igreja católica em termos de ética sexual não pode, reduzir-se aos pronunciamentos oficiais. Segundo Fabri dos Anjos:

Quando se fala em Igreja, com facilidade se subteme sua hierarquia mais alta, ou seja, Papa e os Bispos. Estes falam oficialmente em nome da Igreja. No entanto, a Igreja não se reduz à instância hierárquica que é minoritária. Embora o posicionamento oficial seja nela de grande peso, a reflexão ética se tece em seu meio também com a participação de outros segmentos importantes como o trabalho dos teólogos e a prática e o sentimento dos católicos em geral. (ANJOS, 1976, p. 1066).

Na mesma linha de pensamento Lúcia Ribeiro aponta pelo menos três tipos de discurso para além do magistério da igreja, o moral teológico, a prática pastoral orientadora de padres e religiosos e o discurso dos próprios fiéis. No discurso teológico tem enfatizado mais o seu significado relacional e personalista, englobando o significado procriativo, mas sem dar-lhe o estatuto de privilegiado ou exclusivo. Quanto o aspecto pastoral, o que é dito em nível público nem sempre é o que se dispensa ao nível do espaço privado, isto é, na prática pastoral prevalece uma ambiguidade e contradições. Por fim o discurso dos fiéis, que é menos sistematizado e assume às

vezes expressões mais formais na medida em que está inserido em grupos ou movimentos leigos dentro da igreja, mas há também os que constroem seu discurso a partir da prática cotidiana de sua sexualidade. (RIBEIRO, 2001, p. 37-38).

Desta forma o discurso da sexualidade na igreja católica se dá de forma plural prevalecendo uma inadequação entre discursos e práticas, gerando vantagens e desvantagens além das contradições dentro da própria igreja, isto é no discurso oficial da igreja há uma visão já muito bem estabelecida, mas na sua realidade como um todo não há uma forma unívoca, cruzando discursos e práticas contraditórios.

3.3 A homossexualidade: uma nuvem carregada de obscuridades

Conceituar a homossexualidade não é uma das tarefas mais fáceis, devido a multiplicidade de manifestações que ela apresenta. Mas por outro lado, são muitas as ciências que se dispuseram arriscar em dizer em que consiste a homossexualidade, assim temos a antropologia, a sociologia, a psicologia a medicina dentre tantas outras áreas do conhecimento.

A homossexualidade é vista muitas vezes como pessoas que tem relação sexual com pessoas do mesmo sexo, o que não procede, pois há uma série de outros fatores e argumentações para defini-la, sendo inclusive muitas delas ainda obscuras. Peter Fry e Edward MacRae na introdução do livro “**o que é a homossexualidade?**” Nos adverte que o tema pode se tornar complexo pela infinidade de experiências homossexuais:

O problema é que a homossexualidade é uma infinita variação sobre o mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Assim ela é uma coisa na Grécia antiga, outra coisa na Europa do fim do século XIX, outra coisa ainda entre os índios Guaiqui do Paraguai. Com este mesmo raciocínio a homossexualidade pode ser uma coisa para um camponês do Mato Grosso, outra coisa para um candidato a governador do Estado de São Paulo em 1982 e, de fato, tantas coisas quanto os diversos seguimentos sociais da sociedade brasileira contemporânea. (FRY; MACRAE, 1985, p. 7).

Os autores nos mostram como o simples ato sexual entre pessoas do mesmo sexo pode ter repercussões diferentes e ainda mais, nem sempre o ato sexual pode ser considerado homossexualidade em si, por exemplo, um garoto de programa numa cidade de São Paulo, que poderá manter relação sexual com outro homem, normalmente mais velho, em troca do dinheiro sem se constituir homossexual, ou ainda no interior de algumas cidades homens poderão ter relações com outros homens sem deixar de ser menos ou mais homem. (FRY; MACRAE, 1985, p. 7).

O que se percebe é que a homossexualidade terá sua definição marcada pela época, lugar e circunstância, ou seja, nem sempre ela será vista da mesma maneira. Alguns autores preferem falar de homossexualidades no plural, segundo Pommier:

A homossexualidade não é um todo. Suas diversas manifestações tampouco são formas diferentes de uma homossexualidade fundamental que comporte vários campos. Por isso é mais exato falar nas homossexualidades, e não na homossexualidade. (POMMIER, 1992, p. 94).

Há também certa discordância entre muitos estudiosos ao afirmar o termo homossexual ou homossexualidade, pelo fato de ser um termo criado pela medicina, e assim optam por outros termos como homoerotismo, hemofilia, homoafetividade, dentre outros. Costa afirma que a substituição dos termos homossexualidade e homossexualismo por homoerotismo, cunhado por Karsh-Haak em 1911 e utilizado naquele momento referindo-se à possibilidade que certos sujeitos tem de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente com pessoas do mesmo sexo biológico. (COSTA, 1992, p. 8).

O conceito de homoerotismo seria uma noção mais flexível e descreveria melhor a pluralidade das práticas ou desejos de determinados sujeitos. Assim excluiria alusões a desvios, anomalia ou perversão ao contrário do substantivo homossexual. (NUNAN, 2003, p. 26).

Quanto ao conceito, talvez uma das definições mais significativas seja a apresentada por Deniston que afirma ser homossexual: Aquele que em sua vida adulta se sente motivado por uma atração erótica definida e preferencial por pessoas do mesmo sexo e que de modo habitual, embora não necessariamente, tem relações com eles. (DENNISTON, 1967, p. 12).

Esta definição de homossexual exclui aqueles que tendo relações sexuais com pessoas do mesmo sexo biológico não tiveram apoiadas em tendências, preferência ou desejo, e por outro lado incluem as que mesmo não tendo relações de fato, se sentem atraídos e inclinados para o desejo e fantasias envolvendo as pessoas do mesmo sexo. Outro detalhe desta definição é que acentua a idade adulta excluindo assim a adolescência e a fase infantil.

Outra definição mais antropológica é apresentada por Martos, sendo inclusive mais indicada quando se estuda os aspectos éticos da homossexualidade.

Por homossexualidade entendemos a condição humana de um ser pessoal que, ao nível da sexualidade, caracteriza-se pela peculiaridade de sentir-se constitutivamente instalado na forma do mesmo sexo. (MARTOS, 1998, p. 8).

Com isso é possível afirmar que a homossexualidade não é apenas um fenômeno sexual, mas uma condição antropológica de um ser pessoal, isto é, o homossexual é antes de tudo um ser humano com uma condição e um destino perfeitamente humano, humanizante e humanizável, em que sua peculiaridade se manifesta, sobretudo ao nível da sexualidade entendida de uma maneira rica e humana e não reducionista. (MARTOS, 1998, p. 9).

Ao dizer que a homossexualidade é constitutivamente e não apenas comportalmente subtrai o valor da vivência interna de quem capta sua condição interna, mesmo não se traduzindo em atos externos, comportando muitas vezes atitudes éticas de sublimação, isto é, ser homossexual não implica apenas em ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo é um jeito de ser que engloba a pessoa por inteiro com sua personalidade.

Na convivência social o fato é que existe na relação de pessoas encontros e desencontros humanos, e uma minoria de homens, cuja inclinação sexual dominante ou exclusivo para pessoas do mesmo sexo. Esta especificação pode ser chamada institucional ou de caráter ou ainda constitucional e invertida, de todo modo, os termos pretenderão sempre indicar que não se trata de uma opção livre, mas de uma formação psicossocial da personalidade. Certo é que:

Pessoas não são conceitos nem deixam captar pelos conceitos. Tão pouco homossexuais podem ser reduzidos a instrumentos racionais ou categorias, embora a limitação da linguagem humana obrigue a usar tais meios para se comunicar. (LEERS; TRANFERETTI, 2002, p. 50).

Enfim, no centro da complexa interpretação, conceitos e teorias da homossexualidade estão às pessoas homossexuais, como fatos empíricos que transparecem pelos filtros dos diversos discursos.

3.3.1 A homossexualidade no discurso da sociologia.

O discurso da homossexualidade na sociologia é um discurso mais tardio, ele teve muito mais atenção e relevância dentro de outras perspectivas como a psicologia, a antropologia e a biologia.

A sociologia a princípio não se via obrigada a se posicionar em relação a homossexualidade por entender que a vida sexual não enquadrava dentro de suas prioridades de estudos, mas passou a se interessar buscando o que os homossexuais pudessem ter de grupo social. (LASSO, 1998, p. 65).

A perspectiva sociológica não se preocupou desde início de ver na homossexualidade uma enfermidade, mas apenas como uma variante da conduta sexual, ressaltando que a sexualidade de uma maneira geral é uma aprendizagem social que pode desembocar tanto na homossexualidade como na heterossexualidade. (LASSO, 1998, p. 66).

Entendendo a homossexualidade enquanto um grupo social, seu mundo se apresenta de modo muito concreto, por serem muitas vezes rejeitado pela sociedade, embora com o crescimento dos movimentos emancipatórios dos homossexuais essa rejeição tenha diminuído, mas ainda não o suficiente para acabar com a rejeição da sociedade, assim, os homossexuais reduzem os seus lugares de encontros, em bares, clubes, shoppings em algumas praças e parques, mas na maior parte do tempo está mesclado no mundo da maioria heterossexual o que não haveria de ser diferente, isto é, não existe mundo homossexual propriamente dito, existem sim relações homossexuais num ambiente marcadamente heterossexual. (LASSO, 1998, p. 74). Quanto a isso os próprios homossexuais se reconhecem como pessoas excluídas como podemos constatar nesses trechos das entrevistas:

O Brasil é um país muito inclusivo, nós temos uma variedade de cultura, mas no que diz respeito aos homossexuais ainda parece ser algo de outro mundo, pode mostrar sexo explícito em novelas, pode mostrar estupro, pode mostrar tudo, mas quando mostra um casal de homossexuais, isso não pode, isso choca. A sociedade ainda não acostumou com isso, as pessoas estão começando a se acostumarem com a idéia.[...] Infelizmente nós não podemos ter uma vida social e religiosa normal como um casal hetero, porque as pessoas se espantam, nós somos obrigados a frequentar lugares onde os homossexuais podem se manifestar, ou seja, bares exclusivamente gay, ou pelo menos aqueles mais visitados por gays, e até é preciso fundar igrejas pra gays, porque em qualquer outro espaço, qualquer carícia, por mais simples que seja causa estranheza, as vezes até brigas, discussões, rejeição, acabei de acompanhar o caso de duas médicas que foram visitar um barzinho no bairro Prado e elas estavam num cantinho, mas vivendo o momento delas, uma olhando pra outra, e por trocarem um beijo elas foram convidadas a se retirarem do ambiente, ou seja, um caso de rejeição. Essa imagem que a sociedade tem não permite que ela aceite os homossexuais em geral. (Kaique, 23 anos).

Os homossexuais do ponto de vista da sociologia, não representam perigo nenhum para as instituições, seja ela familiar, religiosa ou política, mas que devem conviver no mesmo mundo social sem pensar que entre a minoria homossexual e a maioria heterossexual possa haver superiores uns dos outros, apenas se diferenciam como grupos ao nível de preferências sexuais.

3.3.2 A homossexualidade na perspectiva antropológica

No centro da questão homossexual estão as pessoas humanas e sua convivência sociocultural de conflito entre a predominância heterossexual e a minoria homossexual, configurando um sistema de opressão e ostracismo e marginalização, que muitas vezes o homossexual é vítima.

Numa perspectiva antropológica e cultural, o homossexual não pode ser compreendido em sua história e seu modo de viver, senão em função da maioria heterossexual, suas ideias e atitudes, com que ele vive e corresponde do seu jeito. (TRANSFERETTI; LEERS, 2002, p. 44).

Uma percepção antropológica da homossexualidade distancia-se conscientemente da aproximação formal tradicional que escolhem como objeto o ato sexual genital, isolado de seu contexto real de pessoa em sociedade. Segundo Leers e Trasferetti:

Homossexuais não são objetos, como se fossem animais nas grades de um jardim zoológico. São pessoas, sujeitos, centro de decisão e ação responsáveis, como são as pessoas heterossexuais. Em vez de tomá-los ou tomar atos deles como objetos abstratos, entram em questão a solidariedade como pessoas reais e a procura de entender sua situação histórica e possibilidades de caminhar livres na sociedade atual. (TRANSFERETTI; LEERS, 2002, p. 45).

O juízo sobre a homossexualidade não pode se restringir a uma parcela da humanidade, mas devem estar abertas a todos as potencialidades do atuar humano dentro da grande diversidade cultural. Para Lasso:

Em cada cultura prevalece um juízo moral sobre a homossexualidade que se dá no interior de suas fronteiras e a própria peculiaridade cultural faz com que possa prevalecer outro juízo distinto do dela própria, pois do contrário essa cultura perderia estabilidade, mudaria, se inovaria, mas deixaria de ser o que é em nível de integração de características. (LASSO, 1998, p. 31).

Do ponto de vista antropológico, o que se pode alcançar é o estabelecimento de que qualquer aspecto cultural se mantém invariável ao longo do tempo, no caso de

funcionamento harmônico com a cultura a qual está inserido e tendendo a ser substituído se for disfuncional, isto não quer dizer que tudo seja bom, todo traço de outra cultura, imitável, ou que a ética ou a moralidade não exista, mas afirmar que a cultura funciona como um todo e que cada cultura se guie por sua ética, que a qualifica em seus diversos comportamentos. (LASSO, 1998, p. 30-40).

3.3.3 A visão da psicologia em relação à homossexualidade.

A princípio o que tem a dizer em relação à homossexualidade do ponto de vista da psicologia é que é imensamente maior o que se ignora do que o que se sabe sobre ela. Não existe ou pelo menos é muito vaga e irrelevante uma psicologia da homossexualidade. (MARTOS, 1998, p. 45).

O que temos nesse campo de concreto é que existem pessoas homossexuais e estas por sua vez se apresenta numa gama de variedades, riquezas, desenvolvimento, vivências e desenlace que toda tentativa de tipificação unívoca e dogmática corre o risco de se passar por ridícula ou ingênua, até mesmo porque há tantas homossexualidades quanto há homossexuais. Assim:

A psicologia é convocada para iluminar a intrincada complexidade destes processos psicológicos, mas quem sabe as abordagens mais definitivas nos venham da psicologia evolutiva e da psicologia social, tanto em seus enfoques psicanalíticos como comportamentalista? Creio, portanto, que não é exagerado dizer que a psicologia tem sobre si uma grande parte do peso de responsabilidade na investigação e descobrimento do vasto continente da homossexualidade. (MARTOS, 1998, p. 46).

A grande preocupação da psicologia foi em um primeiro momento responder se a homossexualidade era uma doença ou não. Até mesmo porque essa foi a sua primeira preocupação, que via a homossexualidade como uma perversão ou inversão sexual, ou ainda como um desvio psíquico. Com o passar do tempo e o avanço nas pesquisas o foco da questão deixou de ser se era ou não doença e passou a se preocupar mais com a origem da homossexualidade.

O dia 15 de dezembro de 1973 foi um dia memorável para a sociedade Americana de Psiquiatria. Nesse dia a direção da Sociedade resolveu tirar a homossexualidade da lista oficial das doenças psiquiátricas. Até então, ao lado da pedofilia, travestismo, voyeurismo, sadismo e masoquismo, a homossexualidade estava registrada sob o conceito genérico de “perturbação da personalidade e outras perturbações não psicóticas” (MÜLLER, 2000, p. 9).

Esta decisão da Sociedade Americana de psiquiatria representou por um lado a vitória de um grupo que defendeu a ciências diante de um grupo anti-homossexuais, dentre elas a cultura judaico-cristã, por outro lado um grupo sentia essa decisão como uma espécie de traição à psiquiatria. (MÜLLER, 2000, p. 9).

A questão da homossexualidade como doença não ficou muito bem resolvida com a retirada da homossexualidade da lista de doenças psiquiátricas, nem mesmo depois de vários países seguirem o exemplo bem como a Organização Mundial de saúde (OMS), e ainda hoje é possível ver grupos que defendem a patologia da homossexualidade propondo inclusive a cura, definindo a homossexualidade como uma psicopatologia levando os psicoterapeutas nesse contexto, enxergarem a orientação sexual do cliente influência para julgamentos relativamente a tratamento, sintomatologia e funcionamento psicológicos. (MATIAS, 2007, p. 149).

Temos na psicologia uma vertente que a vê como uma ciências que estuda os comportamentos humanos a partir de diferentes abordagens teóricas e que consideram a homossexualidade como uma variante da sexualidade humana, com isso, a psicologia assume o papel de esclarecer e divulgar sobre a equidade de direitos em expressar a sexualidade, independentemente da orientação afetiva sexual que assume na vida adulta procurando diminuir e erradicar a discriminação que prejudica a todos.

Uma das discussões que tomou parte da psicologia por muito tempo, e de certa forma ainda toma espaços em algumas pesquisas, é o aspecto natural ou antinatural da homossexualidade, mesmo depois de Freud afirmar que a sexualidade está ligada a questão da libido e que a sexualidade humana não é instintiva, mas pulsional e marcada pela cultura determinada em grande parte por aspectos inconsciente. (BARBERO, 2006, p. 56).

Assim entendida, a homossexualidade é uma posição libidinal, uma orientação sexual tão legítima quanto à heterossexualidade.

Freud sustenta essa posição partindo do complexo de Édipo, fundado sobre a bissexualidade original, como referência central a partir do qual a chamada “escolha de objeto”, ou “solução”, que acho mais adequada, vai se constituir. Tal escolha, que não depende do sexo do objeto, é à base dos investimentos futuros. Uma vez que os investimentos libidinais homossexuais estão presentes ainda que inconsciente, em todos os seres humanos desde o início da vida. (CECCARELLI, 2008, p. 74).

Tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade são destinos pulsionais ligados a resoluções edípicas em que no ser humano a pulsão sexual não tem objeto fixo, ela não está ligada ao instinto, mas ao contrário, o objeto da pulsão é diversificado, anárquico e parcial. (CECCARELLI, 2007, p. 75).

Freud se contrapõe a toda uma concepção de sexualidade, tanto da sexologia como da psiquiatria do século XIX bem como da opinião popular de que a sexualidade surgiria na puberdade e que existiria naturalmente uma relação entre o sexo oposto.

Com essa ideia anterior a Freud a sexualidade heterossexual seria da ordem da natureza e, ele vai dizer que não há uma relação necessária entre pulsão sexual e objeto, e com isso ele introduz o conceito de sexualidade perverso-polimorfa significando que a sexualidade se constitui desde a infância e vai constituir assim o corpo erógeno, que não assegura que as marcas do erotismo vão ter que seguir um caminho normal, no caso a heterossexualidade. (ARAN, 2011). Segundo Ceccarelli:

Nessa perspectiva, em que as pulsões parciais integram o psiquismo humano, o conceito de normalidade perde seu sentido, tornando-se uma ficção: não existe diferença qualitativa entre o normal e o patológico. A diferença reside nas pulsões componentes dominantes na finalidade afetuosas e amistosas, reunidos na “palavra extremamente ambígua de amor”, nada mais são do que moções pulsionais sexuais inibidos em sua finalidade ou sublimados, cada sujeito possui um vestígio de escolha de objeto homossexual. (CECCARELLI, 2008, p. 75-76).

Como não poderia ser diferente, a posição freudiana não obteve consenso entre os analistas, chegando a provocar polêmicas que persistem até hoje. Uma escola importante de psicanálise ligada a Melaine Klein, entendia a homossexualidade feminina como uma identificação a um pênis sádico, e a masculina como um problema esquizóide de personalidade ou como uma defesa contra a paranóia, em ambos os casos, tratava-se de um estado psicótico mortífero e destruidor. (CECCARELLI, 2008, p. 78).

Os psiquiatras da linha psicanalítica que considerava, a homossexualidade como doença partem da suposição básica de que a heterossexualidade representa a norma biológica, portanto de que todas as pessoas são heterossexuais, a não ser que ocorra alguma perturbação que pode assumir algum medo oculto em relação ao sexo oposto, que de um lado vem para satisfazer a necessidade do prazer sexual, e assim a homossexualidade surge como alternativa ao desenvolvimento da heterossexualidade, de acordo com essa ideia a homossexualidade é consequência da adaptação a uma

situação de medo exagerado do sexo oposto, o que levaria a orientação sexual se inverter e perverter. (MÜLLER, 2000, p. 11).

A partir do que foi exposto, percebemos que antes da retirada da homossexualidade da lista de doenças psiquiátrica já havia posições diferentes, e o fato da sua retirada não eliminou as visões diferenciadas, apesar de verificarmos atualmente uma abertura às pessoas que se identificam como não sendo heterossexuais. (MATIAS, 2007, p. 149).

De uma maneira geral, o que a psicologia tem afirmado dentro de uma neutralidade, é que o surgimento da homossexualidade não corresponde ao desenvolvimento sexual que vigora para uma maioria, o que não é a mesma coisa que dizer que ela seja uma perturbação da personalidade, no sentido de uma doença clinicamente relevante. (MÜLLER, 2000, p. 16).

A tarefa de um terapeuta deve-se orientar para ajudar a pessoa homossexual sem impor como objetivo de transformar homossexuais em heterossexuais, ocupando-se com os problemas de homens e mulheres homossexuais, sem que estes problemas tenham haver ou não com sua orientação homossexual, interessando, sobretudo pelo crescimento emocional e integral das pessoas atingidas, abrindo-se assim o aconselhamento para a cura não da homossexualidade, mas da pessoa, de sua “Alma”, que é importante e necessária a todos para o bem estar de uma vida saudável. Com isso:

A terapia pode contribuir para estabelecer um contato mais intenso com o potencial heterossexual e com os próprios fatores heterossexuais, para conviver melhor com a própria orientação homossexual e para , com redobrado sentimento de autovalor, produzir aquelas relações vitais e satisfazer aquelas necessidades que são importantes para uma vida bem sucedida. (MÜLLER, 2000, p. 29).

A partir dessa proposta da psicologia, e do próprio questionamento que setores da psicologia fizeram a si mesma, surgiu na década de 80, o modelo afirmativo homossexual, surgindo como um conjunto de princípios que norteiam a intervenção junto de homossexuais e bissexuais, sobretudo quando essas pessoas se deparam com sérias dificuldades na aceitação e na integração da sua “diferença”, ajudando-as a perceberem que o núcleo do problema não é a sua orientação sexual, mas sim o preconceito irracional no meio do qual o sujeito se desenvolve. (CARNEIRO, 2006, p. 104).

Em decorrência da retirada da homossexualidade da lista de patologias a psicologia se viu responsável por se comprometer com a investigação e intervenção como o aconselhamento psicológico, a psicoterapia, a avaliação psicológica e ainda a realização de estudos sobre a homossexualidade e atualmente com o avanço da legalização da união civil e casamento entre pessoas do mesmo sexo, pensar nos casais homossexuais e na família homoparental. (CARNEIRO, 2006, p. 105).

Atualmente a maneira como cada um vive a sua sexualidade é, sem dúvida, parte importante de sua identidade subjetiva, ou de sua personalidade, mas não a definem, o que somos vai muito além de uma prática sexual (CECCARELLI, 2008, p. 82), por isso são fundamentais ao trabalho do psicólogo conhecer os processos de construção identitários da subjetividade associados à experiências de pertença a grupos socialmente discriminados. (CARNEIRO, 2006, p. 106).

As intervenções da psicologia geral e da psicologia chamada afirmativa, devem se comprometer a um permanente desenvolvimento de competências e uma formação contínua dos psicólogos em relação a orientação sexual homossexual, e também à família homoparental.

3.3.4 A homossexualidade em movimentos

Já falamos anteriormente do aspecto social dos homossexuais segundo a sociologia, mas julgo ser importante fazer uma referência aos movimentos homossexuais organizados, que tem uma força muito grande e estão espalhado por todo o mundo. Para falar desses movimentos o melhor caminho é a sua forma histórica, desde o seu início nos Estados Unidos até a sua organização e dissipação pelo Brasil.

Em 12 de março de 2010, a revista Veja trouxe como matéria de capa o tema da homossexualidade com a seguinte chamada: “**Ser Jovem e gay: a vida sem dramas**”, e o título da matéria era “**geração tolerância**”. Chama muita atenção a frase que vem em destaque: “**Sem bandeira nem passeata**” o que parece ser algo obvio, na verdade apresenta uma crítica aos movimentos homossexuais e ás parado do orgulho gay. A matéria, muito interessante por sinal, tratava de jovens e adolescentes que cada vez mais se assumem homossexuais mais cedo tanto para a família quanto para amigos e a sociedade, porem ela ignora todo o processo de movimentos homossexuais para a emancipação homossexual no contexto brasileiro. Mas certo é que a matéria citada tem

razão no aspecto da liberdade dos jovens homossexuais em se assumirem se comparados aqueles anteriores a década de 90 como podemos constatar nesse relatos¹⁶:

Eu comecei a perceber que tinha desejos homossexuais aos 14 anos de idade, mas só fui assumir pra mim mesmo que eu de fato era homossexual aos 23 anos, e aí contei para algumas pessoas, não pra todo mundo, inclusive na minha família a única pessoa que eu contei foi meu irmão mais novo.[...] Por ser meio conservador não gosto, ou melhor, não vejo necessidade de ficar expressando que sou gay, acho que discrição evitaria muito a homofobia. Não gosto de ver dois homens andando de mãos dadas ou trocando carícias em público, sempre tive receio de andar abraçado até com meu pai mesmo. Nesse ponto sou muito conservador. (Paulo 48 anos)

Eu acredito que os adolescentes de hoje, eu sou professor e observo isso nos alunos, eles não têm problema nenhum em assumirem a homossexualidade, na minha época era um medo tremendo, hoje não eles assumem mesmo, alguns até se maquiavam, pintam o cabelo, enfim, vejo que eles se sentem bem mais a vontade em relação ao meu tempo. (Maik 29 anos)

Eu percebi mesmo que gostava de mulher aos 15 anos, antes disso eu tive namorados homens, e assumi aos 18 para minha família, é bem recente. A minha família sempre desconfiava, acho que a família sempre sabe. Na minha família eu não fui bem aceito, no início e algumas pessoas ainda não me respeitam, logo quando eu assumi minha homossexualidade minha mãe me prendia em casa para não encontrar-me com mulheres. (Ana Paula 19 anos)

Eu assumi pra mim mesmo que era homossexual aos 18 anos. E logo que assumi pra mim mesmo eu assumi para a minha família e para as outras pessoas [...] Quando eu comecei perceber que tinha desejo por pessoas do mesmo sexo foi na fase da puberdade, por volta dos meus treze ou quatorze anos, eu já identificava algo diferente, mas eu não queria aceitar, eu só vim aceitar essa realidade aos 18 anos. Mas antes disso eu já sabia, mas não queria ser assim de forma alguma. (Kaique 23 anos)

Porém, para que os jovens citados na matéria da revista, tivessem a possibilidade de se assumirem sem muitos riscos, tem todo um processo emancipatório por trás, que tem sua origem nos Estados Unidos com o chamado episódio de *Stonewall*, em 1969 na cidade de Nova Iorque, onde um grupo de homossexuais se rebela contra uma perseguição policial, dando origem a dois grandes eventos, primeiro a parada do orgulho gay e em segundo ao dia internacional da homossexualidade, dia 28 de março, e influenciou no ano seguinte a criação da Frente de Libertação Gay criado em Londres em 1970. (RODRIGUES, 2004, p. 177).

A partir de então o movimento homossexual fez com que as pessoas homossexuais saíssem do seu ocultamento e enfrentando uma cultura patriarcal

¹⁶ Entrevistas concedidas no decorrer de 2011 vejam relatos na íntegra nos anexos. Todos os nomes apresentados aqui são fictícios para resguardar a imagem dos entrevistados.

heterossexual e apresentando a toda a sociedade a diversidade sexual e exigindo os seus direitos ao mesmo tempo em que denunciava a homofobia, a discriminação, a violência e a intolerância.

No Brasil, segundo Trevisan, o movimento homossexual teve início com dez anos de atraso, isso devido à repressão em que o país enfrentava nas década de 70 com a ditadura militar, e quando começou acontecer a visibilidade homossexual no Brasil, ela estava intimamente ligada ao consumismo, e isso se deve grande parte ao conservadorismo, insensibilidade e comodismo de uma elite cultural, e a luta pelos direitos homossexuais não passou de um modismo de verão. (TREVISAN, 2000, p. 336).

Em 1976 o próprio Trevisan reuniu alguns estudantes universitários homossexuais em São Paulo, numa tentativa de formar um núcleo de discussões sobre homossexualidade, tentativa frustrada por que:

A grande pergunta que se fazia ia ser comum, daí por diante, nos grupos homossexuais da primeira fase do movimento homossexual: seria politicamente válido que nos reuníssemos para discutir sexualidade, coisa considerada secundária no grave contexto político brasileiro? Sem uma resposta clara, qualquer movimento ficava empacado nesta questão. Como se não bastasse, 70% do grupo admitiam francamente se achar anormal por causa da sua homossexualidade. Nessas condições não é de se estranhar que o projeto tenha ruído após algumas penosas reuniões. (TREVISAN, 2000, p. 337).

Mais tarde, em 1978 esse grupo é retomado e concretizado lançando o primeiro jornal homossexual, o jornal “Lampião”, este grupo foi batizado de “Somos” e logo depois foi criado o grupo lésbico-feminista (GREEN, 2000, p. 157). Esses grupos nasceram no período em que ganhava visibilidade uma série de outros movimentos sociais de libertação, como o movimento estudantil, movimento feminista, movimento dos excluídos e ainda uma difusão da Teologia da Libertação, que denunciava todas as formas de opressão humana, e assim:

Numa época em que a sensibilidade cultural das atenções e lutas e descobre sempre novas formas de escravidão e morte, compreende-se não só que os princípios homossexuais comecem a se revoltar abertamente contra a prisão em que a sociedade os mantém, mas também que a ética se veja obrigada a interrogar a própria tradição de normas e razões que, se talvez não tenha construído, esta prisão, ao menos legitimaram essa existência. (LEERS, 2010, p. 324).

Num primeiro momento, o movimento de emancipação homossexual enfrentou forte resistência de setores da esquerda brasileira e, com raras exceções como o grupo gay da Bahia, não sobreviveram. (GREEN, 2000, p. 158).

O objetivo principal do movimento homossexual era:

Queríamos ser plenamente responsáveis por nossa sexualidade, sem ninguém falando em nosso nome. E, na época, isso não era pouco. Mas durante o primeiro ano de vida do grupo, nosso apelo não parecia exercer muito encanto, nem entre homossexuais. Éramos um bando de solitários, atacados pela direita e abastardos pela esquerda, tateando em busca de uma linguagem mais adequada às dimensões recém-descoberta do nosso desejo. (TREVISAN, 2000, p. 341).

Pouco depois da consolidação do movimento homossexual, surge a epidemia da AIDs e com ela nasceu a necessidade de uma mobilização para combater mais do que a própria epidemia, era preciso acabar com a paranóia de que era uma doença de homossexuais, e com isso, os movimentos e forças militantes passaram a fazer parte das organizações de prevenção, ao ponto do movimento homossexual ser confundido com as ONGs (organizações não governamentais), essa participação, quase restritiva às lideranças impediu um movimento de massa, homossexuais se tornou alvo de campanhas anti-AIDs. (TREVISAN, 2000, p. 369).

O fato do surgimento da AIDs fez com que aumentasse o número de ativistas homossexuais, mesmo com a ressalva de ser muito ligado as lideranças, abriu espaço para abertura de novos grupos e movimento, mas apesar disso:

O movimento brasileiro ainda não é um movimento de massa se você o compara como o movimento gay americano. No Brasil há 60 grupos organizados. Nos Estados Unidos existem mais de 10.000 grupos. Muitos tem caráter social, fazendo um trabalho de afirmação da homossexualidade como opção sexual. A visibilidade, a luta pelo direito de ocupar espaços na sociedade assume um caráter político. Já existe uma noção generalizada entre gays americanos da importância de assumir-se como ato público, como parte das transformações sociais que acontecem. (GREEN, 2000, p. 158).

Com isso o movimento americano conseguiu uma massificação por seguirem o ato ideológico do assumir-se na família, na escola, na igreja, na universidade, enfim, em tudo que é lugar.

O século XXI é marcado pelos grandes números de manifestações públicas dos homossexuais, através das “Paradas do Orgulho Gay”, muitas vezes criticada pela palavra orgulho, mas para os ativistas a palavra orgulho é para contrapor a vergonha. No

Brasil este ainda é um dos movimentos que mais colocam pessoas nas ruas todos os anos, em São Paulo a parada gay já é considerada a maior do mundo, chegando a atingir a marca de um milhão e meio de participantes, e ainda existem paradas espalhadas por todo o país, inclusive nas cidades do interior. (FISCHER, 2008, p. 138).

Esse crescimento dos movimentos homossexuais mobilizou também vários grupos religiosos a se organizarem para uma visibilidade gay dentro das instituições religiosas, sobretudo cristã.

Essa ideia partiu dos Estados Unidos no final da década de 60, com a fundação da Igreja da Comunidade Metropolitana em Los Angeles, Estado da Califórnia, EUA no ano de 1968, pelo o Rev. Troy Perry que aos 27 anos de idade após uma drástica exclusão da sua Igreja Pentecostal por ser homossexual. No Brasil, numa linha católica, o pioneiro foi o Padre José Trasferetti, que em 1995 criou na arquidiocese de campinas a pastoral homossexual na periferia da cidade. (TRASFERETTI, 1998, p. 26).

Na minha opinião a pastoral com os homossexuais apresenta-se como um desafio, uma necessidade urgente, um ato de coragem e ousadia. É preciso enfrentar com vontade evangelizadora estas novas realidades que se apresentam nas nossas cidades deste mundo urbano cada vez mais complexo que estamos criando. Sei que não é fácil, que existem dificuldades e resistências. (TRASFERETTI, 1998, P. 148).

Foi muito noticiado recentemente na mídia, o surgimento de “igrejas gays”, muitas vezes apresentado como algo estranho, inusitado, gerando inclusive uma compreensão errônea e distorcida, a começar pela denominação de igreja gay, termo que não é utilizado pelos próprios grupos, que preferem ser chamados de igrejas inclusivas.

Mas além desses grupos que se denominam igrejas, há um número significativo de outros grupos que se organizam em torno da discussão de orientação sexual e identidade de gênero e fé e não se denominam igrejas, e muitas vezes não estão ligados a uma denominação religiosa. Temos ainda grupos que se organizam a partir de determinadas linhas denominacional, assumindo-se às vezes a forma de grupo de estudos e vivências de espiritualidade. (MUSSIKOPF, 2008, p. 168).

Desses grupos se destacam a “*Metropolitan Community Churches*” (Igreja da Comunidade Metropolitana); Igreja Católica Americana (ICA); Centro Cristiano para la Comunidad GLTTB de Buenos Aires; Diaconía Cristiana em la Diversidad (DCD) no

Uruguai; Organização Religiosa para GLBT no Chile e Comunidade Cristiana Ecumênica gay-lésbica (CEGAL). (MUSSIKOPF, 2008, p. 192).

No Brasil são inúmeras as iniciativas de homossexuais cristãos que se organizam em movimentos, destacaremos alguns: Comunidade cristã gay liga a princípio à igreja Presbiteriana Bethesda e atualmente à igreja Acalanto; Integridade Brasil, formado pelos membros da Igreja Episcopal Anglicana no Brasil; Grupo de Celebração Ecumênica que mantém parceria com o *Lutherans concerned/North American*; Grupo de teologia, Sexualidade, Gênero e Corporeidade de Pernambuco; Harpazo – movimento cristão pela diversidade; Comunidade Cristã Nova Esperança de São Paulo; Grupo de Celebração Ecumênica Inclusiva no Rio Grande do Sul; Movimento pela diversidade Católica do Rio de Janeiro. (MUSSIKOPF, 2008, p. 465 - 470).

Com todos esses movimentos é notável que haja uma confessionalidade homossexual que independente das posições oficiais das Igrejas se organiza para refletir e realizar momentos de espiritualidade, sem abrir mão da identidade e orientação homossexual.

O que antes seria uma coisa impossível de ver, devido aos dogmatismos e moralismo, hoje se torna possível, o que antes era uma clandestinidade hoje ganha visibilidade, e não podemos negar que esses movimentos têm uma forte influência dos movimentos sociais e políticos homossexuais.

4 HOMOSSEXUALIDADE E ÉTICA CRISTÃ DA LIBERTAÇÃO EM BERNARDINO LEERS

Neste capítulo vamos refletir sobre a homossexualidade numa perspectiva de libertação dentro dos princípios éticos cristãos numa visão humanizante a partir de Frei Bernardino Leers que procurou transcender a moral tradicional e propor novos caminhos para o processo de libertação dos homossexuais dentro da confissão e vivência dos princípios cristãos, sendo quem são.

4.1 Frei Bernardino Leers: ironia socrática e ternura evangélica

Ferdinand A. J. Leers nasceu no dia 08 de novembro de 1919 em BergenOp Zoom na Holanda. Ele nasceu no norte da Holanda, onde o catolicismo constituía apenas 5% da população e as manifestações religiosas eram restritas ao interior das igrejas. Depois sua família mudou-se para o sul, onde ingressou no seminário. O catolicismo no sul era muito mais forte o que de início já dava um grande impacto cultural. (JUNIOR, 2010, p. 30). Seu nome de batismo foi substituído na ordem Franciscana por Frei Bernardino Leers. (LEERS, 2010, p. 201).

Entrou na ordem franciscana em 1938, fez sua profissão solene em 08 de setembro de 1942 e ordenou-se no dia 11 de março de 1945 após terminar seus estudos de filosofia e teologia pela província franciscana da Holanda. Recém-ordenado iniciou o seu estudo em psicologia e logo em seguida se especializou em Teologia Moral no *Antonianum* de Roma no período de 1947 a 1949 apresentando a defesa de sua tese intitulada “*De homini odiente, problematum inquisitivo quoadtheologiammorale*” em 1951, em novembro deste mesmo ano foi transferido para o Brasil e daqui nunca mais se mudou, e desenvolveu um imenso trabalho acadêmico e pastoral sobretudo em comunidades rurais do interior de Minas Gerais. (LEERS, 2010, p. 201).

Foi um poliglota, além de sua língua natal, o holandês, ele dominava o português, alemão, inglês, francês, italiano, espanhol, latim e grego. (LEERS, 2010, p. 202). Como conferencista e colaborador participou de cursos de teologia moral e de pastoral além do Brasil, no México, Costa Rica, Alemanha, Holanda, Siri Lanka e Paquistão. Membro da Sociedade Brasileira de Teólogos Moralista (SBTM), da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER) e assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). (LEERS, 2010, p. 202).

Lecionou sociologia, psicologia e ética na Fundação Educacional de Divinópolis de 1965 a 2004; professor de Teologia Moral nas seguintes instituições acadêmicas: Seminário Franciscano de Divinópolis de 1952 a 1969; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) de 1967 a 1990; Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte (FAJE) de 1983 a 1991 e no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA) de 1986 a 2004. (LEERS, 2010, p. 201).

Produziu um número significativos de livros e cadernos, colaborações em coletâneas, estudos e pensamentos e inúmeros artigos em revistas. Seria difícil descrever todas as suas obras, mas frei Oto Júnior dividiu suas obras em oito agrupamentos principais que tem um caráter aproximativo do que ele produziu:

Moral fundamental (cerca de 32 títulos, entre livros e artigos); religiosidade popular e rural (cerca de 34 títulos, sem contar um grande número de texto junto à ACAR e o CODAR); Escritos sobre a Vida Religiosa (cerca de 20 títulos, sobretudo publicados na revista *Convergência*); Sacramento da reconciliação (cerca de 8 títulos); moral familiar e sexual (cerca de 32 títulos); Moral Social (com 16 títulos, ainda que muitos outros poderiam ser lidos nesta perspectiva); e bioética (cerca de 5 títulos, mas como esta tem sido uma de suas preocupações atuais, o número tem aumentado). (JÚNIOR, 2010, p. 37).

As obras de Bernardino Leers são marcadas por uma linguagem direta e acessível, sem muitos enfeites, sabendo disso, o próprio autor declara “certamente esta linguagem não é alta teologia, mas tem a vantagem de ser humana clara e sem rodeios” (LEERS, 2009, p. 286). Outro aspecto de seus escritos e estudos é a ironia e humor, por outro lado sua leitura se torna gostosa pelas expressões populares como ovo de chupim, bastidores do circo, moral do burro, astúcia da raposa e jeitinho brasileiro, dentre outras.

4.2 A ética como agir multiforme da pessoa humana e crise da moral tradicional

Toda ética só tem sentido de ser se tiver como objeto o agir humano partindo dele mesmo. Não tem sentido um discurso ético que ignora as pessoas como sujeitos de responsabilidade e liberdade no seu agir com cada gesto, cada palavra que expressam uma pessoa real que vivem e se movimentam na terra comum.

A filosofia e as ciências dos tempos atuais tem uma preocupação em focalizar a pessoa humana em movimento, mas muitas maneiras de percepção, de sentimento, planejamento e decisão, e assim exercer dentro de um espaço e tempo vivido sem

desligar-se de sua história e, sobretudo de sua rede de interdependência. (LEERS, 2010, p. 62).

Desta forma, são as pessoas humanas reais, criativas que caminham para a realização do bem ou do mal na humanidade peregrina, portanto, não são passivas, mas originais e ativas em suas percepções e sensibilidades, a pessoa humana não é só sujeito das instituições que lhes impõe as regras, leis e normas, mas ela mesma é capaz de dar, de criar, de formar seu mundo, seus espaços de vida e o seu ritmo. (LEERS, 2010, p. 62).

Chega ao fim o período de um sistema de normas tranquilas e de paz relativa da práxis comum. O que temos hoje é uma realidade muitas vezes confusa em que muitos comportamentos humanos estão mudando aceleradamente, e enquanto algumas entram em falência outras aparecem de certa forma não muito firmes e fundamentadas, mas que não deixa de provocar uma crise da moral tradicional.

Segundo Bernardino Leers a crise da moral tradicional apresenta uma ambivalência, em que a tentativa de melhor compreender a crise moral atual pode começar pela atitude às vezes veemente com que certos grupos condenam as novidades que se apresentam, há categorias de pessoas que estigmatizam a sociedade contemporânea contra a dissolução das normas, degradação acelerada dos valores desrespeito com as leis tradicionais, que geralmente giram entorno da sexualidade, do matrimônio e da vida familiar, indicando muitas vezes uma verdadeira obsessão às avessas pelo sexo. (LEERS, 2009, p. 392).

Para que façamos uma crítica à moral tradicional, não podemos nos limitar a um ou outro aspecto selecionado da experiência histórica humana de hoje, sem descortinar os fatos e os acontecimentos sem buscar compreender toda a estrutura de convivência cultural em que há mais fatores humanizante e desumanos do que estão escritos naquela negativa e frustrante visão moral. Ironicamente Bernardino diz: “óculos escuros costumam modificar as cores verdadeira da situação”. (LEERS, 2009, p. 393).

Ficar apegado de maneira rígida e inflexível na tradição moral corre o risco de se distância do que é vivido no mundo atual, assim é preciso:

Entender o momento atual é permitir olhar para além da teoria e do pensamento dogmático. Isso requer a compreensão dos valores de cada

geração que chega ao mundo, seus conflitos e dilemas. Essa aplicabilidade da ética, no que alude ao dever e ao conflito, sempre existiu; a questão atual é que a pergunta volta-se para o sujeito em situações dilemáticas, no que se refere à moral em torno de escolhas e decisões. (FERREIRA; PEREIRA, 2012, p. 104)

Segundo Amauri e Leonardo, para Bernardino Leers a moral é subjetiva, intersubjetiva, realização de sujeitos, assim ela se apresenta como fenômeno humano participante no tempo e no espaço, condições que marcam a experiência do pensamento e do agir humano. Então, entender o momento do espaço e do tempo vivido é permitir olhar para além da teoria e do dogmatismo a busca incessante do ser humano em viver bem, de acordo com sua consciência. (FERREIRA; PEREIRA, 2012, p. 104).

O pensamento de Frei Bernardino Leers vai aperfeiçoando, em sua convivência, o itinerário flexível do ethos mostrando que as temáticas morais são do nosso tempo e do nosso lugar. Assim sua morada moral vai ao encontro de problemas que a ética aplicada passou a refletir tendo em vista dilemas e conflitos vividos pelo ser humano em diálogo com a ordem prescritiva da ética teórica. (FERREIRA; PEREIRA, 2012, p. 105-106).

O ideal de uma ética cristã seria o de uma união na pluralidade, mas o que se vê muitas vezes é justamente uma divisão entre os olhares para trás, fixos na história do passado e outros que olham sempre para frente. Seria necessário buscar a mesa redonda, para começar um movimento de convergência em que as autoridades escutem e entendam o que vive no coração do povo e quais são suas condições de vida cotidiana a fim de criar uma ponte de duas mãos entre a doutrina da autoridade e a práxis do povo. (LEERS, 2010, p. 16-17).

Bernardino Leers estabelece a ética a partir da experiência humana, que está para além da autoridade institucional, apresentando assim o comportamento humano como dinamicidade e flexibilidade que possibilita a ética propor para a pessoa humana a convivência com o outro.

É no campo dos dilemas, conflitos e deveres que a morada da moral volta-se para a pessoa, numa perspectiva do antes e do agora, numa práxis que mostra a atitude e a responsabilidade de suas escolhas. Nesse sentido, Frei Bernardino está nesse contexto da possibilidade de voltar a responsabilidade de escolhas do indivíduo para ele mesmo e a partir daí tentar, à medida do possível, provocar reflexões que possam ser consideradas unidade de referências valorativas. Pelos escritos do autor isto parece ocorrer com teólogos e vários moralistas, que parecem centrados na práxis das pessoas, mas estão apegados ao passado sem vislumbrar o futuro. (FERREIRA; PEREIRA, 2012, p. 106-107).

O autor usa o termo elitismo para designar a preguiça e o comodismo que ameaça o moralista, pois ao surgimento de novos problemas ou novidade científica é preciso esperar um posicionamento da autoridade eclesiástica que já vem pronto, com isso amoral parece sempre descer de cima para baixo e desconhece o princípio da subsidiariedade. (LEERS, 2010, p. 20).

Assim o elitismo que faz com que o moralista espere pela autoridade institucional vai gerar certo desconforto para a ética centrada no agir humano, pois os valores éticos, neste sentido, se apresentam como valor legal e normativo.

Outro sentido apresenta-se nos muitos discursos sobre assuntos e pessoas, sobre sexualidade ou política, sobre pobres, mulheres, homossexuais, mas não há sinal de que a reflexão saia destes agentes morais ou de pessoas que estão envolvidas neste ou naquele desafio moral. Se me lembro bem, no início da teologia da libertação está a carta dos bispos do Nordeste: *“eu ouvi o clamor do meu povo”*. Em vez de falar ao povo ou sobre o povo a formação moral há de ser com o povo, os pobres, com ou da parte dos pobres, das mulheres, dos casais, etc., que não são objetos, mas sujeitos responsáveis de sua produção moral. (LEERS, 2010, p. 20).

Há ainda outra forma de elitismo que nos faz interrogar: “Qual são as pessoas concretas de carne e osso que desfilam pelo discurso dos teólogos morais e autoridades, quando formulam normas?” (LEERS, 2010, p. 20). Frei Bernardino Leers ironicamente afirma que às vezes a impressão que se tem é que ainda é Adão, quando andava puro e livre no paraíso, o homem perfeito completo que ainda não conhecia a liberdade. (LEERS, 2010, p. 20). E acrescenta que “a teologia moral não é para perfeitos, mas para pessoas em caminho, em construção ainda não pronta”. (LEERS, 2010, p. 21).

Ao ligar a homossexualidade a esta forma de elitismo em que se exige a perfeição, sem se preocupar em analisar as condições das pessoas e suas disposições de viverem a vida pessoal com suas possibilidades de que se dispõe ou sabem explorar, com sua força vital ele lembra:

A palavra possibilidades ou capacidade humana faz-me lembrar da coleção de documentos do Vaticano, desde 1975, sobre homossexuais e homossexualidade. Estes textos usam três linguagens ou desenvolve-se em três níveis. O primeiro é o realismo que reconhece a existência de pessoas que são homossexuais adultos e adultas de orientação sexual diferente: umas exceções da regra por assim dizer. Depois, vem o rigor da proibição absoluta e dura de qualquer atividade sexual por parte deles, na base do “plano original” do Criador e confirmada pelos textos bíblicos de base do “plano original” do criador e confirmada pelos textos bíblicos de Gênesis 1, Romanos 1, Sodoma, Levítico etc., sem olhar as experiências morais dos próprios homossexuais e as muitas pesquisas das ciências humanas empíricas. (LEERS, 2010, p. 21-22).

Além de não olharem para a pessoa e sua experiência, a moral fechada e institucionalizada nem sempre olha a contribuição de outra área do conhecimento humano, o que Bernardino Leers vai chamar atenção é que a “complexa vida atual leva a completar por intercâmbio mútuo o caráter limitado e seletivo da visão que a teologia moral e ciências humanas se formam da realidade” (LEERS, 2010, p. 76). É preciso ter consciência de que uma completa a outra, e assim abrem-se novas perspectivas, para ambas, daquelas coisas que são desconhecidas de uma ou de outra.

Para falarmos da confessionalidade homossexual dentro de um princípio ético não basta ter uma norma moral religiosa que numa compreensão paradoxal reconhece a existência da homossexualidade e ao mesmo tempo aplicam a essas pessoas o rigor da norma, “demonstrando assim uma incapacidade de aceitar o outro como de fato ele é, com seus defeitos, seus erros, sei lá o que”. (LEERS, 2002, p. 5).

Na visão de Bernardino Leers, apesar do cristianismo não ter sido feito para falar, apontar e sim para praticar, sobretudo o amor e acolhimento ao outro, os homossexuais não sabem como fiar nas igrejas e participar ativamente da comunidade cristã, pois não se sentem mais acolhidos.

4.3 Homossexual e confissão da fé cristã

A partir do que vimos anteriormente em relação à ética proposta por Bernardino Leers a pessoa humana está constituída antes de qualquer rótulo ou título que lhe é dado, assim temos a pessoa humana antes do pobre e do rico, do negro e do branco, do homem e da mulher, do heterossexual e do homossexual, etc.. As pessoas homossexuais em sua diversidade são anteriores à sua homossexualidade e mais importantes, do que o seu comportamento homossexual abstrato. (LEERS, 2010, p. 325).

Mas mesmo assim a presença dos homossexuais esteve sempre “escondida embaixo do pano do silêncio”, e a discriminação ainda continua a contaminar e a impedir a convivência fraterna dentro da igreja e da sociedade. Este ato de esconderem em baixo da mesa fatos humanos importantes em número e espécies é uma tática de camuflagem que, de um lado, corre o risco de que as feridas da sociedade apodreçam, e, doutro, que as vítimas encontrem ainda maiores resistências à sua libertação. (LEERS, 2002, p. 565).

O fato mais simples que se constata na realidade da vida social é que homossexuais são pessoas humanas, têm pais e pátria, são intimamente sexuados, tem seus talentos, necessidades e desejos, sentem uma vontade de viver, de serem amados e amar, como as demais pessoas humanas. Antes de cercar sua existência humana com fórmulas verbais de comportamento social ou proibições, eles estão no mundo e fazem parte da sociedade tais quais os outros seres humanos que fazem parte da sociedade e estão neste mundo comum. Entre si eles são tão diferentes, de histórias e experiência vividas, de planos e possibilidades tão diversos, quanto os homens heterossexuais comparados entre si. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 38).

A homofobia tem suas raízes não numa consciência livre, mas antes ela é captada através da educação recebida através de seu contexto cultural em que é educada, ela é integrada na cultura em que cada um respira quase sem perceber e se perde no desconhecido. A homofobia aparece como bloqueio tanto para heterossexuais quanto para homossexuais que passa pelo medo, angústia existencial, de desconfiança pelo prazer, de pecado e inferno que perpassa já séculos a vida ocidental. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p.39).

Diante da condição humana nos deparamos com luzes e sombras, sendo que a que mais importa é a luz que atrai a procura da verdade, o caminho que leva a liberdade e à alegria de viver, privilegiando o caminho que se faz para o crescimento pessoal sem desconsiderar o desafio de descobrir a direção e força para ser perseverante apesar e além de obstáculos, vicissitude e fraquezas que a pessoa experimenta na sua peregrinação pelo mundo humano com tantos outros. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 39).

Os sinais dos tempos pede outra postura apontada por Jesus Cristo de colocar a lâmpada no candelabro para iluminar ao invés de escondê-la debaixo do caixote. Bernardino Leers afirma a necessidade de o homossexual aparecer como fonte iluminadora para todo o Povo de Deus, e integrarem-se nele, e assim todos são chamados a “participar o mais possível do diálogo aberto e convergir para uma nova atitude aberta para com as pessoas, caracteristicamente homossexuais, a fim de que possam integrar harmonicamente nas comunidades cristãs e na sociedade civil”. (LEERS, 2002, p. 565).

A comunidade cristã, bem como autoridades eclesiais e os moralistas, não podem tomar os homossexuais de maneira abstrata, mas antes devem entrar a solidariedade e procurar entender sua situação, suas histórias e possibilidades de caminhar na fé, levando em consideração que antes de qualquer reflexão já é notório

toda gama de condenação que cerca tradicionalmente os homossexuais, tornando-lhes a vida muitas vezes um drama e cheia de conflitos internos e externos. Segundo Leers:

Os centros produtivos não são o sexo, a sexualidade, o sexualismo, todos abstrações, mas as pessoas vivas na condição de peregrino terrestres. Atos sexuais não existem senão em pessoas que agem, condicionadas em sua conduta responsável pelo contrato do grupo, da sexualidade humana e cultura de que fazem parte com seus talentos e limitações. Cultura e sociedade de pertença criam e mantêm papéis sociais para cada um em seu lugar e status, e formam expectativas neste sistema, visto que, todas as pessoas são sexuadas, também a sexualidade funciona dentro desse esquema personalista, seja de homem, seja de mulher, seja hetero, seja homo. Se a percepção tradicional somente conhecia dois gêneros aparentemente uniformes, ou a modernidade descobriu uma percentagem pequena de homossexuais e lesbianas, não muda o quadro global. Direitos e deveres, valores e desvalores estão fundamentalmente ancorados nas pessoas humanas, pois elas são os verdadeiros agentes morais. Homo ou hetero vem em segundo lugar, um lugar dependente. (LEERS, 2002, p. 566-567).

Esta ideia de Bernardino Leers transcende a visão reducionista da pessoa homossexual fixada no ato sexual, apesar desse reconhecimento da pessoa homossexual enquanto agente responsável, o negativismo racionalizado ainda é dominante e a condenação dos atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo forma quase um monopólio na doutrina oficial da igreja, marcada e estigmatizada pelo pecado mortal. Em sua objetividade, às relações homossexuais faltam regras essenciais e indispensáveis da sexualidade humana. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, P. 40). E afirma ainda que:

Mesmo se a particular inclinação homossexual não seja em si um pecado, ela constitui, no entanto, uma tendência mais ou menos acentuada, para um comportamento intrinsecamente mau do ponto de vista moral. Por isso a própria inclinação há de ser considerada uma desordem. Este bloco doutrinal se fixou de tal modo que as opiniões teológicas, contrárias a este ensinamento da igreja hão de ser rechaçadas. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 40).

Apesar desse rigorismo das igrejas, digo no plural porque essa não é a realidade só da igreja católica, muitos homossexuais não querem perder a sua fé e desejam encontrar nela um motivo de ajuda e esperança, mas muitas vezes na prática acabam caindo em uma profunda neurose depressiva, sentindo-se criminosos e pecadores diante de sua própria consciência. Mesmo conseguindo superar esse sentimento interno de culpa, apesar de todas as proibições, sabem que não podem manter-se em comunhão, ou pelo menos tem enorme dificuldade de se manterem em comunhão oficial com uma doutrina que os condena. (AZPITARTE, 1985, p. 362).

Bernardino Leers e José Trasferetti apresentam três fatores que levanta a reflexão em torno da vida sexual de pessoas constitutivamente homossexuais, a primeira

é a maneira tradicional de se condenar atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo, depois a curiosidade com uma pitada de malícia, do público heterossexual e por último a nuvem obscura de suspeita de sujeira que costuma cercar o assunto. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 177).

Com isso percebemos que não adianta uma superação interna dos dilemas vividos por homossexuais, é necessário uma mudança na maneira das igrejas, e a sociedade pensarem a vida sexual dessas pessoas, para que possa haver uma aproximação da problemática moral e isso só poderá ocorrer com a participação do homossexual não só enquanto pessoa humana, mas também enquanto cristão.

Para Bernardino não há mais dúvida para a Igreja de que há homossexual constitutivamente, essa é uma ideia que não precisa mais ser discutida, apesar de não termos ainda uma certeza quanto a sua origem, o que entra para a discussão é a situação dessas pessoas no seio da comunidade cristã para que haja uma comunhão aberta e participação em igualdade interpessoal. (LEERS; TRASFERETTI, 2001, p. 162).

O próprio Catecismo da Igreja Católica (CIC) reconhece a homossexualidade como uma realidade inata:

Um número não negligenciável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais inatas. Não são eles que escolhem sua condição homossexual; para a maioria, pois, esta constitui uma provação. Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á para com eles todo sinal de discriminação injusta. Estas pessoas são chamadas a realizar a vontade de Deus na sua vida e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar por causa de sua condição. (CIC, 2358a).

Há um paradoxo que se apresenta: “devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza”, e se por um lado há o reconhecimento da condição homossexual inata, isto é, não é uma escolha pessoal, por outro apresenta uma retaliação com a imposição do celibato:

As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes de autodomínio, educadoras da liberdade interior, às vezes pelo apoio de uma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem se aproximar, gradual e resolutamente, da perfeição cristã. (CIC, 2358 b)

O que se faz necessário então é escutar os próprios homossexuais para superar esses antagonismos entre movimentos de emancipação de homossexuais cristãos e as

doutrinas estabelecidas pelas igrejas e com isso promover uma reconciliação, que não é uma tarefa fácil, pois como afirma Leers e Trasferetti:

Um simples abraço de paz ou vontade não concertará uma ruptura sociocultural profundamente arraigada e atrapalhada por preconceitos e estereótipos fixados. Sem que as pessoas geralmente se conscientizem, funciona aqui um mecanismo complexo e psicossocial que ultrapassa o estreito âmbito da responsabilidade individual. Criar mudanças em função de ideias ou normas éticas é uma tarefa muito difícil, pois quanto mais fluido e semiconsciente é o complexo humano, mais firmemente a cultura construída estará enraizada na cultura dominante e cercada de argumentos de longa tradição. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 162).

As igrejas precisam mais do que acolher o homossexual, se faz necessário compreender os dilemas internos vividos por eles, e respeitá-los como portadores de uma identidade própria no processo de emancipação para a liberdade participativa, o primeiro passo prático é deixar as “vítimas” falarem e se comunicarem a respeito de sua maneira e seu desejo de viver, se realizar e conviver. (LEERS, 2002, p. 575). Para o autor é importante falar as claras, pois:

Quebrar o silêncio imposto é abrir uma nova mina de material para criar em conjunto orientações justas e prudentes, não para, mas da parte dos homossexuais. Se eles são cristãos, não apenas tem uma consciência moral que distingue o bem e o mal a fazer, mas assumem a expressão de São Paulo, que são templos do Espírito Santo que ensinará toda verdade. Pelo diálogo aberto, a reciprocidade das consciências morais estimulará a formação de um caminho de “traduzir” o Evangelho em vida e convivência de homossexuais entre si e com os outros. A confirmação pela autoridade eclesial completará a obra ética. (LEERS, 2002, p. 575).

Para que a pessoa homossexual seja aceita nas igrejas sabemos que não é um processo simples, isto é, não é apenas fazer mudança das normas ética, mas criar situações em que a convivência seja de fato e não em discursos ideológicos e neste processo o tempo tem um papel especial, em que o início do diálogo e acolhida sincera dos homossexuais não seja considerado o fim, mas uma abertura para novos caminhos que sem dúvida será longo e do qual se espera que “a cabeça fria aproveita o calor do coração, sem se desejar dominar e terminar no brejo”. (LEERS, 2002, p. 575).

4.4. Ética da libertação: caminho para viver em liberdade

O movimento de emancipação homossexual surgiu num momento em que era difundida a teologia da libertação, sobretudo na América Latina, e o seu discurso ético estava voltado para as categorias de oprimidos, marginalizados, morte e libertação, que

“podem ser aplicada sem muita ginástica também a reflexão sobre os homossexuais” (LEERS, 2010, p. 324).

O termo libertação no contexto brasileiro surgiu na década de 60, através de dois sociólogos Fernando Henrique Cardoso e E. Faletto, que elaboraram a teoria da dependência e da libertação, opondo-se a teoria do desenvolvimento, portanto o termo aparece num sentido político-econômico, mas que vai desembocar em vários outros setores da sociedade, ou seja, o termo sociológico Libertação nasceu e vingou ganhando força a partir das décadas de 70 e 80, porque perpassava não só o Brasil, mas todo o continente Americano uma onda de libertação (LIBANIO; MURAD, 1996, p.163).

Aparecia nesse contexto uma série de organizações populares, movimentos de ligas camponesas, sindicatos rurais, movimento de educação de base, sindicatos nas cidades, centros de cultura popular e associações diversas, movimento feminista, movimento homossexual, movimento antiracismo, etc.(LIBANIO; MURAD, 1996, p.165).

Mas dentro do discurso moral teológico o tema da homossexualidade não recebeu o mesmo espaço que as outras dimensões, e isto aconteceu por dois fatores: primeiro por causa da larga predominância da heterossexualidade tanto na sociedade quanto na ideologia normativa que ela forma e conserva, marcando assim os homossexuais como marginalizados vistos como estranhos que não se enquadram no padrão cultural dominante de conduta, em segundo lugar, o desprezo que a tradição judaico-cristã teve e tem como uma forte influência, isto é, as referências religiosas e morais da herança judaica e cristã sempre voltam nos discursos, quando o assunto é homossexualidade. (LEERS, 2010, p. 333 – 334).

Isto pode ser constatado pela onda de correntes e enfoques teológicos que surgiu no período de efervescência da Teologia da Libertação, tais como a teologia chamada meta-sexista ou teologia feminista, enfoques étnicos o caso da teologia negra e ameríndia, enfoque ecológico, enfoque pluricultural ou teologia da inculturação (LIBANIO; MURAD, 1996, p.254).

Porém, mesmo depois dessa efervescência não se constituiu uma teologia homossexual que descrevesse e tematizasse a experiência homossexual e a situação de opressão social, advogando retorno à antropologia e à fenomenologia para dar

visibilidade à situação de exílio em que se encontravam os homossexuais. O que se tinha de reflexão teológica homossexual estava centrada no discurso médico e não na dimensão de uma teologia da libertação que centrasse a atenção nas experiências destes sujeitos com ênfase na situação de opressão e necessidade de luta por uma libertação. (MUSSKOPF, 2008, p. 136).

Uma das dificuldades de uma teologia voltada para a libertação homossexual era a constituição enquanto grupo social, isto porque as pessoas homossexuais levam uma sobrecarga de insegurança, dissabores e inibições que dificultam se não impedem sua integração na sociedade, daí a sua identidade homossexual fica preservada, escondida e camuflada, manifestando-se na sua clandestinidade. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 62).

Este quadro começa a se transformar de fato apenas no início do século XXI, com o aumento de grupos e movimentos homossexuais, e, sobretudo com os grupos cristãos. Apesar de não haver ainda uma teologia homossexual, pelo menos no Brasil e na América Latina, pois nos EUA já existe uma tentativa de uma teologia gay, já é possível pensar nos movimentos homossexuais como uma classe oprimida e que nomeia a si mesma enquanto grupo marginalizado e grupo social excluído e assim, segundo Musskopf:

É neste contexto que as experiências de opressão tornam-se fundamentais para a teologia. Elas se constroem enquanto discursos, por um lado, nas narrativas pessoais e biográficas que envolvem e sustentam a sua reflexão. Por outro lado, elas também se expressam em inúmeras autobiografias publicadas por teólogos e lideranças que fazem relação entre seu engajamento político e a experiência cristã, tanto dentro da igreja quanto fora dela. Uma das principais características destas obras é a ênfase nas dificuldades que o sistema patriarcal heterocêntrico impõe aos homens gays na construção de sua identidade, causando sofrimento e levando a determinados comportamentos eticamente “des-recomendáveis”, como as relações com múltiplos parceiros sexuais. O ponto alto destas narrativas se dá com a constatação de que estes homens, apesar de sua sexualidade, são bons cristãos e que, por isso, mantê-los fora da igreja é um erro. (MUSSKOPF, 2008, p. 137 - 138).

O homossexual, assim como todo ser humano caminha para frente, mesmo que leve nas costas uma carga muitas vezes pesada de restos de seu passado que lhe dificulta os passos exigindo-lhe muito mais esforço para sua caminhada, mas é o “daqui para frente” que lhe importa, e deve procurar vencer o domínio de suas forças compulsivas de seus desejos que vão surgir e ressurgir, procurando em si mesmo uma liberdade

criativa para se decidir realizar um projeto de vida na sociedade e na comunidade cristã. (LEERS; TRASFERETTI, p. 62).

Dentro do processo de libertação promovido pelo contexto da Teologia da Libertação, a ética e a moral cristã renovou tomando como ponto de partida a opção evangélica pelos pobres ou os empobrecidos que formam a maioria, e levou as igrejas a pensarem além dos pobres, isto é, havia outras categorias injustiçadas, mesmo não estando no contexto de pobreza, como é o caso dos homossexuais, como afirma Leers e Trasferetti:

Os homossexuais não são necessariamente pobres no visível sentido comum material da palavra, pois pertencem a todas as classes sociais. Porque é minoria e procuram mais se esconder do que se organizar e protestar, sua presença não é muito visível e seu clamor não é óbvio praticamente na sociedade. Mas desde que se descobrem a si mesmos e seu ambiente familiar começa a perceber algo estranho: sua sorte é enfrentar uma sociedade em que os heterossexuais dominam e marcam o compasso da convivência e o tipo ideal do “macho” e o autoritarismo masculino leva ao desprezo e à ridicularização dos homens que são diferentes. Em redor dos homossexuais e penetrando profundamente na imagem que se forma de si mesmos e no modo de vida deles funciona um verdadeiro processo socializado de discriminação, intolerância e ostracismo. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 28).

A partir dessa visão, os homossexuais se tornam uma minoria sofredora, porque em geral se encontram como uma classe empobrecida pela pressão dominante dos heterossexuais na sociedade, até tornar-se “um não-homem, um exilado da humanidade”. (LEERS; TRASFERETTI, p. 29). Com isso os homossexuais presentes numa sociedade em que a estrutura social é predominantemente vertical ou central periférica, eles se encaixam na periferia, injustamente estigmatizados pela sua inclinação de pessoas sexuadas e impedidos de levar sua própria vida humana com sua identidade própria.

A atual circunstância da sociedade e sua reflexão ética levam a pôr o problema da liberdade e do amor no ambiente real da opressão dominante e a marginalização dos homossexuais e da opressão sofrida e marginalizada imposta por heterossexuais, que dita as normas, ridiculariza e discrimina os que não entram em seu esquema de pensar, e a minoria dos homossexuais que é vítima contínua de discriminação e luta recuada para obter seu espaço, em um primeiro momento na sociedade e ainda na manifestação de sua fé professada em determinada denominação cristã. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 161).

Não podemos pensar a libertação dos homossexuais de uma maneira simplista, como se esta libertação resolveria o problema ético dos homossexuais, pois a liberdade é uma condição, não é uma garantia do bem-conviver. Segundo Bernardino Leers:

Qualquer forma de dominação, discriminação ou marginalização social não atinge apenas as forças dominantes, desmoralizando-as, mas alcança também os oprimidos, criando neles condicionamentos negativos, desfavoráveis à liberdade de viver e conviver na sociedade, racionalizados por uma ideologia de submissão, fatalismo, paciência e resignação, com acenos, em áreas cristãs, para uma felicidade de outro mundo. (LEERS, 2010, p. 350).

Pois se de um lado temos forças que promovem o domínio, é por que há por outro lado uma mentalidade de escravos que dentro de sua opressão aprendeu a sobreviver dando jeito, em situação de violência e vexame, Leers diz ainda que:

Pessoas e grupos, dependentes dos caprichos dos outros, vítimas passivas das crueldades dos outros, costumam descobrir caminhos tortos para salvar sua pele numa mistura de medo, esperteza, servilidade fingida e vontade de escapar ou boicotar. Dominadores e dominantes se condicionam mutuamente, em prejuízo de ambos os partidos, de modo que a recuperação da dignidade humana depende de um processo entre homossexuais e heterossexuais, ambos obrigados a quebrar os velhos esquemas atitudinais que perduram. (LEERS, 2010, p. 351).

A capacidade limitada que o ser humano encontra em aceitar o outro em sua alteridade é um elemento que precisa ser superado, para que, de fato possa ocorrer um verdadeiro processo de adequação e correspondência mútua em igualdade de direitos, de espaço de viver em liberdade. Este elemento deve ser superado e ultrapassado por todos, maioria dominante e minoria marginalizada. Nos encontros com “diferente” dentro do limite de acolher o outro condiciona o ser humano o medo, a agressividade, as formas de morte que os heterossexuais mostram, mesmo sem querer, diante dos seres por eles estranhos. (LEERS, 2010, p. 351).

Os homossexuais também não ficam fora da estranheza experimentando-a muitas vezes na base da introjeção que devem buscar se adequar aos parâmetros mentais, aprendidos da cultura dominante. Com isso, percebemos que os encontros humanos estão sempre cercados por ambivalências no que diz respeito a atração para com o outro, podendo adaptar-se e acertar o passo na caminhada com o diferente, mas por outro lado a convivência diária no processo de interação e aproximação, não dá garantia de bons resultados definitivos. Quanto mais diferente é o outro que se apresenta, maior será a incapacidade de ser aceito no mundo em que as pessoas vivem e formaram em torno de si mesmo. (LEERS, 2010, p. 352).

Libido e instinto de morte, simpatia e antipatia, amor e ódio desempenham juntos seu papel nas maneiras de as pessoas e grupos se relacionarem entre si em termos de amizade e agressividade, liberdade de convívio ou opressão dominadora, edificação recíproca ou destruição. (LEERS, 2010, p. 352).

Podemos perceber que um processo de libertação não se dá de forma muito tranquila, sobretudo quando se trata de uma cultura fortemente marcada pelo discurso religioso, como no caso do ocidente cristianizado. Este fato vai exigir a formação de uma liberdade responsável do homossexual dentro de uma convivência social que condiciona, estimula e restringe essa liberdade, exigindo um duplo projeto do dever ser da própria pessoa e o dever ser do grupo social religioso a qual está inserido. Para Bernardino Leers e José Trasferetti a liberdade se apresenta como problema para ambos os lados isto por que:

Da parte da pessoa há oposição contínua entre a própria tendência de ambientar-se entre pessoas do mesmo sexo e a proibição absoluta da norma interiorizada. Da parte da sociedade, não há apenas a confirmação sancionada da norma, mas também do sistema da intolerância e supressão das práticas homossexuais e da marginalização e ostracismo das pessoas que são reconhecidas como homossexuais. Geralmente os heterossexuais recebem a proteção da lei para seus casamentos, suas convivências de certa estabilidade, seus bens e filhos; se não observam as leis e normas, ao menos para com os homens há grande tolerância e uma quase conspiração de silêncio. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 64).

Aos homossexuais resta-lhes apenas o peso de um tabu e a opressão exercida sobre eles, o que nos leva a crer que a libertação dos homossexuais e a libertação dos heterossexuais são processos sócio-políticos de conversão e extravessão que não se separam. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 66). A conversão neste sentido não pode ser vista com seu desgaste e esvaziamento, ou enquanto uma simples mudança superficial, mas deve buscar o sentido profundamente evangélico, isto é, no que diz respeito ao problema ético em relação aos homossexuais no seu contexto social, cultural e religioso, o convite à conversão superficial de tomar uma postura neutra, objetiva que fica em cima do muro, mas uma conversão que se posicione e assuma a responsabilidade, com os homossexuais. Segundo Leers e Trasferetti:

Diante da situação desigual e conflitante entre homossexuais e a grande maioria da sociedade que domina a cultura, a ética cristã não pode esconder-se atrás do escudo de uma sonhada neutralidade objetiva. Participando da realidade concreta das relações, optará por um ou por outro lado, mesmo inconscientemente, como ponto de saída da reflexão. Se o amor e a solidariedade formam os impulsos principais da ética cristã, a “inocência” intelectual que não quer reconhecer sua identificação com uma ou outra parte do conflito há de tirar sua máscara. Seguindo o exemplo de Jesus, o moralista

estudará o problema a partir da minoria injustiçada e oprimida em oposição a dominância heterossexual. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 166).

É preciso quebrar o monopólio da suposta natureza heterossexual universal e única comum a todos os seres humanos, uma vez que fica claro que a homossexualidade é uma realidade, ou seja, que há pessoas com desejos, imaginações e afetos, mesmo sem opção e intencionalidade para pessoas do mesmo sexo, pois, se não acontecer essa quebra de monopólio, estas pessoas constitutivamente homossexuais caem numa espécie de vácuo ético, sem regras de condutas formuladas, sejam como projeto de vida, sejam como proibições e caminhos interditados, e isto porque:

O material ético que a história fornece, se enquadra no totalitarismo subjacente da heterossexualidade, a atividade humana interrelacional dos homossexuais constitucionais está como órbita, fora do mundo da normatividade sexual regulamentada com suas justificações e tabus tradicionais. Seria uma injustiça impor aos homossexuais um código de conduta, baseado em última análise na heterossexualidade da maioria dominante. (LEERS, 2010, p. 348).

Diante da realidade social em que está inserido o homossexual, a tendência mais tentadora, que ele encontra é a de recuar, esconder seu próprio ser e buscar uma camuflagem inclusive com o namoro e casamento heterossexual, como exigência de um esquema coletivo que funciona como pressão, pois no seu processo de amadurecimento paira constantemente “a sombra ameaçadora da homofobia bloqueando o espaço livre de se desenvolver a sua verdade e imprimindo na pessoa homossexual sentimentos de culpa e inferioridade”. (LEERS; TRASFERETTI, 2002 p. 168).

Para que haja de fato uma libertação para os homossexuais é necessário a maioria heterossexual reconhecer que ela não é hegemônica e promover o reconhecimento da igualdade e liberdade abrindo espaço social para que os homossexuais possam se fazer livre com seu modo de ser. Mas para que possa acontecer uma verdadeira conversão e uma mudança radical, é necessário que os próprios homossexuais assumam o processo de libertação com voz própria. Para Leers e Trasferetti:

Essa é a forma de conversão pela qual os dois grupos se aproximam e participam do processo histórico acidentado de libertação que em Cristo Jesus começou definitivamente. Cada um há de levar seu próprio fardo certamente, mas juntos hão de carregar os fardos uns dos outros para banirem a discriminação e construir uma sociedade realmente fraterna. (LEERS;TRASFERETTI, 2002, p 167).

A conversão faz parte integrante da caminhada de fé dos cristãos, reconciliados em Cristo, e na sua peregrinação o cristão ouve a palavra amor, mas é necessário que a sua prática funcione, pois ela ainda não chegou a perfeição desejada, com isso, a solução ética está na eliminação da discriminação contra os homossexuais que exige da parte dos agentes morais um processo de dupla conversão que leva o homem a se libertar, segundo Bernardino Leers essa conversão tem uma mão dupla em que:

A grande maioria discriminadora dos heterossexuais que, em toda sua variedade, se acha a normalidade e mantém o monopólio da norma ética, há de descer deste trono imaginário e instalar sua vida no nível igual de todas as pessoas humanas e seus direitos fundamentais iguais. Doutro lado, a opressão é exclusão em que os homossexuais estão presos, com poucas exceções de deixar seu gueto, libertando-se por um processo organizado de emancipação social, ocupar seu justo lugar na construção de uma sociedade fraterna e enfrentar as resistências tradicionais contra a sua presença e colaboração na edificação mútua de que fala o apóstolo São Paulo. (LEERS, 2002, p. 573).

Porém, os dois processos de conversão não são sem riscos, pois temos uma história longa de tradição fixadas em séculos de antagonismos cultural que é cercada de muitos preconceitos de ambos os lados, e no processo libertador o passado se apresenta como uma espécie de cola que segura as pessoas em seus conservadorismo ético e moral cegando as pessoas e deixando-as na posição de sempre, sem o avanço necessário, isso acontece tanto na posição do domínio quanto no da submissão. “A arvore grande não cai porque uma só pessoa tenta sacudi-la”. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 167).

A religião cristã no processo de libertação do homossexual desempenha um papel importante, não só para os que professam a fé, mas também para toda a sociedade ocidental, que é influenciada pela cultura judaico-cristã. Na vida pessoal de um homossexual a religião pode desempenhar um papel positivo de animação e acolhimento da pessoa na sua inteireza, ou poderá desempenhar um papel negativo provocando o afastamento, o medo e o ódio.

Este segundo aspecto parece prevalecer na religião cristã, talvez não com a mesma intensidade do passado, mas fato é que ainda hoje a sua inserção na comunidade aparece como estranheza, e para superá-la é necessário um grande talento artístico ou intelectual para desviar a atenção curiosa pelo fato de ser homossexual. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 170).

O fato da religião cristã em sua pluralidade de denominações apresentarem uma via de mão dupla provoca o medo e a insegurança no homossexual levando a optar pela

fuga e até certa agressividade de ambos os lados, isto é, vira um jogo de empurra colocando sempre a culpa no outro, em vez de reconhecer sua própria fraqueza e assumir os riscos do encontro. Se de um lado temos o homossexual que busca o seu espaço, do outro assistimos o rigor institucional com normas já constituídas. Muitos vezes é mais fácil para o homossexual se esconder e refugiar do que assumir sua identidade num contexto eclesial que não o aceita na sua constituição o que leva a uma possível fobia. Segundo Bernardino Leers:

Na vaga nuvem sócio-cultural da fobia e agressão, da qual todos participam e na qual todos se formam pelo jogo de apelo e resposta, processa-se constantemente a falsificação do outro, ambos são o que não querem ser e querem ser o que não são, com ou sem boa vontade de abrir-se um ao outro. Éticas idealistas costumam esgrimir com grandes palavras: liberdade, igualdade, justiça, participação, fraternidade, como se a vida humana fosse um espetáculo pirotécnico em dia de festa. Na realidade porém, a admiração das alturas passa com a rapidez da festa; talvez sirva para reanimar o público, levando-o a ultrapassar a dureza do cotidiano, em que toda luz é acompanhada pela sua sombra. (LEERS, 2010, p. 354).

No interior das igrejas cristãs os homossexuais são vítimas de desprezo, zombaria, desespero, sofrida nas mãos de “cristãos”, o que causa desilusão e fortalece o senso de isolamento e exílio, sentindo-se rejeitados em sua igreja e com isso fixa em si a imagem de um “deus cruel que castiga e abandona no deserto a ovelha perdida”. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 170). E com isso a igreja que deveria dar testemunho do amor e da compaixão, acaba por apartar muitas vezes pessoas com grande potenciais e virtudes evangélicas.

A libertação dos homossexuais no seio da igreja cristã ainda será um caminho longo, por causa da persistência das forças socioculturais estabelecida no ocidente com forte influência de uma moral casuística e conservadora que dominam e impedem um caminho mais brando no processo de libertação homossexual. O caminho a percorrer é o de um diálogo franco, que talvez possa transcender à dicotomia secular entre a objetividade da verdade, da norma, e a subjetividade das consciências. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 186).

Partindo da visão ética e moral de Bernardino Leers, a norma moral como expressão da verdade é mais do que meio de organizar a sociedade e controlá-la ela deve constituir-se como objeto de procura de qualquer pessoa sincera que busca a convivência na liberdade e na igualdade.

Para a eficiência desse diálogo com as autoridades das igrejas se faz necessário uma atitude por parte dos homossexuais de estabelecerem um projeto de vida que combinem sua caminhada de fé com uma fidelidade ao projeto de Jesus, com o imperativo de amar e se tornar responsável, e por parte da igreja é urgente uma revisão e superação do legalismo distante e impessoal e promover a descoberta da humanidade do outro, com a consciência de que estamos todos a caminho de uma verdadeira humanização. Segundo Bernardino Leers e José Trasferetti:

Em caminho para a humanização, a pessoa é mais importante do que a forma específica de sua orientação sexual, embora seja essa um elemento indispensável na construção de sua rede de relações e de suas amizades. Somente numa esfera de mútuo respeito e liberdade de expressão, baseados no reconhecimento do outro em sua alteridade singular é que pessoas se desenvolvem pela troca de serviços para participantes responsáveis da sociedade. Assim a tendência de se esconder e se mascarar perderá sua força tentadora. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 189).

O diálogo só é possível em uma dupla direção onde o autoritarismo do poder não funciona, pois poder e diálogo não combinam. O primeiro é simbolizado pela mesa redonda, onde há um jogo entre iguais, já o símbolo do poder é o trono que usa de uma via única, especialmente quando está fundamentado numa tradição secular. Na contemporaneidade, no entanto é visível o crescimento de uma nova consciência dos homossexuais que buscam o reconhecimento provocando uma discussão ética cada vez mais fortalecida, demonstrando com auxílio de diversas áreas científicas que as interpretações antigas da sexualidade já não convencem mais. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 189).

Enfim, libertação é ação para alcançar a liberdade, e exige luta, organização, diálogo perseverança e firme esperança valorizando sempre a comunhão e a participação como elementos substanciais para a cultura religiosa. A comunhão demonstra a semelhança e aproxima os diferentes constituindo uma cultura de justiça e paz. A participação é a contribuição diferenciada da diversidade de talentos, dons e carismas que cada um tem a oferecer para a construção de uma humanidade cada vez mais próxima da perfeição, é o colocarem-se a serviço uns dos outros.

As igrejas apesar de inúmeros esforços continuam ainda a estranharem e marginalizarem os homossexuais juntamente com a sociedade global. Não estaria na hora de inverter a situação? Ou seja, no lugar de excluí-los e silenciá-los dentro das comunidades cristãs, escutá-los? “Não é direito dos homossexuais se formarem e

verbalizarem a própria maneira de viverem sua realidade e contribuir de seu jeito e sua experiência ao bem comum em processo?” (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 191).

A história do passado conhece fatos e mais fatos de que o discurso ético é mais fácil e custa menos tempo e energia do que a realização, ou, ao menos a aproximação dos ideais e valores humanos sonhados e projetados no firmamento. Especialmente tratando-se de complexos culturais de longa data, que se fixaram na subconsciência coletiva e na linguagem comum e estão ligados às penumbras e ansiedades de cada um, ninguém pode esperar milagres. (LEERS, 2010, p. 354).

E assim caminha a humanidade, esperançosa, sempre para frente, tentando vencer os obstáculos da própria angústia e insegurança existencial, e no meio dessa humanidade que caminha está os homossexuais como novos sujeitos produtivos de uma normatividade ética que através da fé encontram fundamento para sua coragem e perseverança na palavra de vida. A comunhão com Deus em Cristo na convivência entre irmãos em profunda comunhão há de fundamentar constantemente o processo ético e moral de libertação responsável.

4.5 Pontos e contrapontos: a (im)possibilidade de diálogo entre homossexuais e estruturas eclesiais

O tema da homossexualidade no interior das estruturas eclesiais é cercado por uma nuvem de condenação e insegurança. Este tema é sempre acompanhado de uma agressividade que dificulta um diálogo com objetividade serena, isto porque ela é fruto de uma longa data de tradição judaica e cristã que domina o imaginário ocidental. Porém, nos últimos decênios essa discussão vem ganhando espaço desencadeando em dois fenômenos consideráveis, o primeiro é a onda de movimentos de emancipação, como vimos anteriormente, na sociedade e no interior das igrejas cristãs, e o outro é que aparece uma onda de nova tolerância social.

Desde a década de 70 as igrejas começam a discutir mais sobre a realidade dos homossexuais, depois de comprovada a sua existência para além das categorias de pecado, perversão, distúrbio, doença e crime. Isto é, o avanço nas pesquisas científica de certa forma obrigou as próprias instituições a reverem o significado atribuído à homossexualidade.

O que assistimos então em relação à presença dos homossexuais na sociedade e nas comunidades religiosas cristãs é uma força antagônica, que vai desde a reafirmação

da homossexualidade como doença e pecado até a realização de cerimônia religiosa de “casamentos” ou bênçãos ministradas a casais de pessoas do mesmo sexo.

Estes novos discursos, seja de recriminação ou aprovação as relações homossexuais, aparecem desde a mais tradicional cultura católica até as comunidades cristãs com fundação mais recentes. É importante ressaltar que há uma diferença entre a posição pessoal de algumas lideranças e a posição oficial das instituições, mas o fato é, que de uma forma ou de outra estes argumentos estão presente, o que torna impossível uma afirmação generalizada seja em que igreja for, com exceção das igrejas inclusivas, que foram fundadas a partir da aceitação da homossexualidade como uma identidade pessoal e imutável.

As visões da homossexualidade são múltiplas, tanto quanto são múltiplas as denominações cristãs, mas certo é que os grupos pentecostais e neopentecostais são os mais contundentes em relação a repulsa aos homossexuais, inclusive criando grupos religiosos como o “Movimento pela Sexualidade Sadia (MOSES), o “Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC) e a “Associação Brasileira de Apoio a Pessoas que Voluntariamente Desejam Deixar a Homossexualidade” (ABRACEH)¹⁷. (NATIVIDADE, 2006, p. 116).

No entanto, apesar das diversas maneiras de enxergarem a homossexualidade, duas perspectivas sobressaem de maneira radicalmente diferente. Segundo Farris:

Uma perspectiva rejeita a homossexualidade como sendo antibíblico, contra a ética cristã fundamental e uma forma antinatural da expressão sexual humana. Uma segunda perspectiva ampla baseia-se na desconstrução, ou leitura crítica de textos bíblicos e uma ética cristã que inclui a homossexualidade como possível expressão válida da sexualidade humana. Há pouco ou nenhum diálogo entre as duas perspectivas. (FARRIS, 2003, p. 161 – 162).

Na visão das igrejas evangélicas sobressai a primeira perspectiva caracterizando a homossexualidade como vida pregressa associada um comportamento desordenado, imoral e que conduz ao sofrimento, e assim muitas dessas denominações propõe a cura e a libertação do “pecado da homossexualidade” transformando-o na “benção da heterossexualidade” por meio do casamento com pessoas do sexo oposto e constituindo

¹⁷Estes grupos são formados por pessoas de diferentes denominações evangélicas com posicionamento relativamente consensual sobre o pecado da homossexualidade.

família, apresentando que a homossexualidade é decorrente de três aspectos: 1) trata-se de um comportamento aprendido; 2) de um problema espiritual; 3) é uma antinatureza. (NATIVIDADE, 2006, p. 118).

No que diz respeito ao aspecto espiritual, muitas igrejas acredita que ela é causada pela prática ou adesão a ritual e crenças não evangélicas, que podem ser inspiradora do comportamento homossexual, levando a promiscuidade e a perversão, acreditando inclusive que há demônios cuja atividade específica é provocar esse tipo de distorção nos seres humanos, e acreditam ainda que, no ambiente religioso que os demônios são sexualmente transmissíveis, neste sentido o pecado do homossexualismo deve ser evitado para acontecer à proliferação e infestação do espírito maligno. (NATIVIDADE, 2006, p. 119).

Na igreja batista, é homem e mulher, não existe LGBT, isso é coisa satânica, você precisa se libertar, precisa se curar, curar a alma, isso é porque você teve experiência de um estupro, ou porque sua mãe desejou uma menina, são vários conceitos que eles trabalham, e eu enveredo nisso aí de cabeça, adquiri o habito de toda sexta feira fazer vigília, fazer campanha de libertação toda quarta feira, participei do ministério de libertação, aprendi o processo de como lidar com a libertação, seria mais ou menos o que a igreja católica chama de exorcismo, como a libertação não resolveu eu fui para a cura interior que era uma mistura de psicanálise com terapia com hipnose, com religião, com regressão, voltando até a barriga da mãe, acredito até ser bem delicada essa questão, e nada disso resolveu. (Paola 27 anos)¹⁸

Em consequência dessa visão de origem da homossexualidade fundada em fatores ambientais ou espirituais e externos à própria pessoa, é que vai embasar o controle das condutas sexuais pela promessa de reversão da homossexualidade, entendida como libertação, o problema é que ser livre no contexto evangélico, sobretudo pentecostal, não significa seguir os impulsos e desejos individuais, mas ao contrário viver a palavra, segundo a ética e as determinações de Deus por intermédio da igreja, ou seja, a individualidade da pessoa não é considerada.

A última igreja que eu participei como membro foi a igreja do Evangelho Quadrangular, mas depois que eu me assumi homossexual para os amigos nessa igreja jamais eu freqüentaria, não tenho prazer nenhum, nem sinto a presença de Deus, acho. Depois eu passei a freqüentar a Batista da Lagoinha. Essas duas igrejas dizem que aceita o homossexual, mas que eles podem ser curados, eu já não penso

¹⁸ O caso Paola foi uma exceção, pois não se trata de homossexualidade em si, pois ela é uma transsexual.

assim. Eles acham que o homossexual ao entrar para igreja deve passar por tipo um tratamento, como se tivesse doente mesmo, aí vai para um grupo de oração, e aí as pessoas oram por ele e começam a fazer coisas que acham que a pessoa vai deixar de desgostar de pessoas do mesmo sexo. (Blue 23 anos)

No contexto evangélico a perspectiva de libertação do homossexual é totalmente oposta à preconizada por Bernardino Leers ele entende a libertação do homossexual como um assumir-se constitutivamente e com isso superar a culpabilidade promovendo a partir de si mesmo uma integração e participação em pé de igualdade com os heterossexuais (LEERS, 2010, p. 353). Por outro lado na visão evangélica a libertação está relacionada a uma possessão e enseja uma pratica ritual para a expulsão do mal, ou a libertação significa ainda uma reabilitação à normatividade heterossexual. (NATIVIDADE, 2006, p. 123).

Há, porém igrejas mais discretas em seus posicionamentos diante das pessoas homossexuais, afirmando sempre que estes são bem vindos ao seio de suas comunidades eclesiais. Essas denominações normalmente são mais abertas às evidências científicas e as necessidades dos homossexuais de serem acolhidos, porém entendem a prática homossexual como pecado, mesmo reconhecendo que não se trata de uma escolha intencional, assim assumem a postura de “acolher o pecador e rejeitar o pecado”. (FARRIS, 2003, p. 169).

Dentro das igrejas protestantes chamadas históricas¹⁹, a questão da homossexualidade não é um assunto tranquilo, causando muitas vezes incômodo e conflitos internos. Segundo Brakmeier, confrontam-se nessas igrejas duas concepções antagônicas:

Homossexualidade é nada inato ou pré-fixado, portanto não faz parte da constituição do ser humano. Muito pelo contrário, seria uma opção capaz de ser alterada mediante tratamento ou esforço próprio. Não se submeter a tal tratamento seria agir culposos [...] a outra posição defende a homossexualidade como algo absolutamente normal, sempre existente na história da humanidade. Tratar-se-ia de uma pré-disposição da pessoa, impossível de ser corrigida. Nessa perspectiva, não há nada de detestável nas relações homossexuais [...] reivindicam tais grupos, enquanto cristãos, o livre acesso ao ministério da Igreja e a bênção matrimonial das parcerias do mesmo sexo. Lutam pelo fim de toda e qualquer discriminação na Igreja e sociedade. (BRAKMEIER, 1998)²⁰.

¹⁹ Estou considerando Igrejas históricas àquelas surgidas a partir da reforma protestante do século XVI.

²⁰ Palestra proferida na semana teológica da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo RS em 1998.

Na Dinamarca, a Igreja Luterana é tida como igreja oficial, e lá, por influência do parlamento que concedeu a uniões homossexuais as mesmas prerrogativas legais do matrimônio heterossexual. Esta decisão acabou por colocar a igreja em nova situação, levando os bispos luteranos a decidirem em 1997 concordar com que as pessoas homossexuais recebessem uma benção de suas parcerias. (BRAKMEIER, 1998) ²¹.

Na Brasil, porém, esta tolerância por parte da igreja Luterana ainda está muito longe de ser alcançada, pois a Igreja Evangélica Luterana no Brasil atendendo ao disposto em parecer da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da 57ª Convenção nacional declara que:

1) A IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL crê e confessa que a sexualidade é um dom de Deus, destinado por Deus para ser vivido entre um homem e uma mulher dentro do casamento. 2) A IELB crê e confessa que o homossexual é amado por Deus como são amadas por Deus todas as suas criaturas. 3) Em amando todas as pessoas também o homossexual, Deus não anula o propósito da sua criação. 4) Por esta razão, a igreja, em acordo com a Sagrada Escritura, denuncia na homossexualidade um desvio do propósito criador de Deus, fruto da corrupção humana que degrada a pessoa e transgride a vontade de Deus expressa na Bíblia [...] 5) Porque a homossexualidade transgride a vontade de Deus e porque Deus enviou a Igreja a levar Cristo Para Todos, a Igreja se compromete a encaminhar o homossexual dentro do que preceitua o amor cristão e na sua competência de igreja visando que as pessoas vivam vida feliz e agradável a Deus; Mateus 19,5 “... Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”. 6) A IELB, repudiando qualquer forma de discriminação, deve estar ao lado também das pessoas de comportamento homossexual, para lhes dar o apoio necessário e possam vir a ter a força para viver vida agradável a Deus. 7) Diante disto repudiamos a ideia de se conceder à união entre homossexuais o caráter de matrimônio legítimo porque contraria a vontade expressa de Deus e dificulta, se não impossibilita, a oportunidade de tais pessoas revisarem suas opções e comportamento. 8) Repudiamos também, por consequência, a hipótese de ser dado a um casal homossexual a adoção e guarda de crianças como filhos porque entre outros prejuízos de formação, formará na criança uma visão distorcida da sua própria natureza. Fiéis ao nosso lema CRISTO PARA TODOS ensinamos que a igreja renova também o seu compromisso de receber pessoas homossexuais no amor de Cristo visando que a fé em Jesus as transforme para a nova vida da qual Deus se agrada. (KOPERECK, 2011) ²².

A posição da Igreja Metodista não se distancia dessa visão da homossexualidade. Em abril de 2000, os bispos dessa igreja escreveram uma carta com o objetivo de orientar e oferecer a posição dessa igreja aos seus fiéis e como eles devem agir pastoralmente. Segue as orientações propostas pelos bispos nesta carta:

²¹ Palestra proferida na semana teológica da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo RS em 1998.

²² Em nome da Igreja Evangélica Luterana do Brasil o Rev. Egon Kopereck apresentou essa manifestação sobre a homossexualidade.

a) Primeiramente, vale a frase, nós abominamos o pecado, mas devemos exercer amor semelhante ao de Jesus, para com todos os pecadores. Sobre hipótese alguma devemos ter uma atitude preconceituosa e discriminatória em relação aos homossexuais. São pessoas carentes de respeito e amor; b) Não devemos considerar os homossexuais mais pecadores do que alguns que estão dentro da igreja, que são mentirosos, maldizentes, injustos, como bem classificou o Apóstolo Paulo (I Co 6.9-10). A Igreja tem a tendência de considerar um/a adúltero/a um/a pecador/a mais aceitável do que um homossexual; c) Por outro lado, não devemos deixar de dizer ao pecador, seja ele um homossexual ou não: "... porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 6.23), abordando a graça de Deus para com todos/as os/as pecadores/as; Finalmente, o homossexual é, em muitos casos, uma tendência de ordem orgânica e/ou emocional, também, e como tal deve ser considerada. Ter homossexualidade não é pecado em si mesmo, o pecado é a prática desta tendência. A Igreja pode e deve contribuir para a reversão desta tendência da homossexualidade, por ser ela contrária ao padrão bíblico cristão da moral. Estas são as nossas preocupações e orientações pastorais como Bispos da Igreja Metodista, as quais repartimos com a Igreja para auxiliar na caminhada missionária. Orando por todos vós. (IGREJA METODISTA, 2000)²³.

Dentre as igrejas históricas no Brasil, a Igreja Episcopal Anglicana é a que apresenta uma visão mais aberta e uma maior aceitação dos homossexuais. Esta igreja realizou em 2001 a primeira consulta nacional sobre sexualidade, quando seus membros decidiram rejeitar o princípio da exclusão, implícito na ética do pecado e da impureza, e declarando publicamente em favor da inclusividade como essência do mistério encarnado de Jesus, e surpreendeu mais ainda em maio de 2011 divulgando uma carta de apoio à decisão do Supremo Tribunal Federal de permitir a união civil entre pessoas do mesmo sexo, baseados não só na defesa da separação entre Estado e Igreja como no reconhecimento de que as relações homossexuais são parte do jeito de ser da sociedade e do ser humano. (MARCON, 2011)²⁴. Segundo o bispo primaz da Igreja Anglicana no Brasil, Dom Maurício Andrade:

Orientação sexual não é o que vai definir a nossa salvação. É muito provável que as pessoas homoafetivas fossem acolhidas por Jesus. O Evangelho que ele pregou foi de contracultura e inclusão dos marginalizados [...] Jesus inaugura o momento da graça, os Evangelhos atualizam vários trechos do Velho Testamento. Ou alguém pode imaginar apedrejar pessoas hoje? [...] Quem interpreta que a Bíblia condena a homoafetividade está literalista. Cada texto bíblico está inserido num contexto político, histórico e cultural, não pode ser transportado automaticamente para os dias de hoje. Além disso,

²³ Assinam esta carta os seguintes bispos da Igreja Metodista: Paulo Tarso de Oliveira Lockmann, Rozalino Domingos, Adolfo Evaristo de Souza, Josué Adam Lazier, João Alves de Oliveira Filho, João Carlos Lopes, Adriel de Souza Maia e David Ponciano Dias. A carta pode ser encontrada na íntegra no site oficial da Igreja: www.metodista.org.br.

²⁴ Disponível em [http://www.cartacapital.com.br/sociedade/ser-gay-e-pecado/Fé e sexu 11.11.2011](http://www.cartacapital.com.br/sociedade/ser-gay-e-pecado/Fé_e_sexu_11.11.2011) 11:40 Ser gay é pecado?

a Igreja tem de dar resposta aos anseios da sociedade, senão estaremos falando com nós mesmos. (ANDRADE, 2009)²⁵.

Temos ainda como referência de abertura desta Igreja aos homossexuais, a palavra do também anglicano Desmond Tutu, que afirma que a perseguição contra os homossexuais é uma das maiores injustiças do mundo atual, comparável inclusive à apartheid contra o qual lutou na África do Sul, assim ele escreveu:

O Jesus que adoro provavelmente não colabora com os que vilipendiam e perseguem uma minoria já oprimida. Todo ser humano é precioso. Somos todos parte da família de Deus. Mas no mundo inteiro, lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros são perseguidos. Nós as rejeitamos (as pessoas homófilas), nós as tratamos como párias e as empurramos para fora das nossas comunidades, negando assim as consequências de seu e de nosso batismo. Nós as fazemos duvidar de que são filhos de Deus, e isto é quase a mais pesada blasfêmia. Nós as envergonhamos em razão de algo pelo que, como mais e mais se evidencia, pouco podem fazer. (TUTU, 2006).²⁶

A Igreja Católica Romana, talvez seja a que tem maior influência no cenário religioso brasileiro, apresenta mais argumentos contra os homossexuais do que pontos a favor. De um lado temos grandes nomes de teólogos moralistas que com a ajuda das demais ciências humanas vem demonstrando uma abertura para a questão homossexual, No Brasil Bernardino Leers foi um precursor, seguido por Trasferetti que organizou a Pastoral com Homossexuais no Brasil, podemos destacar ainda Marciano Vidal, E. Azpitarte dentre outros. Mas por outro lado temos o magistério da Igreja que tem sua posição contundente e fechada para o diálogo aberto com os homossexuais.

A Igreja Católica tem um diferencial em sua base para a condenação da homossexualidade em relação aos protestantes e evangélicos, enquanto, ela não busca sua fundamentação especificamente na bíblia, mas é refletida a partir da concepção do que é natural e antinatural. Vale lembrar que o termo natureza não traz um significado tranquilo, a sua complexidade é tanto quanto o próprio significado de homossexualidade (TORRES, 2006, p. 144). Com essa ideia o sexo é visto com o único objetivo, a procriação, que não é uma justificação doutrinária fundada na bíblia, mas na verdade provem de tendências pagãs que chegou até os cristãos por meio de Agostinho. (VIDAL, 2008, p. 39).

²⁵ Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/ser-gay-e-pecado/Fé e sexo 11.11.2011 11:40 Ser gay é pecado?>

²⁶ Disponível em http://www.religioustolerance.org/hom_ang.htm.

O cristianismo foi influenciado na sua construção dogmática e moral pelo helenismo e judaísmo e contou ainda com uma forte contribuição do estoicismo, o que explica uma austeridade de vida no interior da igreja, (TORRES, 2006, p. 145), e nos primeiros séculos da igreja ele se tornou a filosofia dominante exaltando o amor e defendendo o valor do matrimônio. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 80). Estabelecendo assim a visão unilateral da sexualidade, tendo a procriação como finalidade exclusiva. (VIDAL, 2008, p. 38). Com isso “a noção de família foi uma constante nos documentos que definia a moral sexual católica. A homossexualidade era um dos elementos que orbitava ao redor das articulações feitas através da noção de família”. (TORRES, 2006, p. 151).

A Congregação Para a Doutrina da Fé (CPDF), lançou uma declaração sobre questões de ética sexual em 1975, que traz de forma categórica a impossibilidade de aceitar a prática homossexual, assinalando-a inclusive como anomalia.

Hoje, contra o constante ensinamento do Magistério e o senso moral do povo cristão, alguns vieram, com base em observações de natureza psicológica, a julgar com indulgência, e até mesmo a desculpa completamente, as relações homossexuais em alguns assuntos. Eles fazem uma distinção - e ao que parece, e muito justamente - entre homossexuais cuja tendência a partir de uma educação distorcida, falta de desenvolvimento sexual normal, um hábito, um mau exemplo ou outras causas semelhantes é transitória ou pelo menos não incuráveis, e homossexuais que são definitivamente como uma espécie de instinto inato ou de constituição patológica considerada incurável. Agora, quanto a esta segunda categoria de questões, alguns concluem que a tendência é tão natural que deve ser considerado como justificativa para eles, ter relações sexuais em uma sincera comunhão de vida e de amor semelhante ao casamento, como eles se sentem incapazes de suportar uma vida solitária. Curso na atividade pastoral, estes homossexuais devem ser aceitos com o entendimento e sustentada na esperança de superar suas dificuldades pessoais e desajustamento social. Sua culpabilidade será julgada com prudência. Mas nenhum método pastoral que pode ser empregada, porque esses atos seriam estimados, de acordo com a condição dessas pessoas, dar-lhes uma justificação moral. De acordo com a ordem moral objetiva, as relações homossexuais são atos sem a sua regra essencial e indispensável. Eles são condenados na Escritura como graves depravações e até mesmo apresentada como uma consequência triste da rejeição de Deus. A decisão da Escritura não pode concluir que todos aqueles que sofrem desta anomalia é pessoalmente responsável, mas declara que os atos homossexuais são intrinsecamente desordenados e não podem em caso algum receber qualquer aprovação. (CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ, 1975, p. 4).

Esta é a única referência à homossexualidade na declaração, mas o suficiente para percebermos o sinal de impossibilidade de um relacionamento homossexual por parte do magistério da Igreja. Anterior a este documento é muito relevante perceber a visão da Igreja Católica Holandesa no polêmico Catecismo

Holandês de 1969, ele reconhece a falta de conhecimento e discussão franca sobre a homossexualidade, e apresenta um texto mais ameno do que o Catecismo Romano:

Há certo número de pessoas cuja erótica não se orienta para o outro sexo, mas para o sexo ao qual elas mesmas pertencem. A falta de discussão franca sobre o assunto fez surgir, em relação a elas, certas opiniões que, em sua generalidade, são injustas. O homem não possui a força de decidir por si mesmo sobre a tendência de sentir-se atraído ou não pelo outro sexo. Desconhece-se a origem da homossexualidade. Aquele que tem essa tendência é, muitas vezes, homem íntegro, que trabalha honestamente. Em solidão humana, deseja ele ou ela calorosa amizade. Mas mesmo quando ele ou ela encontra sincera e leal correspondência, nunca se lhe oferece perfeita realização de seus desejos [...]. Não se entenda mal que a Sagrada Escritura fale de modo muito severo sobre o contato genital homossexual (Gên 19; Rm 1). Não o faz para condenar certos homens, que sentem em si tal anomalia, sem culpa própria. Denuncia, com justo rigor, certa epidemia homossexual, que se tornara moda e que, ontem como hoje, pode estender-se também a muitos que normalmente se sentem atraídos pelo outro sexo. (CATECISMO HOLANDÊS, 1969, p. 444 – 445).

Em comparação à declaração da CPDF, o Catecismo Holandês abre uma perspectiva para a possibilidade de uma relação homossexual desde que não seja promíscua. É interessante perceber que quando o Catecismo Holandês cita as passagens bíblicas ele contextualiza e justifica o objetivo da condenação direcionando-a apenas para os abusos das relações, enquanto que as considerações recentes da CPDF são categóricas ao afirmar que a Sagrada Escritura condena como uma grave depravação, como podemos perceber nas Considerações sobre o projetos de reconhecimento legal para uniões entre pessoas do mesmo sexo de 2003:

Na Sagrada Escritura, as relações homossexuais “são condenadas como graves depravações... (cf. Rm 1, 24-27; 1 Cor 6, 10; 1 Tm 1, 10). Desse juízo da Escritura não se pode concluir que todos os que sofrem de semelhante anomalia sejam pessoalmente responsáveis por ela, mas nele se afirma que os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados”. Idêntico juízo moral se encontra em muitos escritores eclesiais dos primeiros séculos, e foi unanimemente aceite pela Tradição católica. (CONGREGAÇÃO PARA DOUTRINA DA FÉ, 2003, p. 2).

Essas considerações da CPDF é dirigida aos bispos e aos políticos católicos. Afirmando que os políticos católicos, não podem em hipótese alguma concordar com a união civil entre pessoas do mesmo sexo, seguindo assim a posição da igreja, o documento afirma ainda que a união homossexual é uma ameaça para a percepção dos valores morais fundamentais do matrimônio. As orientações para o comportamento dos políticos católicos perante as legislações favoráveis às uniões homossexuais são as seguintes:

Se todos os fiéis são obrigados a opor-se ao reconhecimento legal das uniões homossexuais, os políticos católicos são-no de modo especial, na linha da responsabilidade que lhes é própria. Na presença de projetos de lei favoráveis às uniões homossexuais, há que ter presentes as seguintes indicações éticas. No caso que se proponha pela primeira vez à Assembleia legislativa um projeto de lei favorável ao reconhecimento legal das uniões homossexuais, o parlamentar católico tem o dever moral de manifestar clara e publicamente o seu desacordo e votar contra esse projeto de lei. Conceder o sufrágio do próprio voto a um texto legislativo tão nocivo ao bem comum da sociedade é um ato gravemente imoral. No caso de o parlamentar católico se encontrar perante uma lei favorável às uniões homossexuais já em vigor, deve opor-se lhe, nos modos que lhe forem possíveis, e tornar conhecida a sua oposição: trata-se de um ato devido de testemunho da verdade. (CONGREGAÇÃO PARA DOUTRINA DA FÉ, 2003, p. 6).

E conclui assim esse documento:

A Igreja ensina que o respeito para com as pessoas homossexuais não pode levar, de modo nenhum, à aprovação do comportamento homossexual ou ao reconhecimento legal das uniões homossexuais. O bem comum exige que as leis reconheçam, favoreçam e proteja a união matrimonial como base da família, célula primária da sociedade. Reconhecer legalmente as uniões homossexuais ou equipará-las ao matrimônio significaria, não só aprovar um comportamento errado, com a consequência de convertê-lo num modelo para a sociedade atual, mas também ofuscar valores fundamentais que fazem parte do património comum da humanidade. A Igreja não pode abdicar de defender tais valores, para o bem dos homens e de toda a sociedade. (CONGREGAÇÃO PARA DOUTRINA DA FÉ, 2003, p. 6).

Segundo Natividade e Oliveira, essas visões conservadoras em confronto com a visibilidade e a articulação política de movimentos homossexuais ensejam justificações religiosas que podem desencadear em fontes legitimadoras de homofobia que não se limitam apenas no plano de documentos e manuais pastorais, pois elas podem atravessar a esfera do privado e emergir no espaço público, segundo os autores:

Ao apresentarem o *homossexualismo* como prática contingente e moralmente condenável, os discursos sustentados por seguimentos religiosos conservadores mais radicais subtraem a legitimidade às identidades LGBT e às reivindicações por cidadanias correlatas. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 8).

A força desses discursos conservadores das igrejas não impediu o surgimento de grupos e iniciativas pessoais de se imporem como iniciativas dissidentes no interior de suas próprias denominações guiadas por lideranças que flexibilizam as prescrições normativas das igrejas (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 8). Daí surge os grupos e movimentos de homossexuais cristãos, tanto católicos quanto evangélicos, e ainda a fundação de igrejas inclusivas, abrindo assim novas perspectivas para a confissão de fé dos homossexuais.

O processo discriminatório possui raízes complexas, tradicionais e profundas que se perdem na subconsciência coletiva de maneira que as tentativas de superação muitas vezes se concentram apenas nas superfícies da superação discriminatória podendo ocorrer o seu retorno diariamente, mas Bernardino Leers e Trasferetti afirmam que:

No entanto, a caminhada feita até aqui serviu para criar uma imagem mais precisa do complexo discriminatório que cerceia e obstaculiza a realização das pessoas homossexuais em caminho da liberdade. Uma ética que fica no idealismo puro é como uma estátua que surge na imaginação de um artista, mas não o leva a sujar as mãos pelo duro trabalho de libertar sua estátua do bloco de mármore em que está presa. Participando da realidade sociocultural dividida e identificada com as vítimas da opressão, a reflexão ética é capaz de projetar umas linhas mestras da transformação do relacionamento vertical e marginalizante presente na sociedade em claro prejuízo de uma minoria que merece outro “destino”. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 166).

4.6 Prática sexual entre homossexuais e a possibilidade de vivenciar a fé em comunhão

A homossexualidade já é entendida por algumas denominações cristãs como tendências inatas ou pelo menos imputáveis à própria pessoa, porém há uma repressão no que diz respeito às relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, o que vai acarretar num dilema na pessoa do homossexual, pois muitos deles não querem perder a sua fé, desejando encontrar nela uma motivação para a esperança e ajuda na construção de sua dignidade humana a partir dos princípios cristãos, ao mesmo tempo em que querem vivenciar sua vida afetiva através da relação com um parceiro, esse dilema pode encaminhar esses sujeitos a uma profunda neurose. (AZPITARTE, 1983, p. 361).

Surge assim uma série de questionamentos para a ética sexual cristã: será que não caberia a possibilidade de admitir como lícita uma relação homossexual pelo menos em determinadas situações e circunstâncias? Se determinadas pessoas são assim, porque não poderiam viver de acordo com sua inclinação? Será humano e cristão exigir um comportamento inatingível para tantos indivíduos?

Bernardino Leers demonstra que todo código de ética não cai do céu pronto, ele é fruto de longa caminhada, e questionam também se já não estaria na hora de pleitear uma norma ética a partir das experiências histórica dos homossexuais. Tendo como base que a ética parte de uma práxis humana como objeto de reflexão crítica, segundo ele a

ética cristã já tem elementos suficiente para repensar os relacionamentos homossexuais sem que isso acarrete na sua confessionalidade e vivência cristã: Segundo ele:

Normas éticas tradicionais não costumam cair do céu, mas são produto de longas experiências vividas, acumuladas em séculos, antes de se tornarem fórmulas institucionalizadas nos códigos morais de um povo, de uma religião. Embora fragmentária, a história da tradição judaica e cristã que coloca os fatos éticos em seu condicionamento contextual, fornece neste ponto material suficiente. Em função disso, a pergunta se põe; onde arranjar um “*ethos*”, uma práxis ética confiável, em que um código de normas afetivas e sexuais, sociais ou inter-relacionais possa embasar-se no caso dos homossexuais, dado o clima de opressão, condenação e, com isso, de falta de liberdade de viver que lhes marcou a vida até agora? [...] Já há condições no tempo presente para esboçar com certa segurança uma maneira de viver, um código normativo para os homossexuais, partindo do condicionamento próprio, peculiar, deles? (LEERS, 348-349).

Com toda a reflexão realizada nos diversos campos das ciências, e não é diferente no campo da ética e da moral, a pergunta já não é mais se é natural ou não natural, normal ou anormal, inato ou adquirido, o que se faz necessário no campo religioso é como lidar com a realidade já presente no interior das igrejas cristãs.

A prática sexual segundo Leers e Trasferetti, nem sempre segue regras estabelecida pela instituição eclesial, isto é, apesar da condenação constante das relações pré-matrimoniais não conseguem inibir ou até mesmo impedir a juventude de suas práticas sexuais, porém o grau de tolerância social é muito grande. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 179).

Todavia, com os homossexuais a situação é outra, pois eles não têm espaço na cultura para qualquer forma de expressão de afeto, carinho e erotismo, não há espaço para o seu desenvolvimento afetivo com seus parceiros de maneira pública, em consequência disso segundo Bernardino Leers e José Trasferetti:

São as trocas constante de companheiros sem sensibilidade profunda ou possibilidade de firmar uma amizade estável e a clandestinidade que tenta escapar ao controle social. Ele precisa de amigos, como qualquer ser humano, mas as reações da sociedade não lhes deixam condições favoráveis ao menos tolerante para aprofundar laços de amizade. De *amor amicitiae*, como o é o termo clássico. Se é capaz de desenvolver um sentimento de estranheza e insegurança diante de si mesmo, o homossexual, rejeitado pela discriminação social, fica mais frustrado ainda pela incapacidade de construir uma amizade²⁷ sincera, fiel e firme com um companheiro homossexual. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 179).

²⁷ Leers e Trasferetti utilizam o termo amizade para designar aqui o relacionamento de namoro, que nos manuais de moral geralmente é o termo utilizado para designar amizades particulares e para justificar os riscos e suspeitas de possíveis pecados. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 178).

As igrejas cristãs apresentam muitas ambivalências e contradições em suas atitudes, mescladas em diretrizes de tradição-novidade, conservadorismo-liberalidade e intolerância e apoio público. Mesmo com toda proibição e condenação aos atos homossexuais nos documentos eclesiais em função da lenta tradição, há novas formulações pastorais, ínfimas em comparação com as tradições multissecular, mas com grande importância para a esperança da verdadeira libertação dos homossexuais acontecerem. Segundo Leers e Trasferetti:

Talvez seja demais falar em um período de transição. Inegável é o fato que se sente movimento no bloco monolítico da condenação e discriminação de “sempre”. Muitas águas hão de passar ainda pelo “Velho Chico” para um novo discurso ético e uma nova práxis convivencial suplantarem as heranças residuais. (LEERS; TRASFERETTI, p. 177).

A conjugalidade homossexual segue caminho próprio, não podem ser uma paródia da vida matrimonial de um homem com uma mulher ou da imitação do macho ativo e a fêmea passiva (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 179), talvez essa seja a questão que causa tanta estranheza, pois a referência que a cultura cristã tem de longa data é justamente a ideia de conjugalidade entre homem e mulher, e assim nas relações entre pessoas do mesmo sexo algum deles deveria assumir o papel do sexo oposto. Nas entrevistas realizadas os próprios homossexuais tomam consciência dessa realidade.

Não sou a favor de um casamento religioso entre gays, por questão cultural, aceito e sou a favor da união civil, mas não vejo a necessidade de uma cerimônia matrimonial, talvez se houvesse uma benção mais discreta, o matrimônio eu acho um pouco pesado, vejo como uma agressão a fé, ou a doutrina sacramental da igreja. Não acredito que a igreja iria liberar um casamento, e mais a cobrança de fidelidade entre dois homossexuais seria maior do que a de um casal heterossexual. (Weverton 33 anos)

Acredito no casamento entre pessoas do mesmo sexo, na da mesma forma que o casamento hetero, acredito que há diferenças na forma de relacionar-se, mas na minha leitura bíblica o casamento é encontro de corpos, então não é a cerimônia que faz o casamento, por pensar assim acredito que os homossexuais também têm direito ao casamento, afinal sou igual a todos, pago o dízimo como qualquer outro fiel, dou minha contribuição humana da mesma forma que os outros, porque só o fato de eu gostar de pessoas do mesmo sexo me impede e beneficiar das bênçãos de Deus, acho que devemos ter tratamento igual e isso inclui o casamento, a benção divina no relacionamento.(Maik 29 anos)

Mas certo é que o relacionamento verdadeiro entre homossexuais tem sua força criativa e estimuladora para sua construção pessoal e social. A sua negação pelas igrejas cristãs podem levar muitas vezes o homossexual a se esconder e mascarar os seus

desejos e imaginações resultando em uma mentira existencial, uma antiverdade, que mesmo enganando outras pessoas ficaria a falsificação interna, provocando um sofrimento por segurar uma máscara e o medo de ser descoberto. Muitas vezes procura apresentar uma heterossexualidade sendo homossexual e fica preso a uma alienação comprometendo assim a sua personalidade em formação e coloca em risco a finalidade da existência humana e da própria ética, a sua felicidade e bem estar e o equilíbrio de um sonho irreal fora do alcance. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 177-178).

Para que o homossexual possa permanecer no ambiente cristão e assumam sua estrutura constitutivamente homossexual na afetividade e no relacionamento vivendo o evangelho e praticando o mandamento cristão por excelência “amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12), Bernardino Leers e José Trasferetti apresentam dois projetos de vida:

Um projeto programa uma vida humana, social e profissional, celibatária. Seguindo o exemplo de Jesus, o plano é abster-se de relações sexuais, disciplinar ao máximo sua imaginação e desejos homossexuais e cultivar o serviço do amor e a pureza de coração na convivência social e ambiente de trabalho. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 181).

Esta primeira proposta de projeto de vida cristã esconde as proibições normativas das igrejas cristãs, em que fundamentados nos ensinamentos de Jesus, fica relativizado o matrimônio e a família e exalta o amor como o ponto central da vida humana e da missão do cristão, neste aspecto todo e qualquer cristão devem viver intensamente com o Pai comum de todos. O segundo programa proposto por eles seguem a mesma proposta de amadurecimento para o amor, porem vai além do primeiro em um aspecto:

Visa firmar um relacionamento de amizade com um companheiro e deixa certa abertura de expressar a intimidade de amizade em trocas eróticas e sexuais. Aqui, no desenvolvimento da vida madura da fé cristã a corporeidade da pessoa, encarnada como é, desempenha um papel mais ativo e diferente, sendo meio de aproximação, encontro e divertimento lúdico que dão à criatividade humana um campo mais amplo do que normalmente conversas, trabalhos em conjunto ou mesmo convivência entre duas pessoas do mesmo sexo proporcionam. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 181).

Vale salientar a máxima anunciada por João em sua primeira carta afirmando que: “Todo aquele que ama é filho de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conheceu a Deus porque Deus é amor” (1Jo 4, 7-8). Assim fica lançada a proposta de

viver o amor, pois ele dá sabor a própria vida e viver sem ele seria não saborear quem é Deus que é amor.

O que há de comum nesses dois projetos de vida cristã para os homossexuais é que supera embora, de longe, a questão da atividade sexual desgastada nos discursos normativos, que prendia muito mais atenção na diferença dos desejos sexuais das pessoas humanas do que aquilo que elas apresentam de comum, isto é, a compreensão do universo humano, em atitudes e ideal. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 182).

Os homossexuais estão deixando de serem indivíduos estranhos, uma minoria oprimida e silenciosa, se apresentando cada vez mais com voz própria provocando uma mudança na reflexão moral, antes a discussão era sobre eles, atualmente elas se desenvolve com o homossexual, levando a própria igreja a descobrir que novos sujeitos que abrem perspectivas para uma ruptura com o passado, a participação dessas pessoas vem quebrar o monopólio tradicional que supõe em todas as pessoas humanas uma inclinação uniforme para o outro sexo, assim a presença de homossexuais nas igrejas e na sociedade não somente interroga ao lugar onipresente da procriação no sexo, mas interroga a própria estrutura da moral sexual tradicional. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 184).

Hoje eu deixo as coisas entrarem num ouvido e sair no outro, pelo fato de ter um conhecimento melhor da Bíblia, então o discurso muitas vezes não me atinge, mas me incomoda, fico chateado em saber que há pessoas por aí falando sem conhecimento, e sei de muitos que saem dos cultos super chateados. A igreja sabe da existência dos homossexuais lá, mas falam com muita cautela, justamente por saber da quantidade, isto é da proporção que há ali. Então eles não debatem abertamente, por que senão eles vão perder muitos fiéis. (Maik 29 anos)

A vida sexual de pessoas que tem a inclinação para o mesmo sexo não pode ser o impedimento para a vivência da fé cristã, ou seja, sua vida sexual não pode ser reprimida simplesmente ao mesmo tempo em que não pode se como simples prazer egoísta, o que vale também para heterossexuais. (AZPITARTE, 1983, p. 362). A prática da fé cristã ultrapassa as relações sexuais dentro de um contexto de integração e partilha mútua de sentimentos, a relevância está no verdadeiro amor cristão em construir uma humanidade justa, fraterna e igualitária.

Ao finalizar este capítulo percebemos a importância de Bernardino Leers para o discurso não só da ética sexual voltada para os homossexuais, mas também a possibilidade de um diálogo aberto em que as duas partes possam conviver sem preconceitos e evangélica harmonia, tendo sempre como foco principal a pessoa humana, de maneira especial aqui o homossexual. Bernardino Leers aponta de maneira fundamentada na práxis humana, para uma perspectiva nova e libertadora, não só para os homossexuais, mas para todos que professam a fé em Cristo, em que heterossexuais e homossexuais podem se integrarem de maneira pacífica de troca mútua, no entendimento mútuo na mesma fé cristã.

5 CONCLUSÃO

No primeiro capítulo da nossa dissertação apresentamos os aspectos históricos da prática homossexual, presentes nas diversas épocas e culturas. Em cada contexto ela recebeu uma concepção diferente, variando entre crime e pecado, sendo até mesmo considerada uma benção divina, ao ponto de se cultuar a figura de um homossexual como é o caso de Antínoo, amante do Imperador romano Adriano, que recebeu, muitas vezes, um culto oficial depois de sua morte precoce, como sendo o modelo de um amor verdadeiro (VEYNE, 2008, p. 232).

Na cultura Greco-romana, onde a prática da pederastia era muito comum, bem como o caso de relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, não podem ser consideradas como isentas de repressão e imaginá-las como paraíso e modelo de tolerância da homossexualidade, pois ela também tinha casos de condenação, embora não segundo a idéia da moral moderna. (VEYNE, 2008, p. 237).

No contexto bíblico-judaico não temos uma clareza de como era entendida a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo devido à escassez de textos claros sobre o assunto, o mesmo pode-se dizer da comunidade cristã primitiva, certo é que em ambos os contextos ela era uma realidade e que não estava distante da experiência dessas duas culturas.

O cristianismo nos primeiros séculos sustenta a ideia de natureza e o matrimônio heterossexual é elevado á categoria de sacramento, como único modelo válido de sexualidade e, juntamente com ele, vem à valorização da castidade celibatária, como forma sublime de vida, isto é, a renúncia de toda e qualquer forma de sexualidade.

Assim, resta ao comportamento homossexual a classificação de ato sexual contrário à ordem da natureza, já que segundo a ideia do sexo como natural, visava exclusivamente à procriação, demonstrando com isso a falta de conhecimento mais amplo não só da homossexualidade, mas da sexualidade em geral.

Uma nova compreensão em relação à homossexualidade acontece a partir do século XIX, em que a homossexualidade passa a ser encarada como uma enfermidade ou desvio, agora não mais numa categoria religiosa de pecado, mas ganha uma dimensão clínica, que apesar de muitas tentativas ainda não conseguiram dar uma resposta do que de fato venha a ser a homossexualidade. Apesar de diversas tentativas

da ciência de compreender a homossexualidade, esta ainda ficou como uma incógnita sem respostas convincentes.

No segundo capítulo foi trabalhado o conceito de ética, sexualidade, e homossexualidade entendendo que a vivência da sexualidade faz parte do processo da realização da pessoa humana. Tendo em vista, que a escolha do objeto sexual de um homossexual é tão variada quanto a de um heterossexual, não é possível afirmar uma causa única para homossexualidade, seja ela qual for psíquica ou física, sendo insatisfatório afirmar uma homogeneidade para as pessoas que sentem desejo por pessoas do mesmo sexo.

Apresentamos ainda algumas definições de homossexualidade levando-se em conta o seu contexto global. Em outras palavras, o ser humano deve ser visto como um ser total e não apenas voltado para o sentido sexual restrito, afinal o ser humano não se define apenas e somente a partir de sua forma de expressar sua sexualidade, ele é alguém completo, total e portador de desejos, vontades e não apenas uma forma de comportar-se sexualmente. (MENDES, 2008, p. 252). Além da individualidade dos desejos sexuais, a vivência da sexualidade tem sua influência externa isso é cultural. No que diz respeito à homossexualidade não é diferente, suas práticas variam muito de contexto e de cultura para cultura. (FRY; MACRAE, 1985, p. 15).

A partir desses pressupostos confeccionamos o terceiro capítulo, tendo em vista que o ser humano completo é construído também pelo contexto sociocultural, ideia que vai nortear o discurso ético da homossexualidade de Bernardino Leers, ou seja, não é possível encontrar uma única definição ou essência do ser homossexual. Para Bernardino Leers e Trasferetti, a dificuldade de se entender o desejo homossexual está no fato da sociedade se fixar sua conduta sexual a uma norma sócio cultural, não é levado muitas vezes em consideração de que a pessoa se torna e conseqüentemente seja homossexual não por ato de sua vontade ou esforço, mas, é uma descoberta geralmente desorientada e dolorosa pelo contexto sociocultural. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 131).

Desse modo, os autores afirmam que é preciso ver a ética sexual da pessoa no contexto de liberdade, e a norma moral não pode se reduzir a domesticação, nem se

tornar um meio de coação que desrespeita a liberdade da consciência, e isso inclui a moral cristã.

A homossexualidade não pode ser excluída simplesmente como algo a ser descartado no seio da cultura religiosa cristã vigente, que aplica norma específica impedindo as diversas tentativas sérias de renovar a moral clássica da sexualidade. O caminho apresentado por Bernardino Leers é o do diálogo aberto. Em seus trabalhos ele vem demonstrar que o problema da homossexualidade não pode ser reduzido a áreas de proibições como a masturbação autista, o sexo oral ou sexo anal simplesmente, mas ao contrário é preciso interrogar como um homossexual realizará sua sexualidade e se realizará cada vez mais em sua existência humana sexualizada e dotada de vontade própria, para além de desejo meramente pulsional.

Para Bernardino Leers e José Trasferetti, se a ética sexual cristã não permitiu ao heterossexual reconhecer um modelo válido para o homem diferente, ela deve aproveitar a presença dos homossexuais para que eles mesmos possam fornecer uma resposta moral que orientará a sua caminhada social e cristã. (LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 131).

É somente a partir desse reconhecimento do homossexual que se torna possível a formação de um ethos em liberdade de consciência superando o preconceito estabelecido, a marginalização e a ridicularização sociais que se firmaram como barreira inibidora de viver sua tendência, seus desejos e imaginações em liberdade criativa.

Bernardino Leers considera ainda, que diante da complexidade psicossocial profundamente arraigado na cultura histórica, não se pode esperar resultados de imediato. Para ele, é necessário um processo à longo prazo, a começar pelo esclarecimento da questão homossexual dentro de uma sociedade estabelecida numa mentalidade fixa da heteronormatividade e, a partir daí, estabelecer mudanças significativas. (LEERS, 2011, p, 213).

Numa cultura que se diz cristã por tradição, em que a esfera vivencial das pessoas se pauta pela vivência religiosa, a ideia de mudança ou de uma conversão ética para se chegar a uma reconciliação entre oprimidos e opressores, é necessário um processo de esvaziamento. Através da educação, no esquema dominante de valores, normas e tabus, muitos não se conscientizam das sombras morais, que giram em seu

entorno, de maneira que a possibilidade de mudança da moral religiosa se vê comprometida.

Segundo Bernardino Leers, faz-se necessário na convivência interna do cristianismo fazer valer a unidade no Espírito e nas celebrações comunitárias acabar com a distância que se formou entre alteridade homossexual e a alteridade heterossexual que domina a vida social dentro e fora das igrejas. Assim afirma ele:

Pois, não é a pluralidade na unidade, numa forma neutra que se manifesta, mas a distância vertical que condena os homos à marginalidade, desprezo e clandestinidade. Porque o desafio ético está embutido na cultura tradicional e não se resolve simplesmente no nível de pessoa a pessoa. Como no racismo é possível ser amigo de um homem de outra raça e, assim mesmo ser racista, também para com um homossexual alguém pode ter admiração e bom relacionamento, mas discriminar em geral os gays e acusá-los de espalhar a AIDS. (LEERS, 2002, p. 572).

O fato dos homossexuais se confessarem cristãos já está imbuídos neles não só a consciência moral que distingue o bem e o mal, como também a consciência de serem templos do Espírito Santo, segundo a expressão de São Paulo, e que assim poderá conhecer e experimentar a verdade revelada por Jesus Cristo. Somente através do diálogo aberto, que a reciprocidade das consciências morais estimulará a realização de um caminho de traduzir o Evangelho em vida e convivência de homossexuais entre si e com os outros, e cabe as autoridades eclesiais completar a obra ética. (LEERS, 2002, p. 575).

A autenticidade do homossexual deve prevalecer como primeira exigência ética seja para confirmar normas já existentes seja para criar um novo projeto de vida para homossexuais. A análise correta da experiência desempenha um papel importante na procura da verdade. A contribuição do discurso ético de Bernardino Leers vai justamente nessa direção, isto é, o relacionamento homossexual na sua autenticidade busca na aproximação do outro a afetividade, intimidade e acerto mútuo de interesses, ocupações e ideais, se o cristianismo impede essa evolução do homossexual cristão, ele o condiciona à promiscuidade de encontros passageiros, obstruindo qualquer estabilização de relação verdadeira.

É preciso reconhecer o homossexual com toda sua completude, uma vez que ele vivendo, sob pressão, pode tentar esconder e mascarar o que sente, gerando, assim, uma mentira existencial, uma falsificação interna ao apresentar o papel de um ego que ele

não é. A pessoa homossexual sofre pelo esforço de segurar a máscara e pelo medo de ser descoberto. Por outro lado, “bancando o heterossexual, sendo homo, conduz a pessoa a uma verdadeira alienação iminente e contorce a personalidade em formação de tal modo que a finalidade da existência humana ética, a felicidade, o bem-estar ficam um sonho irreal fora do alcance”. (LEERS, 2011, p. 220).

Assim, a confessionalidade cristã da pessoa constitutivamente homossexual ajudará não só às comunidades cristãs, mas toda a sociedade e se libertarem da pressão social. As aprendizagens primárias de uma normatividade heterossexual condicionam os homossexuais a ações impulsivas, de escapes e de “não aguentar mais” o sentimento de culpa, remorso e ansiedade que reduzem ou esgotam a capacidade pessoal de optar, decidir e realizar em liberdade.

Nos relatos colhidos para essa dissertação, é visível uma aclamação dos homossexuais pelo direito de serem incluídos na comunidade de fé, sem precisar esconder o que são, alimenta uma esperança de mudança e, por isso, permanecem presentes em comunidades cristãs. A história de cada um deles traz um histórico de preconceito e rejeição fundamentado em princípios religiosos que sobrepõe o princípio ético. A base das igrejas normalmente é a bíblia, através da contribuição de alguns homossexuais, que contaram sua experiência religiosa, na medida em que falta fundamentação das igrejas para tratarem a homossexualidade, justificando apenas através dos textos da bíblia sem contextualizá-los e afirmando ser doença espiritual, possessão demoníaca, desvio de conduta ou ainda uma escolha pessoal.

Através desses relatos podemos perceber que há uma preocupação mais de cunho espiritual, isto é de cura e de libertação do mal, do que propriamente um problema ético e moral. Ao contrário do que propõe Bernardino Leers, os entrevistados demonstram que não há um diálogo aberto com os homossexuais, tampouco há preocupação em dialogar com as ciências, que segundo Leers são indispensáveis para o problema ético dos homossexuais que é mais um problema dos heterossexuais que dominam os padrões culturais, as relações sociais e instituições tradicionais e religiosas. (LEERS, 2011, p. 210).

REFERÊNCIAS

- ALISON, James. Fé além do ressentimento: Fragmento católicos em voz gay. São Paulo: É realizações, 2010.
- ANDRADE, Marta Rodrigues de Moraes. Reivindicações dos homossexuais masculinos da época de ouro que não existe. 2009. 142f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de pós-graduação em Psicologia, Belo Horizonte.
- ANDRÈ, Sérgio. A impostura perversa. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- ANJOS, Márcio Fabri dos. Argumentos moral e aborto. São Paulo: Lyola, 1976.
- ARAN, Marcia. Novos Sujeitos Novos sujeitos: novos relacionamentos In: CAFÉ FILOSÓFICO, 2009, São Paulo, SP. **Subjetivações Contemporânea: Novas modalidades de sexualidade**, 2009. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/?s=Novos+Sujeitos%2C+novos+relacionamentos>. Acesso em: 20 set, 2010.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. São Paulo; Martin Claret, 2001.
- AZPITARTE, Eduardo Lopes. ética da sexualidade e do matrimônio. São Paulo: Paulus, 1997.
- BARBERO, Graciela Haydée. Erotismo em transformação: gay e lesbian studies e queer studies, surgidos nas universidades americanas, nos anos 80, apontam possibilidades de realização sexual e para diferentes formas de viver o prazer. **Revista de Psicologia, Psicanálise, Neurociências e Conhecimento**. São Paulo, v. 14, n. 165, p.53-58, out, 2006.
- BENETTI, Santos. Sexualidade e erotismo na bíblia. São Paulo: Paulinas, 1998.
- BÍBLIA. **Bíblia do Peregrino**: contendo o velho e o novo testamento. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOSWEL, John. Cristianismo, tolerancia y homosexualidad: los gays en Europa occidental desde el comienzo de la era Cristiana hasta el siglo XIV. Barcelona: Muchnik, 1998.
- BRAKEMEIER, Gottfried. Igrejas e homossexualidade: ensaio de um balanço. 1998. Disponível em http://www.swbrazil.anglican.org/Princ_textosmens.html. Acesso em 22 set. 2010.
- BURR, Chandler. Criação em separado: como biologia nos faz homo ou hetero. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- CAPELLANO, Luiz Carlos. Breve Histórico da Homossexualidade, 2009. Disponível em: <<http://homofobiabasta.wordpress.com/a-historia-da-homossexualidade/>>. Acesso em 15 jan. 2010.

CAPRIO, Frank S. *Alienação do comportamento sexual*. São Paulo: Ibrasa, 1965.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1993.

CATECISMO HOLANDÊS. São Paulo: Heder, 1969.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. **Revista Bagoas**. Natal, v.1, n. 2, p. 71-93, jan/jun, 2008.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (dê)sconhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais**. Roma: Vaticano, 2003.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Declaração pessoa humana: sobre certas questões de ética sexual**. Roma: Vaticano, 1975.

CORGOZINHO, Batistina M. de Souza; PEREIRA, Leonardo Lucas. *Escritos bernardinianos*. Belo Horizonte: O Lutador, 2011.

CORINO, Luiz Carlos Pinto. Homoerotismo na Grécia Antiga: homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades, **Revista Biblos**, Rio Grande, v 19 n. 1, p. 19-24, 2008

COSTA. J. F. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

COSTA. J. F. *A face e o verso: estudo sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta, 1995.

COZZENS. Donald. B. *A face mutante do sacerdócio*. São Paulo: Loyola, 2001.

DAGNESE, Napoleão. *Cidadania no armário: uma abordagem sócio-jurídica acerca da homossexualidade*. São Paulo: LTR, 2000.

DENNISTON, M. *Biologia y sociologia de La homosexualidad*. Barcelona: Fontanella, 1967.

DOURADO, Luiz Ângelo. *Homossexualidade e delinquência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

DOVER, K. J. *A homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

DOWSON, Thomas A "Os arqueólogos, as feministas, e Queers: política sexual na construção do passado". In: GELLER, Pamela L; STOCKETT, Miranda K. (Orgs). *Antropologia Feminista: Passado, Presente e Futuro*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2006. Cap. 4, p. 89-102.

DUMOULIÉ, Camille. *O desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.

EMPEREUR, James L. *Direção espiritual e homossexualidade*. São Paulo: Loyola, 2006.

FARIA, Jacir de Freitas. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos, poder e heresias: Introdução crítica e histórica da bíblia apócrifa do segundo testamento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

FARRIS, James. Homossexualidade: duas perspectivas cristãs. **Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião**, São Bernardo do Campo, v. 17, n. 24, p. 160-186, jun. 2003.

FERREIRA, Amauri Carlos; Pereira, Leonardo Lucas. A morada da moral no pensamento de frei Bernardino Leers: a pessoa. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 44, n. 122, p. 101-124, jan/abe, 2012.

FISCHER, André. *Como o mundo virou gay? Crônicas sobre a nova ordem sexual*. São Paulo: Ediouro, 2008.

FONSECA, José Júlio de Andrade. *As bases naturais da sexualidade humana: um estudo a partir de Freud, Darwin e da antropologia cultural*. Belo Horizonte: Coopmed, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Abril Cultural-brasiliense, 1985.

GAFO, Javier. *Biologia da homossexualidade humana*. In: VIDAL, Marciano. (Org). *Homossexualidade: ciência e consciência*. São Paulo: Loyola, 1985. Cap. 2, p. 17-30.

GREEN, James. *Mais amor e mais tesão: história da homossexualidade no Brasil*, **Revista da Universidade Estadual de São Paulo**, São Paulo, v. 1, n. 8, p. 149-166, 2000.

GUIMARÃES, Carmen Dora. O homossexual visto por entendidos. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HART, J; RICHARDSON, D. (Orgs). Teoria e Prática da homossexualidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HEILBORN, Maria Luiza. (Org). Sexualidade, o olhar das ciências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza. Dois é par. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. Sexualidade no mundo contemporâneo. In: CAFÉ FILOSÓFICO, 2009, São Paulo, SP. **Invenção do Contemporâneo: Sexo**, 2009. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/2009/12/09/integra-sexualidades-no-mundo-contemporaneo-maria-luiza-heilborn/>. Acesso em: 20 set, 2010.

HELMINIAK, Daniel A. O que a bíblia realmente diz sobre a homossexualidade. São Paulo: Summos, 1998.

HOCQUENGHEM, G. A contestação homossexual. São Paulo: Brasiliense, 1980.

HOPCKER, R.H. Jung, junguianos e a homossexualidade. São Paulo: Siciliano, 1993.

JACKSON, Graham. Os mistérios da sala de estar: padrões de relacionamentos masculinos. São Paulo: Paulus, 1996.

JOSAPHAT, Carlos. Ética mundial: esperança da humanidade globalizada. Petrópolis: Vozes, 2010.

JUNG, Patrícia Beattie; CORAY, Joseph Andrew. (Orgs). Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral. São Paulo: Loyola, 2005.

JÚNIOR, Oto. Frei Bernardino e o diálogo com o mundo Rural. In: LEERS, Bernardino. Em Plena Liberdade. Belo Horizonte: O Lutador, 2010.p. 25-40.

LASSO, Pablo. Antropologia cultural e homossexualidade: variantes do comportamento sexual, culturalmente aprovadas. In: VIDAL, Marciano. (Org). Homossexualidade: ciência e consciência. São Paulo: Loyola, 1985. Cap. 3, p. 31-43.

LEERS, Bernardino. Em Plena Liberdade. Belo Horizonte: O Lutador, 2010.

LEERS, Bernardino. Francisco de Assis e a moral cristã. Petrópolis: Vozes, 1995.

LEERS, Bernardino. Homossexuais e ética cristã. **Revista convergência**. Belo Horizonte, v. 1, n. 37, p. 565-579, 2002.

LEERS, Bernardino. Homossexuais e ética da libertação. In: CORGOZINHO, Batistina M. de Souza; PEREIRA, Leonardo Lucas. Escritos bernardinianos. Belo Horizonte: O Lutador, 2011. Cap. 12, p. 208-223.

- LEERS, Bernardino. Jeito brasileiro e norma absoluta. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LEERS, Bernardino. Moral cristã e autoridade do magistério eclesiástico: conflitos e diálogos. Aparecida: Santuário, 1991.
- LEERS, Bernardino. O ministério da reconciliação: uma ética profissional para confessores. Petrópolis: Vozes 2008.
- LEERS, Bernardino. Teologia moral, ciências humanas e sabedoria popular: um tripé que deu certo. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LEERS, Bernardino; MOSER, Antônio. Teologia moral: impasses e alternativas. Petrópolis: Vozes, 1987.
- LEERS, Bernardino; TRASFERETTI, José. Homossexualidade e ética cristã. Campinas: Átomo, 2002.
- LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 2001.
- MANTEGA, Guido. (Org.). Sexo e poder. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- MARCH, S. Libertação homossexual. São Paulo: Nova época, 1981.
- MARKUS, Robert A. O fim do cristianismo antigo. São Paulo: Paulus, 1997.
- MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARMOR, Judd. (Org). A inversão Homossexual: as múltiplas raízes da homossexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- MARQUES, Luciana Ribeiro. **Homossexualidade: uma análise sob a luz da psicanálise**. 2008. 113f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Veiga de Almeida, Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade, Rio de Janeiro.
- MARTINEZ, E; CORTINA, Adela. Ética. São Paulo: Loyola, 2005.
- MARTOS, José Maria Fernandes. Psicologia e Homossexualidade. In: VIDAL, Marciano. (Org). Homossexualidade: ciência e consciência. São Paulo: Loyola, 1985. Cap. 4, p. 45- 64.
- MATOS, Henrique Cristiano José. Introdução à história da igreja. Belo Horizonte: O lutador, 1997.
- MATOS, M. Reinvenções do vínculo amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MICCOLIS, Leila; DANIEL, Herbert. Jacarés e lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

MOSER, Antônio. O enigma da esfinge. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOTT, Luiz. Escravidão, homossexualidade e demonologia. São Paulo: ícone, 1988.

MOTT, Luiz. Homossexualidade: mitos e verdades. Salvador: GGB, 2003.

MOTT, Luiz. O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da inquisição. Campinas: Papirus, 1988.

MÜLLER, Wunibald. Pessoas Homossexuais. Petrópolis: Vozes, 2000.

MUSSKOPF, André Sidnei. À meia luz: a emergência de uma teologia gay, seus dilemas e possibilidades. **Cadernos IHU Idéias**, São Leopoldo, v. 3, n. 32, p. 1-34, 2005.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas: itinerário para uma teologia queer no Brasil**. 2008. 524f. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 115-132, junho, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo; Oliveira, Leandro. Sexualidade ameaçadora: religião homofobia(s) em discursos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latino Americana**, v. 1, n. 2, p. 121-161, 2009. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/viewArticle/32/445>>. Acesso em 15 nov. 2011.

NAZÁRIO, Luiz. Sexo: a alienação do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

NUNAN, Adriana. Homossexualidade: do preconceito ao padrão de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

OKITA, H. Homossexualismo: da opressão a libertação. São Paulo: Proposta, [1970].

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Ética e Práxis Histórica. São Paulo: Àtica, 1995.

PARKER, Richard; TERTO, Veriano. Entre Homens: homossexualidade e AIDS no Brasil. Rio de Janeiro: ABIA, 1998.

PEGORARO, O. Ética dos maiores mestres através da história. Petrópolis: Vozes, 2008.

RIBEIRO, Lúcia. Sexualidade e reprodução: o que os padres dizem e o que deixam de dizer. Petrópolis: Vozes, 2001.

- RODRIGUES, Humberto. O amor entre iguais. São Paulo: Mythos, 2004.
- ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SCHMIDT, Márcio. Nova história. São Paulo: Nova Geração, 2009.
- SPENCER, Collin. Homossexualidade uma história. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SPIKER, H. Van. La inclinacion homosexual. Barcelona: Fontanella, 1971.
- SULLIVAN, A. Praticamente normal: uma discussão sobre o homossexualismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- TRASFERETTI, José. Pastoral com homossexuais: retratos de uma experiência. Petrópolis: Vozes, 1999.
- TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- TUGENDAAT, E. Lições sobre ética. Petrópolis: Vozes, 1996.
- VALLE, Edênio. Psicologia e experiência religiosa. São Paulo: Loyola, 1998.
- VALLE, Edênio. A igreja Católica ante a homossexualidade: ênfase e deslocamento de posições, São Paulo, v. 9, dez. 2009. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/f_valle.htm>. Acesso: 23 mar. 2011.
- VALLS, Álvaro L. M. O que é ética. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- VAYNFAS, Ronaldo. Trópicos do pecado: moral, sexualidade e inquisição no Brasil. São Paulo: Campus, 1989.
- VAZ, Henrique C. de Lima. Escritos de filosofia IV: Introdução à ética filosofia 1. São Paulo: Loyola, 1999.
- VELASCO, S. L. Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- VEYNE, Paul. História da vida Privada. Vol. I: doimperio romano ao ano mil. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.
- VEYNE, Paul. Sexo e poder em Roma. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- VIDAL, Marciano. (Org). Homossexualidade: ciência e consciência. São Paulo: Loyola, 1985.
- VIDAL, Marciano. Sexualidade e condição homossexual na moral cristã. Aparecida: Santuário, 2008.

VITO, Robert A. de. Interrogações sobre a construção da (homo)sexualidade: relação entre pessoas do mesmo sexo na bíblia hebraica. In: JUNG, Patrícia Beattie; CORAY, Joseph Andrew. (Orgs). Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral. São Paulo: Loyola, 2005. Cap.6, p. 139-162.

WHITE, Leland J. Romanos 1, 26-27: a alegação de que a homossexualidade é antinatural. In: JUNG, Patrícia Beattie; CORAY, Joseph Andrew. (Orgs). Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral. São Paulo: Loyola, 2005. Cap.6, p. 139-162.

XIAOMINGXIONG, Lai. Mitologia Chinesa. São Paulo: Mandras, 2002.

ANEXO - RELATOS DE EXPERIENCIAS CONFESSIONAL DE HOMOSSEXUAIS CRISTÃOS

HISTÓRIA - 1

Pseudônimo: Kaique

Profissão: promotor de vendas

Idade: 23 anos

Religião: Evangélica

Eu assumi pra mim mesmo que era homossexual aos 18 anos. E logo que assumi pra mim mesmo eu assumi para a minha família e para as outras pessoas.

Foi muito complicado pra minha mãe entender, porque mãe tem sempre aquele sonho de que o filho vai crescer, vai casar e ter filhos, e isso não foi fácil pra ela. Ela disse que se sente incomodada em ter um filho afeminado, ela não gosta. Esta foi a condição que ela colocou, ela não gostaria de me ver assim.

Na minha família todos me aceitam, de certa forma engolem, eu procuro levar uma vida normal, não trago namorados em minha casa, eu não tenho essa vida assim 100% assumida, digamos, como se fosse um casal heterossexual, mas meus amigos gays visitam minha casa são muito bem aceitos pela minha família, mas eu me imponho este limite, não porque eles vão maltratar, mas, por exemplo, eles chegariam a mim e falariam que não acham legal trazer meus parceiros ou coisa do tipo.

Quando eu comecei perceber que tinha desejo por pessoas do mesmo sexo foi na fase da puberdade, por volta dos meus treze ou quatorze anos, eu já identificava algo diferente, mas eu não queria aceitar, eu só vim aceitar essa realidade aos 18 anos. Mas antes disso eu já sabia, mas não queria ser assim de forma alguma.

No meu bairro não tinha um gay discreto, havia os heterossexuais e os travestis, ou seja não me lembro do meio termo, era um ou outro, mas quanto aos travestis eles eram bem aceitos, pelo menos na região onde eu morava, meu pai conversava bastante com eles, ia para o barzinho beber juntos, brincavam juntos. Eles eram pessoas comunicativas, era super tranquilo, não eram repudiados, havia sim, lógico, gozações, uma ou outra pessoa que mexiam que zuavam, que tem em todo lugar, mas em termos de preconceitos por eles serem travestis eu não via.

Na escola o rapaz mais afeminado da sala era eu, por mais que eu não me aceitasse eu já tinha esse lado mais afluído, mais sentimental, eu me lembro como se fosse hoje. Na época eu sofria, pois como eu não me aceitava eu não deixava que as pessoas me zuassem na sala, os meninos as vezes percebiam que eu não conseguia jogar futebol, não ficava no meio deles, não gostava dos assuntos deles, eu ficava sempre com

as meninas, fazia os trabalhos de escola sempre com elas, então isso de certa forma deixava uma alerta pra eles de que eu não era do time deles, e havia uma rejeição, não preconceito. Normalmente nem me chamavam para jogar bola, pois sabia que eu não era bom.

Teve uma vez que eu estava voltando da escola e passando perto da empresa do meu pai, um rapaz passou e gritou: “bichinha”, aquilo me magoou profundamente, porque eu ainda não me aceitava, então cheguei em casa chorando achando aquilo uma humilhação, hoje tanto faz me chamar de bichinha, não faz nenhuma diferença, mas na época doeu e me machucou bastante.

Em relação a homofobia eu acredito em dois aspectos, pessoas homofóbicas uma parte dela são pessoas que não são estudadas ou pessoas abitoladas demais, acreditando na bíblia, ou crente demais que tem um lado espiritual muito forte que não entendem realmente o sentido de Deus.

Por outro lado eu entendo a sociedade, a igreja de serem homofóbicas, porque muitas vezes o próprio homossexual dá motivo, a imagem que o homossexual passa para a sociedade ficou marcada como pessoas que vivem de programas, que trabalham na prostituição, que usam drogas, e a gente sabe que na verdade, as pessoas homossexuais estudam, correm atrás do seus objetivos, como os heterossexuais, muitas vezes até mais dedicados, se destaca mais nas empresas por serem mais aflorados, mais sentimentais, eu, por exemplo, já trabalhei numa empresa em que 80 % das pessoas eram mais velhas e todas elas me aceitavam de forma completa eu chegava cumprimentava todo mundo, ou seja, eu impunha respeito no meu ambiente, não fazia brincadeiras de mal gosto e todos sabiam da minha opção porque eu não fazia questão de esconder e automaticamente um vai comentando com o outro e o nosso relacionamento na empresa era excelente nunca teve problema nem fofoca porque eu nunca dei motivo pra isso, então a homofobia muitas vezes está dentro do comportamento do próprio homossexual.

Eu convivo em ciclo de pessoas cristãs, não tem como eu não considerar isso, a maior parte das pessoas pensam que é uma fase e que essa fase vai passar, que algum dia os gays vão acordar heterossexuais, e que Deus pode fazer essa transformação em um dia. E também de outra forma, que nós somos pessoas condenadas se nós não mudarmos nossos atos. Pelo fato do Brasil ser um país católico e cristão, a maior parte acredita assim.

O Brasil é um país muito inclusivo, nós temos uma variedade de cultura, mas no que diz respeito aos homossexuais ainda parece ser algo de outro mundo, pode mostrar sexo explícito em novelas, pode mostrar estupro, pode mostrar tudo, mas quando mostra um casal de homossexuais, isso não pode, isso choca. A sociedade ainda não acostumou com isso, as pessoas estão começando a se acostumarem com a idéia. Aos poucos a própria TV vai mostrando isso, colocando homossexuais em reality Show, casal gay nas novelas, em alguns casos colocam um personagem mais afetado, como é o caso da

novela Fina Estampa que tem o personagem Crô, mas muito estiloso, em outros casos mostram outros que passam a idéia de um casal, mas não aparecem em cenas de afeto, de beijo, de troca de carícia e isso porque na realidade a sociedade ainda pode receber como estranho.

Infelizmente nós não podemos ter uma vida social e religiosa normal como um casal hetero, porque as pessoas se espantam, nós somos obrigados a freqüentar lugares onde os homossexuais podem se manifestar, ou seja, bares exclusivamente gay, ou pelo menos aqueles mais visitados por gays, e até é preciso fundar igrejas pra gays, porque em qualquer outro espaço, qualquer carícia, por mais simples que seja causa estranheza, as vezes até brigas, discussões, rejeição, acabei de acompanhar o caso de duas médicas que foram visitar um barzinho no bairro Prado e elas estavam num cantinho, mas vivendo o momento delas, uma olhando pra outra, e por trocarem um beijo elas foram convidadas a se retirarem do ambiente, ou seja, um caso de rejeição. Essa imagem que a sociedade tem não permite que ela aceite os homossexuais em geral.

Eu fui criado numa família cristã evangélica, praticamente toda a minha família é evangélica. E Congregam na Igreja Quadrangular, igreja a qual eu fui criado. Essa igreja como todas as outras não aceitam, pouco se falava da homossexualidade, e o que se falava era que essa coisa é abominável aos olhos de Deus, que não pode ser aceita. Eu nunca presenciei uma pregação ou encontro para falar especificamente desse tema, talvez quando fossem falar das coisas contra a obra do espírito que são abomináveis a Deus, então se falava, mas juntamente com a gula, com a promiscuidade e nesse contexto aprecia a homossexualidade como abominável fazendo uma referência a bíblia na questão do afeminado.

A igreja pregava que o sexo era apenas após o casamento, isto é, o culto matrimonial, isso é seguido à risca até hoje, as pessoas procuram manter sua santidade, digamos assim, de não manter relações sexuais, outras não consegue, mas o que a igreja ensina é isso. E nesse contexto o sexo é apresentado exclusivamente heterossexual.

Na igreja a gente aprende que devemos fazer coisas que agrada a Deus, automaticamente quando você deixa de fazer essas coisas e começa a praticar o que eles consideram mal, você se auto condena, e eu me auto condenava por isso, é por isso que eu demorei a me assumir, porque eu cresci na igreja, era levado pela minha mãe, pela minha tia, e depois que eu cheguei à adolescência eu por minha conta porque eu gostava, foi uma igreja que ajudou muito na formação meu caráter.

Eu me auto condenava por medo de ir para o inferno, porque eu tinha desejos gays. Até pelas coisas normais da puberdade, da adolescência como a masturbação. Eu tinha pavor porque achava que ia pro inferno, e eu me privava o máximo, não assistia filme um pouco mais erótico, não via revistas, me afastava bastante desse “mundo” porque eu acreditava que ia pro inferno por causa disso. Carregava uma cruz muito pesada, porque tinha medo de ir para o inferno, o homossexual ia pro inferno, por causa

da opção dele, então eu tinha que ser heterossexual ou heterossexual, eu não tinha escolha, se eu quisesse ir para o céu.

A igreja tem um defeito, ela acha que é a religião mais correta, sem defeito nenhum, não vou padronizar as pessoas, mas a maioria das pessoas pensa assim, se acham as pessoas mais escolhidas, hoje eu sou cristão, recebi Jesus e tenho garantido minha salvação, e começa a julgar as pessoas, você não vai pro céu porque você está fazendo isso, ou está fazendo aquilo, e isso tem consequência pois a própria pessoa passa a se auto condenar, e as lideranças se colocam no lugar do juiz, acusando e escolhendo quem vai se salvar ou não, como se ele tivesse a chave do céu, ele é quem seleciona quem vai e quem não vai.

Hoje eu frequento outra igreja, por ser uma igreja maior, que vai mais pessoas mais homossexuais, as pessoas homossexuais se sentem mais livres pra falar, por ser uma igreja maior então você é um espectador, você está lá para assistir, participar do culto, mas você não interage com as coisas da igreja. Por ser uma igreja grande, ninguém controla a sua vida, o dia que você vai, o dia que não vai, não é como as igrejas pequenas de bairro que você começa a frequentar e automaticamente você tem que fazer parte de um trabalho, de um ministério, que você se sente obrigado a fazer parte de alguma coisa, em outras palavras, você se mistura na massa, sua identidade pessoal não precisa ser exposta. Eu me sinto mais a vontade lá, é mais emocionante e tem um grupo de música de lá que eu gosto muito que é o diante do trono, que eu acompanho desde a minha infância e hoje tenho um carinho muito grande por essa igreja.

A visão que esta igreja tem da homossexualidade é a mesma das outras, mas eu acho que ela é mais inclusiva, porque ela tem uma quantidade maior de membros homossexuais, não que ela aceita inclusive a igreja tem ministério específico para homossexualidade, não sei se resolve, porque eu nunca participei, mas sei que tem esse grupo, tenho curiosidade de ir pra saber como que é, mas já ouvi dizer que não deu muito certo porque estava acontecendo casos no meio do grupo, em que as pessoas estavam indo para arrumar namorados.

Na verdade os membros em geral da igreja não tem uma opinião formada eles sabem e falam que o homossexual vai pro inferno e que é abominável aos olhos de Deus. Mas a maior parte deles acredita que são demônios que se apossam da pessoa, queria eu que fosse, porque seria mais fácil, porque os cristãos acreditam na bíblia e ela diz que o demônio sai com orações e jejuns, e isso é o que eu mais fiz dentro da igreja, na maior parte do tempo, e também a maior parte dos gays que eu conheço e que participaram da igreja, também fazia enquanto lutavam para se libertarem, nenhum se entregou a homossexualidade facilmente, todos por amor a obra de Deus, sempre lutaram para serem diferente, ou seja, para não serem gays. Mas nenhum deles conseguiu, mas uma parte acredita que não são demônios, mas é um pecado.

Em minha opinião, quando uma pessoa aceita a homossexualidade ela está disposta a viver com aquilo, e a igreja não, ela não aceita, ela tem uma forma de camuflar, ela até aceita o homossexual, mas ela afirma que o gay precisa mudar de atitude. Porque quando você aceita Jesus como Senhor e salvador você precisa mudar suas atitudes, você tem que ser uma nova pessoas.

Eu fui a uma igreja chamada inclusiva, chamada contemporânea, e lá eles aceitam os homossexuais, lá os gays podem dar as mãos, podem trocar carinho, o pastor ora por eles, é muito aberta, coisa que jamais a gente vê numa igreja normal, nas outras igrejas quando você fala que é homossexual, eles dizem amém, nós vamos orar por você, para sua libertação, isto é te aceitam com a condição de que você mude. Quando você diz que é gay, jamais você ira ter cargos altos na igreja como ser pastor, líder de louvor, de grupo de teatro, porque eles sabem da sua falha e você vai ter que mudar um dia, e se você não mudou você ainda não está liberto para assumir esses cargos. Eles acreditam e apostam na sua mudança, se você chegar lá e disser que foi liberto da homossexualidade, eles vão acreditar, pois eles acreditam que Jesus tem o poder de te transformar da noite para o dia. Mas aceitar você por inteiro, eles não aceitam não.

Nos cultos as agressões verbais aos homossexuais acontecem com pouca frequência, até mesmo porque eles sabem que hoje os gays tem uma voz muito ativa na sociedade, sobretudo nas redes sociais e de relacionamentos da internet, a lei e a luta contra a violência acabam ficando a nosso favor também. Mas como a igreja é contra eles não deixam de falar, e eu quando vejo não fico nervoso, mas vejo que eles estão falando de uma coisa que eles não conhecem, e quando está me incomodando muito eu saio do local.

Eu procurei ler muito sobre homossexualidade e quanto mais eu li menos conclusão eu tirei, o que eu concluo de tudo que eu já li é que jamais Deus me rejeita por ser homossexual, mas isso é minha conclusão, e que se realmente esta eternidade que fala a bíblia existir eu não vou perdê-la por ser homossexual, creio posso até perder a vida eterna, mas não por conta da minha homossexualidade, e sim pelos meus maus atos, creio que Deus está mais preocupado com aquilo que faço para ajudar o próximo do que com a minha sexualidade. Tem tantos outros problemas mais graves para as pessoas se preocuparem, e as vezes se preocupam justamente com isso, eu acredito que Deus me aceita, antes era difícil pra aceitar isso, que Deus me amava do jeito que eu sou, me sentia uma pessoa rejeitada, hoje não tenho mais esse problema, sei que sou amado e querido por Deus e também me sinto amado pelas pessoas que estão a minha volta, e acredito que esse amor de Deus é incondicional, e faço o possível para ser uma pessoa do bem, independente da religião foi isso que eu aprendi.

Quando eu estou me relacionando com alguém normalmente eu me afasto da igreja, para evitar comentários. Procuro evitar as especulações das pessoas. No mais participo semanalmente na igreja. Hoje eu me sinto até mais cristão do que antes de assumir minha homossexualidade, porque eu acreditava naquilo que o pastor dizia

depois que eu fui para “o mundo”, como a Bíblia diz, eu aprendi muito deste lado inclusive contradizendo a visão da igreja que o mundo não oferecia verdadeiros amigos, que as pessoas só te levariam para o buraco, mas na verdade o que eu descobri é que o mundo te oferece escolhas, e estas escolhas depende de você, então o fato de sair da igreja não significa que você não vai fazer escolhas certas, algumas pessoas saem da igreja e se envolvem em coisas ruins e depois voltam e dizem que foi o diabo, mas na verdade é que elas não assumem as consequências das próprias escolhas.

Se eu descobrisse que um líder da minha igreja fosse homossexual eu iria adorar, pois as pessoas que estão no altar normalmente acham que não erram, mas ao mesmo tempo ficaria triste, porque esta pessoa iria enfrentar muitos obstáculos, por que a igreja acha que quem está em cima do altar deve ser modelo, acham que nunca vão passar por isso, e conheço casos de pessoas que casaram para manter imagem, mas que acabam tendo relacionamentos extraconjugais, o que em minha opinião é muito pior. Mas não posso julgar ninguém, mas sei que se as pessoas que exercem os altos ministérios fossem homossexuais eles enfrentariam muitas dificuldades.

HISTÓRIA - 2

Pseudônimo: Paola

Profissão: Psicóloga em formação

Idade: 27 anos

Religião: Evangélica

Eu percebi que era diferente aos meus 12 anos, mas antes disso eu era mulher mesmo, não tive nada na minha educação que me dissesse o contrário, apesar do nome, de ter o cabelo curto, dentre outros. Eu associava isso à questão de recursos financeiros, o fato de ser pobre e não ter dinheiro para deixar o cabelo crescer, comprar um vestido bonito, mas não a sexualidade. Para as pessoas eu assumi minha transexualidade aos 22 anos quando eu iniciei o processo de trans, começo com a terapia e as outras fases, mas aos 22 anos já me identifico plenamente como mulher.

Eu tive uma educação rígida pautada por muitos valores morais, por costumes geracionais. Foi muito difícil a questão da aceitação dos meus pais, hoje eu consigo entender, porque convivendo com um rapaz por 22 anos e de repente se depara com uma mulher, e meus pais não tiveram uma escolaridade, não tiveram a oportunidade de aprofundarem, de conhecer o que era transsexualidade, então eu acho que foi muito difícil pra eles.

O Transexual e a transexual, socialmente eu acredito que seja mais estigmatizada, porque é justamente transcender o corpo masculino, o corpo feminino, ou o posto homem. E eu me torno sujeito não pelo meu aspecto biológico, mas por outros

fatores, e a sociedade não tem respaldo para isso, não sei, há uma mistura muito grande, desse público LGBT, apesar de apresentarem demandas diferentes, público diferentes, misturam tudo numa panela, então da mesma forma que estigmatizam o gay a lésbicas nós também somos estigmatizados, talvez um pouco mais, na hora de arrumar emprego, para namorar, pra sair ir aos lugares, aonde vou, numa boate gay, numa boate hetero? Como é que é isso? Somos estigmatizados, apesar de ter tido um avanço, pequeno, mas houve, mas o/a transexual ainda é muito estigmatizado. Ainda somos um publico desconhecido, eu sempre me deparo com a pergunta: Qual é a diferença de um transexual pra um travesti?

Quanto a mídia eu acredito que quando surge uma Ariadna num Reality show, é bacana para aqueles que ainda não sabem lidar com sua transexualidade, apesar de hoje se falar mais do que na minha época de adolescente, mas ainda não é tanto, ou o suficiente, eu tenho pra mim como modelo a Roberta Close, eu acredito que isso aparecer na mídia é muito bacana, conquistar esse espaço é muito bom, estar presente em programas como Jô Soares, Marília Gabriela, ainda que um BBB, mesmo que as pessoas não o veja com os olhos tão agradáveis, são espaços para mostrar que são seres humanos comuns, e eu achei interessante ela falar que não se apresentou como uma transexual por se considerar uma mulher, por ter passado pela cirurgia, isso agrega, e os pais, familiares e amigos, passam a compreender ao ver a realidade e começam a pensar, então é assim, não é como eu pensava? Ajuda a desmistificar.

Na escola, no meu tempo ainda não se falava de Bulling, mas eu era vítima disso, era o gayzinho. Eu na escola não pensava que era homossexual, me via como mulher, mas como tudo o que há de feminino demais em um ser masculino vira motivo de chacota, sobretudo numa sociedade machista, eu sofria. A escola ainda hoje é um lugar aversivo em relação à criança, que demonstra feminilidade, o padrão é a heterossexualidade.

A minha criação não teve uma imposição tipo: faça isso porque é coisa de menino, mas enquanto criança quando eu pedia pra ganhar boneca n lugar de carrinho eu recebia um não, mas não era justificado. Outro fato que me incomodava era usar o banheiro masculino, e isso eu sinto até hoje, sempre achei horrível, eu não reconhecia aquele lugar, pra mim era constrangedor.

Eu nasci num berço católico, recebi o batismo, fiz a primeira comunhão, não crismei porque na idade da crisma me tornei protestante, mas até então ia à missa semanalmente, participava de grupo de oração, tinha também o encontro nos lares e eu participava. Minha família tinha frequência de missa, meu pai ia pela manhã, e eu participava com minha mãe à noite, depois na minha adolescência quando eu mudei com o meu pai para o protestantismo eu passo a ir pelo menos duas vezes durante a semana, além de sábado e domingo, numa igreja neopentecostal Batista, na verdade ela se denomina batista, mas não pertence a uma convenção. Eu me converto a essa igreja e permaneci nela por muito tempo, depois eu saí entrei na ICM e fique por três anos.

Na religião católica eu sempre ouvia o padre dizendo sobre a definição bem distinta que Deus criou o homem e a mulher para que ele não ficasse só, mas nunca percebi uma referência a transexualidade, eu só vim saber o que era a transexualidade aos 17 anos. Anos depois da minha vivência católica, lembro de quando fui convidado para fazer parte do grupo de coroinhas e minha mãe não deixou, eu perguntei porque não, ela disse que os padres abusavam dos coroinhas, era um preconceito que minha mãe tinha em relação aos padres, e uma idéia que não era verdadeira.

A igreja católica tem o discurso sobre homossexualidade muito velado, nunca ouvi falar de que era pecado, ou o que era a homossexualidade, enfim, não se falava, mas havia restrições em relação a participação de gênero, como por exemplo eu sempre quis coroar nossa senhora, mas não podia era só as meninas, eu nunca entendia, eu achava que não podia participar por não tirar notas boas na escola ou coisa do tipo, mas depois percebi que não, que era apenas para meninas.

Na igreja batista, é homem e mulher, não existe LGBT, isso é coisa satânica, você precisa se libertar, precisa se curar, curar a alma, isso é porque você teve experiência de um estupro, ou porque sua mãe desejou uma menina, são vários conceitos que eles trabalham, e eu enveredo nisso aí de cabeça, adquiri o habito de toda sexta feira fazer vigília, fazer campanha de libertação toda quarta feira, participei do ministério de libertação, aprendi o processo de como lidar com a libertação, seria mais ou menos o que a igreja católica chama de exorcismo, como a libertação não resolveu eu fui para a cura interior que era uma mistura de psicanálise com terapia com hipnose, com religião, com regressão, voltando até a barriga da mãe, acredito até ser bem delicada essa questão, e nada disso resolveu.

Eu queria mudar, por pertencer a uma família cristã eu tinha uma paixão por cristo, mas eu tinha que ser como homem porque eu nasci homem, então se eu quisesse ser cristã eu tinha que comportar como tal, eu sofri muito com isso, porque por mais que eu não soubesse como isso ia acontecer eu esperava um milagre, então eu mergulhava de cabeça, se mandassem pular e dar três voltinhas eu fazia, eu só não cheguei a participar de um retiro que eles realizam especificamente para homossexuais, porque eu comecei a tomar consciência de ser transexual.

E quando eu me assumo transexual, automaticamente veio as proibições, não podia participar de ministério de música e nem de dança, com isso eu me senti anulada como pessoa, acredito muito na Batista como igreja, mas a abandonei por não poder vivenciar a minha fé do jeito que eu sou daí passei a participar da ICM, que traz o discurso de evangelho inclusivo, de resgatar os marginalizados.

A vivência na ICM é completamente diferente, eles não trazem o discurso que você tem que deixar de ser lésbica ou gay, eles pregam que o que não te afasta de Deus não é pecado, o que difere é isso, no mais é igual as outras tradicionais como assembléia, batista, tem vigílias, orações, modificando apenas a leitura da bíblia e o

sermão, porque eles fazem uma leitura mais sócio-histórica, sobretudo quando fala do homossexualismo, o discurso se preocupa mais com o contexto histórico.

A igreja ICM é uma igreja ecumênica, então ela recebe católicos, protestantes, evangélicos, enfim, ela recebe os cristãos, aqui em Belo Horizonte ela é mais neopentecostal, em São Paulo ela tem um cunho mais católico, no Rio de Janeiro é mais misturado, você não identifica direito, as pessoas trazem um pouco da sua vivência.

Como católico eu não me lembro de discurso de culpabilidade, mas nas outras igrejas eu sempre vi esse discurso, você precisa se livrar desse desvio, considerado desvio da sexualidade, desvio de personalidade, inculcado por satanás, então você tem que procurar evitar dar brechas porque Deus me criou perfeito e eu permito a ação de satanás, então eu sou o culpado, se eu era o culpado eu tinha que resolver daí eu procurei fazer uma série de vigílias, de jejum, de não dormir por isso, de deixar de comer alguma coisa que eu gostava por isso, para poder me libertar, até que chegou uma hora que eu pensei como poderia me libertar de mim mesma.

Hoje eu vejo que o cristianismo está implicado com o fundamentalismo que não condiz com o que eu penso, quer ver um exemplo, Ana Paula Valadão que é uma referência hoje, eu vi uma entrevista dela em que ela dizia que quando o marido dela fala alguma coisa ela tem que ficar calada, e isto está na bíblia, então não concordo com essa visão machista que prevalece, até pouco tempo na igreja batista homem não podia dançar, porque isso era coisa de mulher, não vejo o cristianismo como segregação ou separação por gênero, eu acho que somos todos iguais. Então se é assim eu não vou contestar a religião, mas vou procurar minha forma de viver minha espiritualidade, e eu a tenho. O meu lado feminino sempre foi muito mais aguçado, então se não me aceitam assim, eu procuro esquecer o cristianismo que gasta um tempo falando sobre aborto, contra a homossexualidade, machista, esse cristianismo fica entalado na garganta e não desce., e eu procuro viver o lado amoroso de Jesus.

Eu acredito na comunhão com a igreja mesmo sendo transexual, mas se há uma rejeição mesmo que pelo discurso, aí eu acho que não, eu acredito que maioria das igrejas ainda não estão abertas para uma compreensão, existem sim as igrejas inclusiva, mas que é discriminadas pelas outras, mas falando por parte da maioria das igrejas não há um mínimo de esforço pra compreender o fenômeno da transexualidade, mas da nossa parte eu acredito na nossa comunhão de fé, e o que a gente percebe no culto da igreja inclusiva é justamente a carência que se instaura a partir da sua aceitação e vivência da sua sexualidade ou identidade e a experiência religiosa.

HISTÓRIA – 3

Pseudônimo: Paulo

Profissão: Auxiliar administrativo

Idade: 48 anos

Religião: Católica

Eu comecei a perceber que tinha desejos homossexuais aos 14 anos de idade, mas só fui assumir pra mim mesmo que eu de fato era homossexual aos 23 anos, e aí contei para algumas pessoas, não pra todo mundo, inclusive na minha família a única pessoa que eu contei foi meu irmão mais novo.

Lá em casa era pra ser seis filhos, porém somos apenas três, meu irmão mais velho com 50 anos, eu com 48 e o meu irmão mais novo com 44 anos, entre eu e meu irmão mais novo minha mãe teve uma menina que morreu, e ela sempre quis ter uma menina, até não sei se o fato de eu ser homossexual tem haver com isso.

Meu pai nunca me falou nada a respeito de ser gay, pode até ser que ele desconfiava de alguma coisa, mas como eu mesmo não me assumia, não sei dizer se ele desconfiava, bem mais tarde aconteceu uma coisa interessante, acho que em 1995, meu primo que é gay sofreu um infarto e eu fui morar com ele pra fazer companhia, isso foi em janeiro, meu irmão mais velho casou em maio, e uma semana antes do casamento do meu irmão, meu pai falou que se eu não voltasse pra casa ele iria arrumar outra pessoa pra cuidar da minha mãe, então eu acho assim, que meu pai sempre pensou que eu não iria casar, ele tinha uma desconfiança, até voltei pra casa, mas falei com ele, que eu não era o único filho, meu outro irmão também não havia casado, embora no ano seguinte ele casou-se também, e somente eu fiquei em casa, então eu acredito que meus pais sabiam desde sempre.

Nunca ficava assim pensando se eu era gay, até a minha adolescência, pensava que eu iria casar, mas também nunca arrumava namorada, mais tarde quando eu comecei a entender, eu tive um amigo que é 13 anos a mais que eu é que começou a me orientar, porque eu fui vítima de homofobia por parte do meu irmão, e ele até falou de processar meu irmão, e a partir daí me orientou como lidar com minha homossexualidade, porque ele conhecia minha família, sabia que meus pais eram muito católicos.

Quando eu pensei que meus pais estavam desconfiando pensei até em suicídio, mas depois eu fui amadurecendo com a ajuda desse meu amigo e percebi que não é uma coisa tão horrível, mas eu nunca fui de contar, de conversar com as pessoas a respeito disso, mas consegui superar e conviver com minha homossexualidade.

Na minha família eu não sou o primeiro homossexual, sou o terceiro, tive dois primos mais velhos, e eles eram vítimas de preconceito dentro da família, eles eram ridicularizados, mas o meu primo mais velho era bem resolvido e não estava aí pra ninguém.

Quando meu irmão mais novo casou-se escutei uma série de comentários do tipo agora falta só o Paulo pra casar, mas eu percebia certa ironia.

Eu sou uma pessoa muito sozinha, tipo assim gosto de sair e ficar na minha, e com isso eu me tornei uma pessoa observadora, então quando eu chegava a alguns lugares eu sempre percebia que as pessoas comentavam, mas não diretamente, já houve caso de me senti meio perdido.

Eu sempre tive muito medo, por saber de pessoas que sofriam agressões, recentemente mesmo uma pessoa que eu conhecia morreu por ataque homofóbico, então isso até hoje me dá um pouco de medo.

Eu acho que houve uma mudança na sociedade, hoje vejo que as pessoas aceitam melhor, tem casos de homofobias, mas creio que a sociedade aceita mais. Eu pela minha criação católica sou meio conservador, não gosto de Parada Gay, de me expor a esse tipo de coisa.

Eu praticamente nasci dentro da igreja, eu fui batizado no sexto dia de nascido, meus pais eram muito engajados, e consequentemente eu também, participava de grupo de jovens. Nunca ouvi nada que recriasse os homossexuais, mas eu também não me considerava gay, eu sabia dos meus desejos, mas não achava que eu era gay, mas teve uma vez justamente na época que eu participava de grupo de jovens, que descobri alguns lugares que era frequentado por gays, próximo a praça da liberdade, eu tinha na faixa de 23 anos, daí eu me identifiquei em parte com aquilo, mas eu não tinha coragem de entrar nos bares, eu ficava na porta, e um dia eu estava lá com meu carro e de repente eu vejo as pessoas do grupo de jovens vindo, e eu fiquei desorientado, engraçado porque eu só estava perto, mas acho que o fato de ser conservador parecia que eu estava fazendo a pior coisa do mundo, eu entrei no meu carro e me escondi.

A questão do sexo na minha igreja é muito taxativo, sexo só depois do casamento, pra procriação, eu não acredito nisso, apesar de acreditar no casamento. Mas minha vivência na igreja foi formado para tomar consciência do pecado, cresci ouvindo isso, e sempre procurei me livrar do pecado. Mas depois fui me amadurecendo e tendo uma nova compreensão, hoje eu sou muito mais engajado, sou ministro da Eucaristia, secretário de uma paróquia, e não creio que o fato de manter relação com pessoas do mesmo sexo seja um pecado, acredito no amor, e não gosto de movimentos como a Renovação Carismática, acho que eles falam muito absurdo, não gosto das coisas que ouço em um canal de TV católico, acredito que Jesus é muito mais simples do que as igrejas falam.

Aconteceu um episódio comigo que acho interessante contar. Por ser católico aonde vou eu procuro ir à missa, participar, viver minha religiosidade, e uma vez eu viajei para Uberaba a trabalho e estava sentado numa praça, tomando uma cerveja, passou um rapaz de carro e mexeu comigo, desceu e ficamos conversando, na verdade ele estava me cantando mesmo, me chamou para sair dizendo que queria me conhecer melhor, eu falei que não podia porque estava a trabalho, mas mesmo assim marcamos da gente se encontrar num outro lugar, mas no outro dia, um sábado, eu fui participar da missa na catedral e me surpreendi, porque quando entrou à fila de padres na frente do bispo o rapaz estava lá, o rapaz que havia conversado comigo era padre, eu me senti muito mal, porque como eu disse sou conservador em algumas coisas e naquela época eu era mais ainda, eu achei aquilo um absurdo, me senti mal sabe.

Mas eu acredito que os padres respeitam os homossexuais, os padres das duas igrejas que eu participo hoje sabem que eu sou gay, e, no entanto sou ministro da Eucaristia, eu não acredito que o fato de ser gay impede minha comunhão com a Igreja e com Cristo. Quando eu comecei aceitar a minha homossexualidade eu a tinha como pecado, que eu iria pro inferno, mas tive um amigo que me orientava, e hoje eu não vejo problema nenhum, e acredito que a relação homossexual não me diminui diante de Deus, creio que ele é amor, misericórdia. Em relação à bíblia, eu nem procuro ler se condena, ou não condena pra mim a bíblia é apenas uma referência e não um fundamento fechado.

Por ser meio conservador não gosto, ou melhor, não vejo necessidade de ficar expressando que sou gay, acho que discrição evitaria muito a homofobia. Não gosto de ver dois homens andando de mãos dadas ou trocando carícias em público, sempre tive receio de andar abraçado até com meu pai mesmo. Nesse ponto sou muito conservador.

HISTÓRIA – 4

Pseudônimo: Maik

Profissão: Professor

Idade: 29 anos

Região: Evangélica

Eu percebi que tinha um desejo homossexual desde sempre, desde a infância, não saberia dizer a idade. Agora para as outras pessoas assumi aos meus 18 anos. Eu sempre fui muito aceito na minha família, nunca recebi rejeição nenhuma, na adolescência a minha mãe, assim como toda mãe, ao perceber ela tinha um pouco de receio, queria ouvi alguma coisa da minha boca, mas nunca recebi nenhuma queixa, ela nunca me pressionou para contar.

Sempre tive incentivo principalmente do meu pai para fazer as coisas próprias de homens, mas nunca obrigado, era aquela intuição de pai, mas nunca obrigado. Na infância eu sentia o tempo inteiro que tinha que esconder minha identidade, com coleguinhas tinha que fingir o tempo todo e tentar fazer coisas de menino mesmo que no interior aquela não era a minha vontade, a minha realidade. Pra minha família também eu disfarçava, inclusive arrumei algumas namoradinhas, para não descobrirem.

No meu ambiente social eu sempre escutava piadinhas em relação aos homossexuais, sempre era o viadinho, peroba, sempre eram pessoas de submundo eram vistos como diferentes e inferiorizados. Em relação a isso eu achava difícil engoli a situação por ver como aquelas pessoas eram tratadas, achava complicado, tinha medo de ser recusado de não ser aceito, tanto que eu nunca fui de pertencer a grupo de amigos, ficava sempre na minha, porque eu ouvia as opiniões deles quando viam um gay e a opinião era sempre contrária, então eu acho que uma maneira de me resguardar era ficar mais na minha, não me envolvendo com outras pessoas.

Eu acredito que os adolescentes de hoje, eu sou professor e observo isso nos alunos, eles não têm problema nenhum em assumirem a homossexualidade, na minha época era um medo tremendo, hoje não eles assumem mesmo, alguns até se maquiavam, pintam o cabelo, enfim, vejo que eles se sentem bem mais a vontade em relação ao meu tempo.

Eu venho de uma família religiosa de origem Batista, desde os meus 13 anos a minha vida é voltada para a igreja, sempre participando das atividades. Passei um tempo na Igreja Universal do Reino de Deus, mas logo no início quando eu comecei a me

aceitar homossexual, comecei a ouvir que aquilo era uma possessão demoníaca, e como perceberam que eu era gay me proibiram de participar, eu poderia ir e ficar lá quietinho, então resolvi sair e fui para a Igreja Batista da Lagoinha, lá encontrei um número expressivo de homossexuais, inclusive eles criaram um ministério para combater, não sei se seria esta a palavra, mas é um ministério voltado para homossexuais, estou criando coragem para ir lá qualquer dia desses dar um coro naquele povo.

Hoje eu deixo as coisas entrarem num ouvido e sair no outro, pelo fato de ter um conhecimento melhor da Bíblia, então o discurso muitas vezes não me atinge, mas me incomoda, fico chateado em saber que há pessoas por aí falando sem conhecimento, e sei de muitos que saem dos cultos super chateados. A igreja sabe da existência dos homossexuais lá, mas falam com muita cautela, justamente por saber da quantidade, isto é da proporção que há ali. Então eles não debatem abertamente, por que senão eles vão perder muitos fiéis.

Eles acolhem a pessoa muito bem, tratam bem, mas a condição de homossexual não, o relacionamento então nem se fala, o homossexual assumido é proibido de participar de qualquer ministério, você não pode fazer nada além de participar do culto, não pode fazer parte do ministério de música, de dança, como no meu caso eu sou bailarino, mas não posso, sou acolhido, mas para ficar no banco.

Nas pregações voltadas para a homossexualidade, é apresentada como uma escolha que você precisa deixar tem que mudar de vida, demonstra não procurar nada além da bíblia. E eu não acredito nessa condenação acirrada aos homossexuais na bíblia, e se a gente pega Jesus, a relação dele com as prostitutas, ele a acolheu, conversou, entrou no mundo dela, direcionando-a, mas não condenando, as pessoas que estavam entorno é que condenavam, mas ele mesmo não, acredito que comigo não é diferente, eu vivo a minha fé, tenho uma vida intensa de oração, e procuro me pautar naquilo que Jesus fazia, por exemplo no meu ambiente de trabalho eu tenho um cargo de chefia, então eu sempre antes de chamar atenção eu penso como Jesus chamaria atenção dessa pessoa, acho que isso é praticar a fé, isso é ser cristão.

Particpei um tempo na igreja ICM também, mas acho que não seria preciso fundar igrejas inclusivas, a meu ver toda igreja tem por obrigação cristã ser inclusiva, para viverem de fato o cristianismo, então eu acho que estas igrejas até sofrem porque não há diálogo com as outras, elas ficam isoladas, se posso dizer assim, porque as igrejas mais tradicionais se acham dona da verdade e fecham qualquer possibilidade de diálogo.

Eu na minha caminhada de fé tentei mudar muitas vezes minha condição, através de terapias espirituais, curas interiores, libertação, regressão, tudo que você imaginar que a igreja oferece para a libertação homossexual eu já fiz, depois tomei consciência de que não era necessário eu mudar, e inclusive assumi um relacionamento, e acredito que as pessoas homossexuais são capazes sim de se relacionarem com maturidade, respeito mútuo, eu meu companheiro, estamos juntos a mais de dois anos e vivemos uma vida de

comunhão entre nós e também na igreja, vamos ao culto juntos, e assim vejo que nosso relacionamento não atrapalha o nosso relacionamento com Deus. Acredito no casamento entre pessoas do mesmo sexo, na da mesma forma que o casamento hetero, acredito que há diferenças na forma de relacionar-se, mas na minha leitura bíblica o casamento é encontro de corpos, então não é a cerimônia que faz o casamento, por pensar assim acredito que os homossexuais também têm direito ao casamento, afinal sou igual a todos, pago o dízimo como qualquer outro fiel, dou minha contribuição humana da mesma forma que os outros, porque só o fato de eu gostar de pessoas do mesmo sexo me impede e beneficiar das bênçãos de Deus, acho que devemos ter tratamento igual e isso inclui o casamento, a bênção divina no relacionamento.

Eu sofri muito preconceito nas igrejas, quando eu era da Universal eu me tornei obreiro e depois fui proibido, não podia mais usar o uniforme, ficava abandonado, como se eu estivesse sujo, o maior dos pecadores, então se eu não podia fazer mais nada qual era o sentido de ficar lá, daí eu saí e fui para Batista da Lagoinha, mas não mudou muito pois quando desconfiaram da minha sexualidade, pelo meu jeito mais meigo, começaram a me podar, eu fazia programa de TV, tive que parar, tinha um grupo de dança, tive que desfazer o grupo, fui secretário de um pastor, também fui convidado a deixar o cargo, não pude ficar nem como funcionário da igreja, porque o ministério de pastores da igreja não aceitaram.

Até os meus 22 anos eu me sujeitava a toda imposição da igreja, eu me resguardava para participar, mas depois comecei a pensar em viver minha vida, pensar um pouco mais em mim do que na igreja, e foi aqui que verdadeiramente eu me senti liberto, e vi que não era nenhum bicho de sete cabeças assumir e viver minha homossexualidade, e deixei de viver em prol da Igreja e buscar a plenitude em Cristo, apesar de ouvir de uma irmã de igreja que eu precisava abrir mão da minha vida por amor a Cristo, mas na verdade eu só vou amar a Cristo sendo quem eu sou, pra mim, a minha libertação em Cristo veio quando eu assumi de verdade o que eu sou, , não preciso abrir mão da minha sexualidade para poder ser pleno, pelo contrário se eu não posso estar á frente de algum trabalho da igreja , não posso pregar, pelo menos vou dedicar a minha vida sendo o bom cristão no meu relacionamento, preparar minha vida para o casamento, para amar o meu amado, dedicar minha vida para ele independente da aceitação da igreja, mas não deixo de buscar na igreja essa força em Cristo.

Todas as vezes que fui chamado para conversar e ser afastado de alguma coisa, nunca me falaram que era pela minha homossexualidade, eles parece ter medo dessa palavra, não toca nela, faz rodeios o tempo todo.

HISTÓRIA – 5

Pseudônimo: Ana Paula

Profissão: Açougueira

Idade: 19 anos

Religião: Católica

Eu percebi mesmo que gostava de mulher aos 15 anos, antes disso eu tive namorados homens, e assumi aos 18 para minha família, é bem recente. A minha família sempre desconfiava, acho que a família sempre sabe. Na minha família eu não fui bem aceito, no início e algumas pessoas ainda não me respeitam, logo quando eu assumi minha homossexualidade minha mãe me prendia em casa para não encontrar-me com mulheres.

Meus pais eram sempre muito liberais, mas eu acho que tive uma educação legal, meu pai aceitou mais fácil do que minha mãe. Mas onde eu morava os homossexuais eram vistos como um monstro, um ser de outro planeta, e quando eu comecei a me vestir de forma mais masculina ao andar pela rua eu ouvia muitos comentários, mas eu acredito que no meu caso eu acho que o preconceito é menor por eu ser mulher, quando as pessoas vêem dois homens juntos causa mais desconforto do que duas mulheres, mas o preconceito existe sim.

Eu acho que as lésbicas na TV são mais femininas, não mostra a realidade do conjunto não, mas eu acho que a televisão tem ajudado para a quebra de tabus. Eu nunca sofri discriminação, mas já presenciei, e eu senti muita raiva sabe, você sente que está mexendo com você, e também dá uma sensação de medo. Eu tenho muito medo da homofobia sabe. Eu acho estranho que os homofóbicos vêem a gente como a pior coisa do mundo não pensa que o fato deles serem agressivos eles se torna piores do que a gente, porque o fato de eu ser lésbica e me visto de uma maneira mais masculinizada eu não saio por aí dando pancada nos outros.

Eu acho que agora as pessoas estão aceitando mais, as pessoas estão se assumindo mais e isso contribui para a aceitação da sociedade, o fato das pessoas assumirem a sociedade começa acostumar.

Eu sou de uma família católica e de muita participação, minha família é de igreja, assim ,poxa demais, e eu sempre participei, mas nunca tive problema, nem nunca ouvi nada, o que a gente escuta é o clássico mesmo o homem foi feito para a mulher e a mulher para o homem. Mas a gente sabe que a igreja não aceita, não vê com bons olhos, mas isso não me impede de continuar sendo católica não.

Nunca presenciei na minha igreja uma pregação que diz que eu vou por inferno por ser homossexual, algumas pessoas já comentaram comigo que viram pregação contra, mas eu mesmo nunca escutei nada.

Eu tenho um problema com meu sogro, ele vem com muita frequência á minha casa pra falar que estamos erradas, que nós vamos pro inferno, tem mais de um ano que nós estamos juntas, e durante esse tempo todo ele pega pesado em relação a nossa vida, mas respeito é a opinião dele, ele é evangélico.

Eu participo da missa em igrejas diferentes, e tem umas que as pessoas me encaram de mais e eu não me sinto muito a vontade, mas em geral eu sou bem acolhida. Agora quando vejo alguém comentando, condenando minha condição, eu ignoro, não dou atenção, finjo que não escuto, ou escuto e deixo a pessoa falar. Mas às vezes eu penso, será que vou ser salva, eu acredito na salvação, mas depois eu penso um pouco mais e vejo que se Deus deseja que as pessoas sejam felizes e realize o bem, eu prefiro ficar com essa idéia, aí eu acredito que vou receber a salvação. Eu tenho minha espiritualidade, faço minhas orações, e acredito que o fato de estar morando com uma mulher não me impede de ser cristã, acredito inclusive no casamento, eu tinha vontade de casar na igreja, se pudesse eu casaria, eu acho a celebração do casamento uma benção sabe. Eu acredito que as igrejas têm que aceitar sabe, não acho que as pessoas têm que sair da igreja, penso o contrário a igreja é que tem que receber as pessoas sabe, até já ouvi falar de igreja gay, mas não acho que este seja o caminho.

HISTÓRIA – 6

Pseudônimo: Blue

Profissão: Coordenador de central de entregas

Idade: 23 anos

Religião: Evangélica

Assumi para mim mesmo como homossexual aos 14 anos, quando percebi que tinha desejo para pessoas do mesmo sexo, mas para as outras pessoas eu assumi aos 19 anos. E pra minha mãe eu nunca contei até hoje, mas creio que ela saiba.

Se dependesse do meu pai eu estaria no exército até hoje, e pela minha mãe eu me formaria em medicina, pois ela queria que eu fosse cirurgião plástico, pra erguer ela quando ela ficasse mais velha, mas eu fui totalmente ao contrário. Por minha mãe ser estilista e costureira eu cresci numa casa que sempre teve gays estilistas e modelos se vestindo e minha mãe ornamentando tudo, criando modelos e escolhendo tecido pra baixo e pra cima, eu tinha vontade de mexer, não pra mim, tipo eu quero vestir um vestido, ah eu quero fazer isso, eu queria mexer, queria aprender. Minha mãe me afastava dessas pessoas, e eu ouvia boatos de algumas tias minhas de que elas tinham medo de os filhos delas fossem assim, hoje eu sabendo disso penso como isso era ridículo, mas era o medo que elas tinham, e hoje ela sabe que eu sou gay.

Na escola, até a quinta série era tudo tranquilo, acho que eu consegui esconder direitinho, mas eu via quem era gay era criticado. Mas eu e um amigo meu, que fui descobrir uns oito anos depois que ele era gay também, a gente tinha muito medo, de alguém te chamar de bichinha, pra mim naquela época era muito mal. Na igreja mesmo sempre foi aquela coisa, eu congregava na igreja batista, depois na Quadrangular, que condenavam, o homossexual, não pode, não deve, não é aceito, mesmo a gente sabia que no altar havia pessoas que faziam milhares de coisas terríveis.

Eu vivi a discriminação mais na forma religiosa, por eu ser uma pessoa atuante na igreja, não um cristão fanático, mas que busca o amor de Deus, eu vi muita gente criticando e criminalizando o fato de uma pessoa ser gay. Inclusive poucos dias antes dessa entrevista aconteceu comigo um fato curioso, uma amiga minha chegou perto de mim e me perguntou: é isso mesmo que você quer? Aí eu, respondi no momento eu tenho certeza que é isso que eu quero, aí depois num outro dia ela disse: Eu orei por você, e Deus me falou que ele abomina isso, aí sem querer eu apelei, então tá, eu vou orar e quero que Deus fale isso comigo, eu quero que Deus fale comigo também, se ele falou pra você ele tem que falar pra mim também. A gente não tem que estar íntimo com Deus, não temos que buscar cada um o amor de Deus, tem que ficar mais próximo, então porque eu sendo íntimo com ele, ele nunca me falou isso?

Minha família é toda cristã, metade católica e metade evangélica, com a metade católica eu tive uma convivência dos 14 aos 19 anos, período que minha mãe mudou

para o exterior a trabalho, mas a maior influência foi à igreja batista e quadrangular que participei no período da minha infância, e lá sempre teve a rejeição ao homossexual. Então, tive minha infância evangélica, minha pré-adolescência e adolescência católica e depois eu continuei na Batista e na Quadrangular.

Tem um caso engraçado, o meu ex-pastor ele chegou a escrever um livro sobre o casamento, “Grande é este ministério”, e pregava sobre o amor heterossexual que precisava ser cultivado como se fosse uma flor do campo, e chegou a comentar uma vez que valia para os casais heterossexuais, achei aquilo ridículo, como se alguém precisasse ouvir isso e se tivesse que diferença ia fazer, eu acho que o amor está entre todo mundo independente de que maneira ele se manifesta. O Ensino dele era antigays e distorcido.

Eu fazia parte de um coral na igreja e dançava também, e certa vez uma coreografia ficou um pouco afeminada para os meninos, e um dos membros reclamou para o nosso regente, e ele se manifestou da forma mais brusca dizendo que jamais podíamos fazer aquela coreografia por que era coisa de gay, e gay não ia fazer isso encima do altar, e de fato se fossemos olhar os meninos do coral 50% eram gays, mas não via motivo para proibição, porque apesar de sermos afeminados nenhum havia se assumido homossexual.

Havia uma série de orações para salvar e libertar os homossexuais porque isso não era de Deus. Eu acho que isso não tem nada haver. Quando alguém, tipo assim, as orientadoras da igreja dizia pra gente: você sabe que isso não é de Deus, na Bíblia está escrito que é abominável e se você não orar, não buscar, não procurar entender você poderá ser condenado, eu mesmo muitas vezes orei muito, fiz campanha pra Deus me libertar, e se eu masturbasse pensando em algum homem, eu chorava, ficava desesperado triste e dizia meu Deus eu fiz isso? O que é que eu estou fazendo? Só que eu fui percebendo, com tempo a gente cresce adquirindo novos conhecimentos e vê que não é bem assim, hoje isso pra mim não é fardo mais.

De acordo com algumas passagens da Bíblia que passavam pra gente aquela ilusão de que o mundo é certinho, o homem é pra mulher e a mulher é para o homem. Só que depois que eu saí da igreja eu comecei perceber que na prática não é assim que funciona. E eu acho que não e por eu pensar de uma forma diferente que Deus vai me julgar.

Quando eu tinha 19 anos eu tinha um diário onde eu escrevia tudo, e ali eu anotava o medo que eu tinha das coisas que aconteciam por eu estar na igreja, por muitas vezes eu ir e ter que me santificar para poder subir no altar pra fazer alguma coisa, então eu escrevia tudo, desde minha primeira relação sexual com outro homem, eu nunca tive relação sexual com mulher e, tive relação sexual com um menino e escrevi isso no meu diário e minha tia descobriu e falou pra minha mãe, ela morava em Portugal, e me ligou perguntando se estava tudo bem se eu tinha alguma coisa pra falar pra ela, e eu respondi que não. Logo depois minha tia veio com o jornal e jogou pra

mim, e na manchete do jornal estava escrito assim: “nova doença detectada no meio gay”. Aí eu olhei pra ela e ela falou assim: é pra você ler. Daí eu perguntei, pra que você está me passando isso? Minha filha, se eu quisesse ser gay eu vestiria estes vestidos, e usei a imagem que ela tinha de ser gay, sairia pela rua aí louca, aí ela reafirmou, eu queira que você lesse, depois ela veio conversar comigo dizendo que eu era um menino tão bonito, um rapaz tão bem aparentado, porque que estava fazendo isso? Sabe que isso não agrada o coração de Deus, isso não ia me levar a nada. Eu só escutei até ela falar tudo o que tinha pra falar, ela falou de cabeça baixa, mas falava ferozmente, Quando ela percebeu que eu estava com os olhos cheios de água, ela foi e falou: “não estou dizendo isso pra você ficar triste, você sabe que Deus tem uma salvação pra você. Aí eu falei, não, agora você vai me ouvir, eu falei o que eu penso se a forma que Deus pede pra gente viver é o amor, então eu não estou fazendo nada de errado, não creio que estou fazendo alguma coisa que desagrade o coração de Deus, eu estou amando uma pessoa que me ama, então não importa se é do mesmo sexo.

As vezes eu vejo debates a respeito de casal homossexual adotar filhos, uma vez, ouvi alguém dizer que achava ridículo um casal homossexual ter filhos, esta pessoa diz que até aceitava o casal, mas ter filhos, imagina como essa criança vai ser educada, daí eu disse, posso te dizer uma coisa? Um casal gay, eu posso até estar errando aqui, mas um casal gay tem muito mais possibilidade de dar amor e carinho do que um casal hetero, educação vem de berço, se eles vão educar as crianças, ela não vai ser constrangida, ela vai saber muito bem na hora tipo o dia das mães ah! Eu tenho duas mães, ou no dia dos pais ah! Eu tenho dois pais. Desde pequeno ela vai sendo educado, sabe, é uma educação, não creio que isso influenciaria a formação do seu caráter.

A última igreja que eu participei como membro foi a igreja do Evangelho Quadrangular, mas depois que eu me assumi homossexual para os amigos nessa igreja jamais eu freqüentaria, não tenho prazer nenhum, nem sinto a presença de Deus, acho. Depois eu passei a freqüentar a Batista da Lagoinha.

Essas duas igrejas dizem que aceita o homossexual, mas que eles podem ser curados, eu já não penso assim. Eles acham que o homossexual ao entrar para igreja deve passar por tipo um tratamento, como se tivesse doente mesmo, aí vai para um grupo de oração, e aí as pessoas oram por ele e começam a fazer coisas que acham que a pessoa vai deixar de desgostar de pessoas do mesmo sexo.

A visão que eu tenho de Jesus é a de amor, eu não acredito que ele vai julgar a gente por amar diferente, pode até ser que isso seja a minha condenação, mas ninguém sabe disso, Deus não vai me julgar por eu amar uma pessoa diferente, não creio que esteja praticando nada que é indiferente a mim, nada de pecado, acho que ele me aceita como eu sou.

Quando os discursos dos pregadores condenam a homossexualidade eu presto atenção e fico indignado, eu não reajo fico quieto, mas sei que eles não entendem o nosso dilema. Quanto aos membros da igreja, ele é muito dividido, há pessoas que

aceitam, outros não, pelo fato de muitos já conhecerem alguém gay, trabalharemos com pessoas gays então aceitam e tentam entender. Tem aquelas que falam que precisa converter senão vai pro inferno, outras não falava nada, mas traz uma bíblia, e manda ler as partes que condenam os homossexuais, ou um CD gospel.

Hoje eu oro no meu quarto ouço muitos hinos, muita músicas gospel, procuro estar junto de Deus, procurando ficar positivo com tudo. Eu procuro ter uma leitura frequente da bíblia. Antes eu não conseguia entender as passagens bíblicas, acreditava que estava era julgando mesmo, que homem é para a mulher e mulher para homem, mas hoje, como há várias formas de você interpretar a bíblia, eu vejo que há relatos na bíblia que não é totalmente contra os homossexuais.

Acredito que é possível haver uma relação entre dois homens ou duas mulheres e manter a comunhão na igreja, mas eu acho que nem todos deveriam ou precisariam ficar sabendo desse relacionamento. Porque poderia acontecer de um falar pro outro e muitas vezes não aceitar e discriminar o membro. Por parte da Igreja eu acho que eles deveriam aceitar, porque eu não sou diferente de ninguém que está ali dentro, por amar outro cara.

Sou a favor do casamento gay, acho que dois homens podem construir uma vida feliz juntos, assim como duas mulheres, só acho desnecessário, muita coisa tipo querendo aparecer, certo estrelismo, penso que isso assusta as pessoas heteros, então creio que devirá haver o casamento sem muita manifestação pública. Não creio que deveria se tornar um evento social.

HISTÓRIA – 7

Pseudônimo: Weverton

Profissão: Coordenador de Equipes

Idade: 33 anos

Religião: Católica

A percepção de traços da minha homossexualidade vem desde infância, mas como eu não tinha discernimento de definição sexual eu não dava créditos, entre oito e nove anos, até os meus quatorze anos eu não tinha idéia do que era uma experiência homossexual. Com quatorze anos eu tive minha primeira experiência sexual com um companheiro de sala de aula, havia um flerte entre nós dois, mas assumi mesmo a minha homossexualidade como orientação aos 18 anos, e imediatamente contei para os meus pais, mas antes de contar pra eles eu já havia contado pra alguns amigos. Apesar de que, meus pais já haviam tomado consciência muito antes de eu assumir, na pré-adolescência, aconteceu um episódio na igreja que eu frequentava, mas aquilo foi tomado como uma atitude de adolescente de descoberta a da sexualidade, de quem não sabe o que quer, e naquele momento isso não foi trabalhado. No decorrer dos anos eu

fui percebendo que sentia atração sexual por homens e não tinha vontade de me relacionar com mulheres.

Venho de uma família muito autoritária, sem explicações pra muita coisa e, nada era permitido se não fosse autorizado pelo meu pai e, ele não tinha diálogo com a gente, primeiro ele batia para depois saber por que a gente apanhou. Cheguei apanhar do meu pai de maneira violenta.

Antes de assumir minha homossexualidade eu tinha uma aceitação normal como qualquer filho, mas quando assumi minha homossexualidade isso mudou, eles acostumaram com a situação, mas não aceitaram e nem aceitam até hoje. Eles se conformaram, tipo assim agora não mais o que fazer, agora é conformar, isso no ciclo familiar pais e irmãos, no âmbito mais amplo envolvendo os demais parentes, eu tive uma aceitação maior, existe mais respeito, mais abertura para me aceitar, em minha casa meus pais conformaram, mas no sentido de não falar mais no assunto, ou seja, a minha opção é um assunto intocável. O fato de assumir minha homossexualidade minha estrutura familiar por um bom tempo, porque meu pai me criou com a idéia de normalidade como qualquer pai cria, então isso veio como uma bomba, uma surpresa e decepção.

Hoje vejo que sou uma cópia, fui fazer uma terapia, queria entender porque minha relação com meu pai não era boa, e percebi que os nossos temperamentos são o mesmo, é lógico que com formas distintas por conta de pertencermos épocas diferentes, mas meu pai é uma pessoa que não dá o braço a torcer e eu também sou assim, meu pai tratava-nos de uma maneira ríspida e tratava muito bem as pessoas fora de casa muito bem, eu sou assim também, descobri que eu era um raio-x do meu pai, por isso nunca nos demos bem, e depois que eu assumi minha homossexualidade essa relação piorou.

Quando eu era adolescente eu já comecei a ter noção do que era ser homossexual, e como eu estava muito inserido na religião, era orientado de que isso era um pecado, um crime contra Deus, então, eu já tinha consciência do que sentia, mas na minha cabeça esta a idéia de que eu estava indo na contra mão da humanidade, mas aí tem toda uma questão de crença que herdei, sobretudo do meu pai.

Quanto à realidade que me cercava os homossexuais era alvo de preconceito, creio que hoje os direitos adquiridos permitem uma aceitação, ou pelo menos uma tolerância maior, nunca vivenciei um preconceito direto, mas é claro, que havia, inclusive quando era mais novo eu tinha amigos que eram gays e nem eu sabia, e ficava taxado também de bichinha de uma maneira pejorativa, ser homossexual era ser alguém complicado.

Em relação ao preconceito você escuta piadinhas, os viadinhos os gayzinhos, boiola etc., mas caso agressivo como a gente vê na mídia eu nunca presenciei. A sociedade é preconceituosa, mas de uma forma muito hipócrita, pois se dois homens se beijarem ou trocarem carinhos eles são repudiados, mas se são duas mulheres os

homens chegam até sentir excitação, então para além do preconceito tem também o machismo, eu já ouvi pessoas usar a expressão: “eu prefiro ter um filho drogado a ter um filho gay”. Eu vejo que aqui a ideia de gay é nivelada a uma fraqueza, ou a algo tão grave como a dependência química.

No meu entendimento o preconceito muitas vezes é uma reação a uma ação, o fato de agressão muitas vezes está ligado a uma provocação, seja ela direta ou indireta, um exemplo é quando um gay procura flertar com outro homem que heterossexual, então pra que eu provocar alguém que eu sei que não tem a mesma opção sexual que eu, embora não justifica a violência, mas acredito que isso provoca uma reação. Eu nunca sofri, porque eu sempre tentei me colocar no meu lugar.

Acredito que o preconceito está presente na sociedade, mas vejo que ela caminha para a quebrar a visão de que a homossexualidade é uma coisa absurda ou anormal, os próprios homossexuais através dos movimentos vêm mostrando para a sociedade uma realidade. As pessoas começam a perceber que se trata de seres humanos e não meramente ou simplesmente homossexuais, até mesmo porque hoje está dentro de uma normalidade, as próprias famílias passou a compreender mais e a aceitá-la mais do que alguns anos atrás quando eu assumi.

Eu fui criado na igreja católica, participando ativamente, mas não me lembro desse assunto ser abordado diretamente. Quando meus pais descobriram minha opção foi por um fato que ocorreu dentro da igreja com outro adolescente que também era católico, nós dois éramos acólitos na igreja, e isso chegou aos ouvidos do padre e, ele foi muito inteligente, chamou as duas famílias para conversar e nos chamou também individualmente, tive uma orientação, mas infelizmente um seminarista, que hoje é padre, eu não sei se era por falta de preparação, ou porque não sabia lidar com esse tipo de situação, mas fato é que ele agiu de uma maneira imatura, ele era o coordenador dos coroinhas e não vez como o padre, sentar e ver o que estava acontecendo, apenas nos suspendeu do grupo de coroinha, eu sofri muito porque eu gostava do que fazia, e orientou a minha família a me proibir de fazer coisas que eu gostava, e eu achava que ficaria Poá ali esse assunto, não ficou, isso espalhou e caiu nos ouvidos de outros padres que eu conhecia, causando muito constrangimento, e esses padres tomaram isso como problema e não me orientaram, mas me proibiram de aparecer publicamente no altar, me proibia de ficar perto de outro menino sozinho, o que me frustrou mais tarde foi perceber que alguns desses padres tinham a mesma orientação que eu, então eu vejo que fui o bode expiatório, ou seja, eles se projetaram em mim.

Na igreja que eu freqüentava havia um padre tradicional, ele pregava que era Deus no Céu e a família na terra, às vezes em minhas confissões ou conversas particulares, tocava no assunto sobre o que era a homossexualidade, usava sempre expressões do tipo, você não pode ser mulher de ninguém, Deus criou o homem para a mulher e a mulher para o homem, mas sempre entendi e procurei entendê-lo, ele teve uma formação diferente, pois se tratava de um padre mais idoso.

Eu fui criado dentro dessa concepção, por exemplo, você está em casa e você tem pensamentos e desejos e acaba se masturbando, daí vem à culpa, isso é pecado mortal, cheguei a ouvir uma vez do padre que se eu me masturbasse e morresse antes de confessar eu iria para o inferno, então eu fui educado a ter medo do sexo antes do casamento, com outra pessoa do mesmo sexo então, imagina. Tinha medo de morrer e ser condenado por Deus por estar em pecando contra o sexto mandamento. Hoje eu não acredito que o sexo em si seja pecado, acredito sim, que se eu não respeito o meu corpo ou não respeito o outro, isso sim eu acredito que seja pecado, mas ter relação com quem você gosta e com quem gosta de você não vejo nenhum problema.

Dentro da igreja eu sempre observei o papel do homem e da mulher bem definido, o homem dotado de poder nas mãos, detentor da autoridade, e mulher num papel mais submisso, e ainda continua sendo. A gente até percebe movimentos como o apostolado de Oração que tem uma maioria de mulheres, há certo preconceito por ser de mulheres, para o homem são outros papeis como o do ministro, outro aspecto é o dos coroinhas.

Continuo católico, mas minha prática diminuiu, muito. Eu acredito que a igreja lida com a homossexualidade com muita hipocrisia, pois eu tenho conhecimento de muitos homossexuais dentro do clero, daí eu me pergunto, como eles podem condenar algo que está dentro da própria liderança da igreja.

A comunidade não reage da mesma forma que os padres e os bispos, creio que o povo é mais aberto, pelo seguinte, na Assembléia quem é que não tem um amigo, ou um parente? Creio que a convivência direta de muitas pessoas acabam amenizando e facilita a aceitação, as pessoas podem até não concordar, mas pelo fato de conviver e ver que os homossexuais são pessoas tranquilas e muito bem resolvidas, então porque condenar? Sobretudo quando é pai ou mãe, acho que ninguém gosta de ver você falando mal de quem você gosta. Então penso que a massa da igreja não segue a mesma opinião da igreja oficial.

Não acredito que a bíblia condene a homossexualidade, mesmo que ela tenha passagem contra, eu acredito mais no amor pregado por Cristo, pois se ele pregou o amor, e eu não acredito que ele concebesse por amor verdadeiro, legítimo somente o que há entre um homem e uma mulher. Até mesmo porque o amor não pode se reduzir ao ato sexual. Acho até que a bíblia possa condenar, mas não creio que Deus condene.

Não tenho dúvida nenhuma de que Jesus aceitaria tranquilamente a homossexualidade. Acredito que ele não aceitaria a promiscuidade, ele se preocupava com o ser humano, não com a sua opção sexual.

Eu vivo a minha espiritualidade procurando estar em comunhão com Deus, não prejudicando ninguém, procurando ser correto na minha relação com Deus que passa pela relação com o próximo. Eu acredito que a crença seja importantíssima, mas não

creio que a gente tenha que estar inserido o tempo todo numa igreja, estar em intimidade com Deus no contato com ele, não preciso estar dentro da igreja.

Eu acredito na possibilidade de uma comunhão com a igreja mesmo mantendo uma relação homoafetiva, acredito na fidelidade de um relacionamento, eu não vejo a necessidade de divulgar, somos o casal homossexual, da mesma forma que os heterossexuais não precisam ficar mostrando somos um casal heterossexual. Acredito inclusive na possibilidade de desenvolver os trabalhos pastorais e atividades, como qualquer outro dentro da igreja, é como eu já disse somos todos, pessoas humanas. Se na sociedade eu sou cidadão como outro qualquer com direitos e deveres, cumpro com minhas obrigações e as leis como qualquer outro ser humano, porque que na igreja eu também não posso participar? pelo fato de eu ser homossexual?

Não sou a favor de um casamento religioso entre gays, por questão cultural, aceito e sou a favor da união civil, mas não vejo a necessidade de uma cerimônia matrimonial, talvez se houvesse uma benção mais discreta, o matrimônio eu acho um pouco pesado, vejo como uma agressão a fé, ou a doutrina sacramental da igreja. Não acredito que a igreja iria liberar um casamento, e mais a cobrança de fidelidade entre dois homossexuais seria maior do que a de um casal heterossexual.